



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**O LAR, UMA AÇÃO AFIRMATIVA, COMO INSTRUMENTO
DA PEDAGOGIA INCLUSIVA**

ANDREZA LALESKA XAVIER DE CARVALHO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Brasília - DF

2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**O LAR, UMA AÇÃO AFIRMATIVA, COMO INSTRUMENTO
DA PEDAGOGIA INCLUSIVA**

ANDREZA LALESKA XAVIER DE CARVALHO

Trabalho Final de curso apresentado à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Pedagogia.
Orientador: Prof. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Brasília - DF

2011

**O LAR, UMA AÇÃO AFIRMATIVA, COMO INSTRUMENTO DA
PEDAGOGIA INCLUSIVA**

ANDREZA LALESKA XAVIER DE CARVALHO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro
Faculdade de Educação – UnB
(Orientador)

Professora Dr.^a Sônia Marise
Faculdade de Educação – UnB
(Examinadora)

Professora Dr.^a Tereza Cristina S. Cerqueira
Faculdade de Educação – UnB
(Examinadora)

Brasília-DF

2011

“Penso que sempre existe a possibilidade de as pessoas se transformarem, mudarem suas práticas de vida, enxergarem de outros ângulos o mesmo objeto/situação, conseguirem ultrapassar obstáculos que julgam intransponíveis, sentirem-se capazes de realizar o que tanto temiam, serem movidos por novas paixões...

Essa transformação move o mundo, modifica-o, torna-o diferente, porque passamos a enxergá-lo e a vivê-lo de um outro modo, que vai atingi-lo concretamente e mudá-lo, ainda que aos poucos e parcialmente.”

(Mantoan, Maria Teresa Eglér, 2001).

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão fundamental de toda minha existência. Que sempre se fez presente em minha vida e nunca me abandonou. Sem a Sua proteção, a Sua direção, Sua permissão, Seu auxílio e Seu amor por mim jamais conseguiria obter com êxito a conclusão do meu curso.

Em especial minha família, a minha mãe, Silvina e minhas Irmãs, Angela, Silvana e Waleska. Agradeço pela coragem de mãe e sacrifícios para que eu pudesse chegar até aqui. E o incentivo que cada uma, de alguma forma, despertou em mim a busca pela vitória.

Às Irmãs e funcionários do Lar Madre Eugênia Ravasco, que foram essenciais na minha educação. Em especial as Irmãs Célia, Maria José e Luiza; e o “Seu Renato.”. E as meninas que contribuíram para realização dessa pesquisa.

Aos professores que me acompanharam nessa jornada escolar e acadêmica, em especial ao meu orientador Álvaro, pois foram fundamentais em meus estudos e sem a contribuição deles não seria possível essa realização.

Aos servidores da secretaria da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília pelos bons préstimos e atenção no decorrer do curso. Aos profissionais que diretamente e indiretamente contribuíram no término do meu curso. Muito obrigada.

Às pessoas que me apoiaram e estenderam a mão em tantos momentos. Amigos e colegas do curso de Pedagogia pela amizade, pelos momentos de aprendizado, felicidades e lamentações. Todos aqueles que passaram pela minha vida e que fizeram a diferença para que essa conquista se tornasse real. Sou muito grata.

CARVALHO, Andreza Laleska Xavier. *O Lar*, uma ação afirmativa, como instrumento da pedagogia inclusiva. Brasília - DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2011.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a relevância de ações afirmativas, tal qual o objeto de estudo, como um espaço de inclusão proporcionando oportunidades iguais. O primeiro capítulo planeia a inclusão através de uma breve abordagem que busca compreender o uso do seu termo. Apresenta em seguida o histórico e trata sobre o conceito da ação afirmativa. O segundo capítulo faz um retrospecto dos aspectos históricos da creche e busca compreender a evolução desta. Faz uma reflexão acerca do paradigma assistencialismo versus educação, a relação com o cuidar e educar presentes no cotidiano de ambientes de educação, instigando possíveis caminhos para uma pedagogia inclusiva e comprometida com o desenvolvimento da criança. Tecendo aos finais o papel social e o acolhimento continuado de acordo com o princípio de solidariedade. Será que as ações afirmativas podem possibilitar mudanças na trajetória educacional a fim de incluir, crianças de baixa renda, numa sociedade de tantas desigualdades? No terceiro capítulo é apresentada a metodologia e no capítulo seguinte os resultados, a partir de uma análise dos dados coletados.

Palavras-chaves: ação afirmativa, inclusão, educação

CARVALHO, Andreza Laleska Xavier. *O Lar*, uma ação afirmativa, como instrumento da pedagogia inclusiva. Brasília - DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2011.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relevance of affirmative action, like the object of study, as a space to include providing equal opportunities. The first chapter is planning to include with a short approach that seeks to understand your use of the term. Then presents the history and deals with the concept of affirmative action. The second chapter gives a retrospect of the historical aspects of the nursery and seeks to understand the evolution of this. It makes one reflect on the verses education welfare paradigm, the relationship with the care and education in the everyday environments of education, prompting possible paths to a pedagogy committed to inclusive and child development. Weaving finalmentes to host the social role and continued in accordance with the principle of solidarity. Does affirmative action can enable change of career education to include children in a society of so much inequality? In the third chapter presents the methodology and the following chapter the results from an analysis of data collected.

Keywords: affirmative action, inclusion, education

APRESENTAÇÃO

Este trabalho monográfico é decorrente das disciplinas Projeto V e Seminário sobre trabalho conclusão de curso (TCC), para o semestre de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB.

O tema que conduz este trabalho de final de curso é Ação Afirmativa como instrumento da Pedagogia Inclusiva, que foi escolhido com o objetivo de contribuir com as práticas pedagógicas.

Este trabalho de conclusão de curso é composto por três partes:

PARTE I. MEMORIAL: Relato do porquê da escolha do curso de Pedagogia, bem como descrição da história acadêmica na UnB durante os semestres de permanência.

PARTE II. MONOGRAFIA:

- INTRODUÇÃO: Apresentação do trabalho monográfico.
- JUSTIFICATIVA: Fundamenta o porquê da escolha do tema.
- RELEVÂNCIA DO ESTUDO: Contextualização do problema e da hipótese da pesquisa.
- OBJETIVOS: Exposição dos objetivos gerais e específicos do trabalho.
- REFERENCIAL TEÓRICO: Constitui um embasamento teórico dividido em dois capítulos.
- METODOLOGIA: Descrição da metodologia utilizada para colher dados em relação ao tema.
- ANÁLISE DOS DADOS: Análise dos dados obtidos pelos instrumentos usados na metodologia (entrevista semiestruturada), estabelecendo uma relação com a teoria do referencial teórico.
- CONSIDERAÇÕES FINAIS: Desfecho do trabalho monográfico concluindo aspectos a partir das análises críticas dos dados.
- REFERÊNCIAS: Lista de livros e autores usados para fundamentar a monografia.
- ANEXOS: Roteiros das entrevistas e as referidas entrevistas.

PARTE III. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: Minhas perspectivas profissionais no âmbito da pedagogia.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
PARTE I.....	12
MEMORIAL EDUCATIVO	13
A infância e as séries iniciais do Ensino Fundamental.....	13
Ensino Fundamental - mais uma mudança.....	15
Ensino Médio	18
Ansiedade	22
Um passo adiante - o sonho UnB.....	22
Outro olhar diante da realidade.....	27
PARTE II	29
INTRODUÇÃO	30
JUSTIFICATIVA	30
RELEVÂNCIA DA PESQUISA	30
OBJETIVOS	31
CAPÍTULO I - COMPREENDENDO A AÇÃO AFIRMATIVA	32
1.1 Refletindo a Inclusão	32
1.2 O conceito de Ação afirmativa	35
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO: CAMINHO DA INCLUSÃO	42
2.1 Contextualizando a creche.....	42
2.2 Cuidar e educar: valores indissociáveis.....	48

2.3 Caminhos pedagógicos da inclusão: o papel social	52
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	57
3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa	57
3.2 Contexto da Pesquisa	58
3.3 Sujeitos participantes	60
3.4 Instrumentos de coleta de dados.....	61
3.5 Procedimentos de coleta de dados.....	62
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS	63
4.1 Concepção das responsáveis acerca das ações afirmativas.....	63
4.2 Proposta pedagógica, rotina e atividades do <i>Lar</i> Madre Eugênia Ravasco	64
4.2.1 Proposta pedagógica.....	64
4.2.2 Rotina de segunda a sexta	66
4.2.3 Atividades desenvolvidas no <i>Lar</i>	70
4.2.4 Momentos marcantes	76
4.2.5 Os laços de relações	78
4.2.6 Participação da família	81
4.3 Quebra do paradigma: assistencialismo versos educação.	84
4.3.1 Atitudes que falam por si.	85
4.4 O acolhimento no <i>Lar</i> como possibilidade de mudança na trajetória educacional das jovens deste estudo - inclusão	88
4.4.1 Uma busca de identidade	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96

PARTE III.....	98
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	99
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	103
Apêndice 1. Termo de autorização do uso do nome do Instituto	104
Apêndice 2. Roteiro I - Entrevista meninas do Instituto	105
Apêndice 3. Entrevista menina (M1)	106
Apêndice 4. Entrevista menina (M2)	113
Apêndice 5. Entrevista menina (M3)	117
Apêndice 6. Entrevista menina (M4)	122
Apêndice 7. Roteiro II - Entrevista Irmãs do Instituto	125
Apêndice 8. Entrevista Irmã (I1).....	126
Apêndice 9. Entrevista Irmã (I2).....	141
Apêndice 10. Entrevista Irmã (I3).....	148
Apêndice 11. Roteiro III - Entrevista egressas do Instituto	153
Apêndice 12. Entrevista egressa (E1).....	154
Apêndice 13. Entrevista egressa (E2).....	155
Apêndice 14. Entrevista egressa (E3).....	162
Apêndice 15. Entrevista egressa (E4).....	163

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

A infância e as séries iniciais do Ensino Fundamental

Vou planejar a minha trajetória educacional e pessoal até o presente momento, com evidência aos fatos e as situações mais marcantes de cada fase, para a reflexão de novos rumos e desafios contínuos em minha vida. Minha família é do interior da Bahia e no início de Brasília parte dela veio em busca de oportunidades. Nasci no ano de 1986, em Brasília. Durante os primeiros anos de vida não frequentei o maternal ou escola. Eu não conhecia meu pai, logo minha família se constituiu pela minha mãe Silvina; e minhas irmãs Angela, Silvana e Waleska.

Aos sete anos de idade, minha mãe me inseriu na escola. Fato que recordei foi minha mãe me levando na escola para verificarem em qual série me encaixariam e no momento da escrita escrevi o número 1, com o traço para a direita, errado, caçoaram de mim. Um agravante que poderia me desmotivar diante da escola. A professora afirmou que eu entraria na 1ª série. Era pública, a Escola Classe 413 sul. Minha professora, Célia, era exigente, um tanto séria e gostava de disciplina. Na 2ª série fui para a Escola Classe 410 sul. Nesse período eu ia de tarde para a Escola Parque. Tanto na 1ª quanto na 2ª série eu voltava pra casa com minha irmã mais velha e de tarde tinha que dormir porque minha irmã dormia, era torturante ter que dormir todas as tardes e não poder fazer nada.

No ano seguinte, na 3ª série fui para a Escola Classe 708 norte, minha professora se chamava Ada. Sempre no início das aulas reuniam os alunos, cantavam o Hino Nacional e chamavam um aluno para iniciar uma oração, geralmente o Pai Nosso. Algumas vezes fui à frente fazer a oração, uma vez que, no *Lar*, as Irmãs enfatizavam a importância desses momentos. A escola tinha uma biblioteca e a professora fazia atividades com premiações, como incentivo, a quem lia mais livros e apresentava relatórios a ela. Porém eu lia os livros apenas acumulando quantidades sem o entendimento real da proposta de incentivo. Tinha uma aluna com necessidade educacional, surdez, e fiz amizade com ela. Foi meu primeiro contato com alguém com esse tipo de especificidade.

Nesse mesmo ano entrei no Lar Madre Eugênia Ravasco. Um Instituto de Irmãs que acolhe 30 meninas ou mais, de famílias de baixa renda, estando meio período na escola e

meio período aos cuidados das Irmãs. De manhã minha mãe me deixava, junto com minha irmã Waleska e nos buscava às de noite. Lá tinha horários de tomar café, estudar, brincar, fazer trabalho manual com artesanatos, almoçar, limpeza, tomar banho e ir para escola. Com uma estrutura adequada ao acolhimento das meninas. Lá tinha sala de estudos, sala de televisão/brinquedos e trabalhos manuais, refeitório, banheiros, uma quadra de esportes, um parque e um amplo espaço de árvores frutíferas. A gente sempre colhia alguma fruta das árvores e ficava na expectativa de chegar a época das frutas preferidas como manga, a minha. Eu subi várias vezes nas mangueiras para colher, embora as Irmãs nos monitorassem para não nos machucarmos. Colhi várias amoras, descobri que a noda da jaca impregnava e manchava. Deliciei-me com caquis que tanto se pareciam com tomates, conheci pés de maracujá, de melância, tomatinhos. Vi o cuidado e carinho com que a Irmã Luiza tratava a horta que nos rendiam vários alimentos.

No decorrer de nossa rotina tínhamos atividades de limpeza, onde cada uma ficava responsável pela limpeza de alguma área utilizada por nós mesmas, despertava a importância do cuidado com o *Lar* e supria um aprendizado que muitas vezes em casa talvez nossas mães não teriam tempo para ensinar. Tinha os diversos trabalhos manuais que eram ensinados e que as Irmãs tinham o cuidado conosco, nós oferecendo a oportunidade de desenvolver atividades que futuramente poderiam ser uma alternativa de fonte de renda a mais. E quando nos terminávamos os trabalhos a Irmã fazia o ajuste que fosse necessário e deixava exposto em uma vitrine na portaria do *Lar*, onde pensionistas, pessoas de fora e até mesmo as mães tinham acesso e compravam. Metade do que era arrecadado ficava com as Irmãs e a outra parte nos era dado. Então diante dessa proposta a gente desenvolvia uma importância a mais da atividade que executávamos. Momento de propício para explorar nossa criatividade, sem citar o valor pessoal que agregávamos.

Na 4^o série permaneci na escola. A professora se chamava Marlene, ela era mais séria e ranzinza refletindo uma falta de proximidade. Eu gostava muito das aulas de educação física, que se resumiam em queimada para as meninas e futebol para os meninos. O que denotava a falta de diversidades das atividades. Nas Irmãs parte das meninas iam para escola particular e outras para escola pública. Algumas meninas que iam pra escola particular deixavam transparecer o sentimento de grandeza, embora estivessem na mesma condição social que as outras. Na hora de ir pra escola o grupo de meninas que estudavam na escola particular, Centro Educacional Sagrada Família que se localiza a poucos metros do Lar Madre Eugênia

Ravasco, era acompanhado até o portão por uma Irmã. Já as meninas que estudavam em escola pública, como a Escola Classe 708 norte ou iam de grupo com a Irmã Maria José a pé ou iam de Kombi com a Irmã Luiza ou seu Renato, funcionário do *Lar*.

Ensino Fundamental – mais uma mudança

No ano seguinte as Irmãs conseguiram uma bolsa integral no colégio Sagrada Família para mim. Onde cursei todo o meu ensino fundamental. Tive que fazer um teste pra saber se ficaria na 5ª série e fiquei. Confesso que foi um momento de muita alegria. Tive dificuldades no início em me adaptar em relação à quantidade de professores, que passaram de três para mais que o dobro, o ritmo e a nova realidade escolar. O inglês foi uma matéria que tive dificuldade, pois nunca tinha estudado antes, diferente dos alunos de lá que começavam desde a primeira série, mas as Irmãs sempre tinham o cuidado, atenção e estavam a postos, dispostas a ajudar. Fiquei para recuperação em mais de uma matéria, na 5ª e 6ª séries. As aulas de artes eram diferentes, tinha teoria e prática. Gostava dos trabalhos oferecidos. As atividades tinham propostas diversas e não eram avulsas, livres de fundamentos.

Existia uma cobrança muito grande em ter boas notas e não repetir o ano, pois quem viesse a repetir perdia mais que um ano escolar, perdia também a bolsa do colégio. Eu gostava de brincar com os meninos, jogar futebol, correr e por isso algumas meninas chegavam a me chamar de “mulher macho”. Estereótipos que muitas vezes afligem as crianças no meio escolar e se faz necessário a intervenção dos professores para que não tomem proporções maiores e venham a causar danos à criança. Por vezes me incomodava, porém jamais deixei de fazer o que queria. Eu levava o lanche que era preparado e colocado em um saquinho plástico, pelas Irmãs, com todo cuidado. A maioria dos meus colegas comprava lanche na cantina da escola e por vezes me sentia constrangida em tirar o lanche de dentro do saquinho e fazia isso com ele ainda na mochila. Meu uniforme era mais usado e essas diferenças me inibiam um pouco. Surgiam comentários desagradáveis como em relação ao meu sapato, me disseram que parecia sapato de açougueiro. As diferenças de realidade me levaram a refletir no modo em que crianças como eu ao serem integradas em novas realidades, se sentem deslocadas e não incluídas. Sofrendo com discriminações e sendo submetidas a situações de constrangimento diante dos colegas.

No *Lar* sempre era enfatizado as datas comemorativas e em cada data as Irmãs preparavam alguma surpresa. No Dia das Mães, fazíamos trabalhos manuais como tapetes, bordados entre outros para presenteá-las. A Irmã organizava apresentações onde fazíamos

danças, poesias e teatro. E a família sempre estava presente no momento das comemorações. No Dia dos Pais por vezes cheguei a fazer cartinha para minha “Pãe” que era uma mistura de pai com mãe, onde pra mim minha mãe exercia os dois papéis na ausência de um pai. Muitas meninas não tinham a presença paterna e isso se tornava uma característica das crianças do *Lar*. Fato constatado através da ausência de comemoração do Dia dos Pais.

Em especial havia uma grande expectativa em relação à Páscoa, Dia das Crianças e Natal, sempre relevando o cunho religioso. Em algumas dessas datas as Irmãs recebiam ajuda em forma de doações. E isso refletia na gente desenvolvendo desde cedo a importância da solidariedade. Na Páscoa a gente sempre recebia chocolate. A Irmã sempre tinha o cuidado de nos atentar ao real fundamento da Páscoa que transcendia o mero chocolate.

Dia das Crianças sempre tinham presentes, alguns que guardo até hoje. Em uma das comemorações desta data foi inaugurada uma mesa de pingue-pongue construída no parque. E nós além das festividades tivemos um almoço ao ar livre, foi muito divertido! Depois brincamos no parque. Eu me sentia bem e querida. Recebia presentes que provavelmente minha mãe por mais que quisesse não poderia me dar. Mesmo sendo presentes que em boa parte eram de utilidade para o dia a dia como, por exemplo, toalhas, sapatos, escovas, dentre ursos e afins.

No Natal, fim de ano, sempre tinha festa. Reuniam todo mundo, pais e filhas. Na verdade mães e filhas em sua maioria, pois eram poucos os pais que apareciam. A gente sempre fazia alguma apresentação de teatro ou dança. As Irmãs faziam um bolo grande e as meninas, que não iriam continuar no *Lar* no ano seguinte, o repartiam. Era uma grande emoção. Recordo de uma das festas de Natal em que uma senhora, que veio com a família, se fantasiou de papai Noel e distribuiu sacos de presentes da RIHAPPY, uma empresa de brinquedos. Eu ganhei um tênis, uma saia branca, uma blusa regata azul e um urso. Foi uma euforia só. Era muito boa a convivência com as meninas uma vez que tínhamos a oportunidade de fazer amizades e ter companhias para brincar, dividir momentos de alegria e lamentações. E estar em contato com as mais diversas realidades, que na ausência do *Lar* não teríamos essa oportunidade. E isso sem dúvidas contribuiu para minha maturidade.

Em nossa rotina nas Irmãs tínhamos atividades como passeios que era um momento onde nos era ofereciam cultura e entretenimento. Inviável a minha família estabelecer essa frequência de atividades.

Na sétima série eu já tive uma melhora significativa, mas tinha certa dificuldade com

exatas. Matemática não era o meu ponto forte, mas foi nesse ano que entrou um professor chamado Rogério e trouxe uma atividade que me estimulou. Era o PAT (Programa de Avaliação Total) onde ele dava o conteúdo e avaliava logo em seguida sem deixar acumular e ao final dava uma prova com todo o conteúdo estudado. Foi a partir daí, com esse professor que minhas notas começaram a melhorar em matemática. Cada nota boa que tirava era motivo de querer melhorar. Eu cheguei a tirar nota máxima em uma prova, somente eu e outros poucos obtiveram esse êxito. Foi a minha primeira nota 10 em matemática, cheguei às Irmãs e mostrei minha prova. Parabenizaram-me. Falei com entusiasmo à minha mãe a notícia e ela não respondeu com a mesma euforia. As Irmãs por vezes nos supriam uma atenção que por preocupações e dificuldades nossas mães deixavam passar despercebidas.

Além de nos apoiar as Irmãs ofereciam apoio às mães, sempre procurando conversar com elas e entender o que se passava em cada família. Chegando a fazer visitas frequentes em nossas casas, para dar atenção e acompanhar a situação das famílias. A Irmã dava orientações e conversava com todos. Sempre encerrávamos as visitas com uma oração. As Irmãs estavam sempre priorizando a união e harmonia da família, além de colocarem o valor da espiritualidade sempre à frente como base.

As aulas de geografia com o professor Gervásio eram bem divertidas. Ele aplicava o conteúdo elaborando músicas com o assunto abordado, facilitando a assimilação. Ainda me recordo de trechos das músicas: “Geografia, geografia, estudo a matéria ou entro numa fria.” Em um trabalho sobre o índio, fui escolhida pelo grupo e me caracterizei para a apresentação, essas dinâmicas estimulavam a criatividade da turma. Biologia com a professora Ermaine também era interessante sempre que podia tínhamos propostas de atividades que deixavam a aula mais dinâmica como, por exemplo, na hora de aprender sobre as plantas saíamos da sala e a aula era no jardim. Então no decorrer da minha trajetória fui percebendo como era importante a presença do professor de uma forma dinâmica, que levasse o aluno a se apropriar dos conteúdos de forma mais palpável.

Na oitava série eu já tinha adquirido mais segurança. Sabia que com esforço podia ser uma boa aluna e fazia por onde ser. O reconhecimento por parte da Irmã Maria José, responsável por mim no *Lar*, foi fundamental. Ela acompanhou minha evolução escolar. Sentia por parte dela a vontade de querer me ver cada vez melhor e isso me motivava.

Mais uma vez tive contato com uma aluna que tinha necessidades educacionais, ela tinha surdez e usava aparelho. Com a chegada dela na turma, apesar de sua leitura labial, os

professores e a turma tinham que ter alguns cuidados como nunca falar de costas ou rápido demais e essa convivência se estendeu até o terceiro ano do ensino médio. Estudando com ela pude perceber as dificuldades que um aluno com necessidades educacionais tem. Os preconceitos e as situações constrangimento em que, por exemplo, quando alguém falava algo com ela e ela não entendia e ainda assim na segunda vez em que repetia ainda sem entendimento ela respondia qualquer coisa para não ter que passar pelo constrangimento de perguntar pela terceira vez e lidar com a impaciência e insensibilidade dos outros. E mais uma vez entrava a participação do professor em saber lidar com as especificidades dela e contornar as mais diversas situações que a colocassem-na em uma posição desigual diante dos outros.

Nas Irmãs ficavam meninas até a 8ª série e nesse ano foi dito que eu sairia do *Lar* e conseqüentemente da escola também, uma vez que a bolsa integral era concedida pelo vínculo com as Irmãs. Na festa de Natal foi muita emoção, era a minha vez de repartir o bolo e aquela situação me deixava muito triste, pois eu estava partindo. Assim como eu algumas outras meninas também, porém eu fui uma das poucas exceções. Minha mãe conversou com as Irmãs e eu permaneci no ano seguinte no *Lar* e na escola.

Ensino Médio

No primeiro ano do ensino médio passei a estudar de manhã e tinha aula de educação física de tarde duas vezes na semana. Foi bem diferente a mudança de turno porque acabei me separando das meninas no *Lar*, já que estudavam de tarde. Os jogos internos da escola ao em vez de Safinha agora era Safão. Particpei da abertura de jogos em uma apresentação de dança, junto com outras meninas que se dispuseram. Uma coreografia com bambolês e o figurino era uma blusa laranja padronizada, short e tênis. Havia um incentivo na participação de atividades. A Irmã Maria José sempre falava para aproveitarmos as oportunidades que a escola oferecia. Era uma semana inteira de jogos internos, uma semana de muita alegria para mim. Um momento em que me destacava. Apesar de já ter minhas amizades e ser mais desinibida, aquelas pessoas que não falavam com tanta frequência comigo me enxergavam de outra forma. Participava de todas as modalidades e minha turma se destacava ganhando medalhas de ouro e prata. As aulas de educação física pra mim eram sublimes, eu gostava muito e minha professora mais conhecida por “Kite” via o quanto me interessava pelas aulas e eu tinha um retorno dela.

Quando voltava às Irmãs das aulas de educação física de tarde, ou mesmo nos outros dias, encontrava Irmã Luiza. Ou melhor, Irmã Linda Luiza, nome que veio a calhar. Pela

pessoa carinhosa e preocupada com todas as meninas. Ela sempre estava pronta a nos agradar seja oferecendo sacolas com pães para levarmos para casa, seja na hora de preparar sobremesas com todo carinho para nós. E quando não estava no momento em que chegávamos da aula deixava arrumada e separada a sacola para levarmos para casa. Irmã Luiza sempre demonstrou bastante cuidado e atenção com as meninas, seja dando orientações em vários momentos, seja de limpeza, seja de oração ou mesmo na importância dos estudos para uma formação futura de sucesso. Que Deus a tenha.

No mesmo ano participei de um grupo de dança orientado pela professora Kátia Nadiejda do Centro de Artes Claude Debussy. A música da apresentação era com tambores, cantos e trajes afros. Nós ensaiamos a coreografia e apresentamos no Centro de Convenções. Eu mais uma vez fiquei muito feliz com minha participação em uma atividade de dança. Após essa apresentação a professora manteve o grupo de doze meninas, nós começamos a ensaiar outra apresentação. Éramos as “Dançarinas do Circo”. E nos apresentamos para a Mostra Coreográfica no ano de 2002, chamada O Circo, no Teatro Nacional Cláudio Santoro na sala Martins Pena. Nosso grupo era o único composto por alunas que não eram propriamente dançarinas e foi um dos mais aplaudidos. Foi uma sensação realmente inesquecível, foi revigorante. E a oportunidade de poder ter contato com a dança foi única, porque com certeza era mais um momento oportuno para novas atividades. E que eu pude ter esse acesso.

Física no primeiro ano foi uma dificuldade, o professor era muito severo e autoritário. As aulas dele eram cansativas e as provas com alto grau de dificuldade. Em sua aula ninguém conversava, senão era penalizado. Juntando a dificuldade na matéria com o modo que o professor ensinava não tive um bom rendimento. Em matemática, com o professor Edmar, tive momentos de dificuldades por ser matemática, mas gostava das aulas do professor. Em química com o professor Kelson eu tinha um bom rendimento, gostava da matéria e das aulas principalmente quando eram no laboratório.

Geografia era com o professor Flávio, bem divertido brincava bastante com a turma, mas sempre mantinha o controle. Com ele era possível perceber que o professor podia descer daquele degrau que o elevava em relação à turma sem perder a sua autoridade de professor. No final das aulas de vez em quando tocava violino. Já em história o professor não tinha didática e se dispersava dos assuntos abordados em sala de aula. Eu fazia síntese da aula enquanto o professor explicava, ele me vendo escrever certa vez me chamou atenção dizendo que não precisava escrever, pois tudo que eu precisava tinha na apostila e era o suficiente. Ele

não respeitava as diversas formas que o aluno tinha pra assimilar os conteúdos. Biologia era com o professor Ângelo que contava várias experiências pessoais, trazendo ligações entre suas vivências e o conteúdo estudado.

Em português eu era outra aluna comparando com anos anteriores e a professora Ana Cristina acompanhou e reconhecia o meu avanço, chegando a exclamar certa vez: “Andreza seu desempenho melhorou muito, antigamente dava vergonha de pegar suas provas!” e eu sorri levando em conta o lado positivo. As aulas de artes agora com a professora Fátima já não eram mais tão interessantes, tinha parte teórica, prova, e atividades práticas praticamente nenhuma. Redação era uma disciplina separada de português e eu tinha bons desempenhos. Apesar de que disciplinas em que as provas eram elaboradas com questões discursivas eram temidas, uma vez que não tínhamos esse hábito e as provas continham uma boa parte objetiva.

Fiz um curso de revisão de português que estava sendo oferecido gratuitamente na UnB, era apenas em um sábado. Quem dava o curso eram alunos de letras, prestes a se formarem, com a supervisão de professores. Foi a primeira vez que fui à Universidade de Brasília e a princípio o que mais me chamou atenção foi sua imensidão, era tão grande em relação à minha escola. E hoje vejo que essa imensidão vai além da proporção de estruturas físicas. Começou a se falar em vestibular, pois no primeiro ano fazíamos a primeira fase do PAS (Programa de Avaliação Seriada) da UnB. Eu ainda não estava decidida do que exatamente queria fazer.

No segundo ano, mudaram alguns professores. Quem ensinava matemática era o professor “Didi”, os meninos questionavam bastante na aula dele e isso o desconcertava. A impressão que dava era que ele tinha que saber tudo e sempre mais por estar na posição de professor tido como figura inalcançável pelo aluno. O professor Jeferson era o de física e ao contrário do anterior dava mais espaço pra tirar dúvidas, as aulas eram mais dinâmicas e passamos a ter aulas no laboratório com frequência. História entrou o professor Sérgio. Eu gostava das aulas dele, eram bem divertidas e diferentes do ano anterior não sentia vontade de dormir por causa da monotonia. Tive dificuldades em química e mais uma vez a irmã teve a preocupação em me acompanhar e ajudar. Procurou uma pensionista que cursava química na UnB e pediu que ela me apoiasse na matéria em vista das dificuldades.

Para o “Safão”, jogos internos da escola, anunciaram de sala em sala o convite às meninas para participarem da abertura dos jogos com uma apresentação de dança do ventre e

não precisava saber dançar, pois teria uma professora para passar a coreografia e ensinar os passes necessários. A oportunidade de aprender novas atividades propostas era maravilhosa. Então participei da abertura de jogos com uma apresentação de dança do ventre.

Faltava apenas um ano pra eu concluir o ensino médio e isso me assustava um pouco. A concorrência dentro da própria sala de aula se acentuava cada vez mais, uns querendo se sobressair sob os outros. Nas Irmãs já estava tudo muito diferente, eu ficava mais só, pois era a mais velha e estudava de manhã. Ficava a cargo de ajudar as outras meninas no que era ao meu alcance em momentos oportunos. Ficávamos de tarde apenas eu e Aline que fazia também o ensino médio. Fiz a segunda fase do PAS ainda sem ter uma decisão definitiva sobre a escolha do curso.

Último ano da escola eu estava prestes a terminar o ensino médio. Entrou uma nova professora de português, a Vânia. As aulas eram bem animadas, divertida e ela ensinava muito bem. Tinha uma atenção e transparecia o gosto em exercer sua função de professora. Era vista com carinho pelos alunos e era muito querida. Incentivou a turma a participar do sarau da escola e nós apresentamos uma peça de teatro. Montamos um grupo de cinco meninas e fizemos uma coreografia, usando uma música dos anos 60, com direito a vários passos, estrelinhas, aberturas, saltos e criatividade. Foi muito interessante elaborar a coreografia, cada uma contribuiu um pouco e fomos aplaudidas por todo auditório.

Foi marcante a maneira que cada professor ensinava. E assim na diversidade de cada um pude me atentar o quão era importante o papel do professor na trajetória de um aluno. A forma que ele podia contribuir no seu desenvolvimento, positivamente ou negativamente. A dinâmica que podia usar para tornar tudo mais prazeroso. Ou mesmo a ausência da dinâmica e didática que ofuscava às vezes o gosto do aluno pela matéria, o quão era prejudicial. Resultando em desmotivação. Então prestar atenção na figura do professor como peça fundamental para a vida de um aluno foi essencial para futuras decisões.

Naquele ano de 2004 chegava o fim de uma jornada. Eu ia terminar o terceiro ano, sair da escola e do Lar Madre Eugênia Ravasco. Confesso que isso me deixava apreensiva quanto ao rumo que minha jornada tomaria.

A ansiedade

As atenções estavam voltadas para a última fase do PAS. Quem tivesse uma boa nota alcançaria uma vaga na tão sonhada Universidade de Brasília, federal. No meu percurso

escolar pensei em optar por diversos cursos, como veterinária, odontologia, biologia, educação física. Em casa ninguém opinava ou sugeria alguma posição. Na última fase do PAS a minha vontade era escolher o curso de educação física, mas como a concorrência era grande optei pelo curso de pedagogia, que era um curso que me chamava atenção e me identificava devido às diversas inquietações que surgiram na minha trajetória educacional.

No dia posterior à formatura me senti angustiada. Não tinha mais que ir à escola, nem às Irmãs, eu tinha terminado o ensino médio. Eu via a situação das minhas irmãs, Silvana tentou entrar na UnB uma vez e depois desistiu e foi trabalhar. Angela tentou várias vezes e chegou a se preparar com cursinho e não conseguiu ingressar e logo foi trabalhar. Logo apesar do meu desejo maior de ingressar na universidade o cenário que eu via implicava desmotivação de certa forma.

O resultado do PAS saiu no início do ano de 2005 e eu não passei em Pedagogia. Desde o fim das aulas ficava somente em casa. Não fiz o primeiro vestibular de 2005. Minha comunicação com amigos era mínima, através de cartas. E assim eu conversava com eles. Em uma dessas correspondências um amigo me disse que a mãe dele, responsável por um projeto pedagógico, precisava de alguém para trabalhar. Eu logo comuniquei a minha mãe, ela me acompanhou e então comecei a trabalhar em abril no SER PAI (Sociedade de Educação e Recreação Programa de Atividades Infantis). Eu auxiliava as tarefas escolares e acompanhava os alunos nas atividades desportivas e recreação.

Consegui a isenção para prestar o segundo vestibular de 2005. Fiz a prova e mais tarde quando saiu a relação de aprovados recebi o resultado sem esperar pela notícia. Um amigo me entregou a lista de aprovados e lá estava meu nome. Andreza Laleska Xavier de Carvalho - Pedagogia noturno, eu estava aprovada. Foi uma felicidade inexplicável. A concretização de mais um passo rumo ao êxito. Resultado de um investimento das Irmãs do *Lar* em conjunto com a minha mãe.

Um passo adiante, o sonho UnB.

No 2/2005 fui efetivar minha matrícula um dia antes do prazo movida pela ansiedade e voltei no outro dia. Na matrícula aceitei todas as matérias oferecidas, ainda não entendia claramente como funcionava o “sistema” de matrículas da universidade. Era tudo muito novo. Participei da recepção dos calouros, programada pelos estudantes do Centro Acadêmico de Pedagogia. Os alunos se reuniram em frente à Praça da FE (Faculdade de Educação), para

fazer um tour pela UnB. Estávamos com tochas e lanternas para a caminhada com início na FE. Passamos pelo CEAD (Centro de Educação à Distância), descemos até o ICC (Instituto Central de Ciências) e chegamos à Biblioteca Central, depois voltamos para o ponto de partida. No dia seguinte teve a continuação da recepção e minha mãe me acompanhou. Os estudantes falaram sobre a estrutura do currículo de Pedagogia, da estrutura da universidade, direitos dos estudantes, sobre o RU (Restaurante Universitário), fizeram apresentações e esclarecimentos de dúvidas. Isso era o começo de uma longa jornada acadêmica e essa atividade era extremamente importante para os alunos que estavam chegando com inúmeras dúvidas.

Na primeira semana de aula realizou-se o trote chamado “Professor Carrasco”, onde um veterano se passou por professor, apresentando-se de forma bem autoritária fazendo uma série de exigências. Uma aluna, também veterana, entrou em conflito com o professor e no auge da discussão um grupo de alunos entrou na sala com uma faixa desejando que todos fossem bem vindos. Eles falaram a respeito do trote, que o curso de Pedagogia é contra o trote violento e apoia o trote solidário. Foi tudo muito bem feito e um início que já começava com reflexões.

Enfrentamos uma greve logo no início do semestre, no mês setembro de 2005. Foi um grande transtorno e só retornamos às aulas em janeiro de 2006. Em cada disciplina o cronograma foi reorganizado, após longos dias de greve. Na greve momentos de articulações e debates se restringiam a poucos e para muitos era tido como férias.

A disciplina Antropologia e Educação era uma das minhas matérias no primeiro semestre. Enfrentei dificuldades de realizar o trabalho final, pois ainda não tinha me adaptado os novos padrões de exigências. Oficina Vivencial foi uma disciplina muito prazerosa, serviu para integrar os alunos. Fazíamos debates e diversas atividades. Sempre tinha um lanche, onde faziam uma divisão do que cada um iria levar, havendo uma socialização. O professor Armando era muito querido e as aulas eram bem dinâmicas. Investigação Filosófica foi tranquila por já ter algum conhecimento vindo do ensino médio. Perspectiva do Desenvolvimento Humano era uma disciplina que abordava assuntos que eram novidade pra mim, mas que me despertavam interesse. O professor Fausto era muito divertido e apesar de às vezes não compreender o assunto abordado, a disciplina foi de grande aproveitamento. Estar em um ambiente acadêmico era muito diferente. Era um turbilhão de informações que vinham e a falta de maturidade embaçava o compromisso com a academia.

Projeto 1- Orientação Acadêmica Integral (OAI), com a professora Rogéria, fizemos várias atividades dinâmicas. E contribuiu para nos familiarizarmos com a estrutura da universidade até então desconhecida por muitos.

Recebemos convidados na disciplina. A professora Fátima Rodrigues falou sobre a criação da escrita e fez dinâmicas com a turma. Um representante do Centro Acadêmico, o Rafael, falou do funcionamento do Centro Acadêmico, do Diretório Central de Estudantes entre outros assuntos como a EXNEPE (Executiva Nacional de Estudantes de Pedagogia), a UNE (União Nacional dos Estudantes), o FONEPE (Fórum Nacional de Estudantes de Pedagogia) e o ENADE (Exame Nacional de Estudantes).

A coordenadora Sônia Marise e o professor Álvaro Sebastião Ribeiro também foram convidados. A coordenadora Sônia falou sobre os projetos, as dificuldades do curso noturno e deu orientações. O professor Álvaro falou a respeito das opções profissionais que o pedagogo possui. Explicou o que eram os departamentos TEF (Teorias e Fundamentos), PAD (Práticas Administrativas) e MTC (Métodos e Técnicas) e como funcionavam. Relatou os problemas em relação à quantidade de professores. O professor Álvaro foi convidado mais de uma vez, sendo que na segunda explicou como funcionavam os projetos de extensão, o estudante bolsista, a remuneração de quem participa das extensões e os créditos que recebiam. E essas aulas serviram de esclarecimentos para muitas dúvidas.

Preparamos no decorrer da disciplina o trabalho final chamado Muito Prazer – UnB, uma recepção aos calouros e um guia para quem não conhecesse a UnB, envolvendo toda a turma. Foi muito importante ter acesso a essas organizações para entender um pouco mais do funcionamento da universidade e poder contribuir para os que estavam por chegar.

Nesse semestre ainda participei do FONEPE (Fórum Nacional de Estudantes de Pedagogia) no mês de novembro, com o tema direcionado para as Diretrizes Curriculares Nacionais. Foi importante esse envolvimento no primeiro semestre para conhecer como funcionavam o movimento estudantil e a luta por melhoras na universidade. Também participei do movimento estudantil dentro do CAPE (Centro Acadêmico de Pedagogia) e apesar de estar a pouco tempo participando pude perceber o quanto acrescentava e a importância desse engajamento. Como eu trabalhava ficava inviável participar o quanto queria e logo entendi como era diferente o curso para quem só estudava e podia se dedicar integralmente à vida acadêmica.

No 1/2006 gostei muito da disciplina “O Educando com Necessidades Especiais” com a professora Fátima Vidal. Era uma boa professora, trazia as temáticas de forma clara e objetiva. Ela levou um convidado de um projeto de inclusão que realizou uma dinâmica que retratou a dificuldade que uma pessoa, no caso com necessidades educacionais, tinha para se incluir na sociedade. Foi muito construtiva a matéria, quebrando paradigmas e as barreiras do preconceito. Tive dificuldades em Pesquisa em Educação 01 pela forma que era dado o conteúdo, que por sinal pra mim era complicado de compreender. Já no 2/2006 me despertou interesse Ensino e Aprendizagem da Língua Materna com a professora Stella Maris Bortoni, foi muito importante para esclarecer a postura do professor diante das diferenças regionais.

No ano de 2007 foi um ano de bastante aproveitamento. Cursei seis disciplinas por semestre com um bom desempenho geral. Disciplinas que foram bastante construtivas e com professores que fizeram a diferença como em Orientação Educacional, Políticas Públicas de Educação, Processo de Alfabetização e Educação Matemática 01. Trazendo várias temáticas e dimensões da educação.

No primeiro semestre a professora Denise Botelho estava ofertando também projeto III, fiquei sabendo através de uma amiga que se matriculou e procurei saber do projeto com a professora. Particpei do Projeto III: Organização da Educação nas relações étnico-raciais e gênero, nas fases I e II. Tinha interesse pela temática e era cômodo ao meu horário. Cada encontro, mais uma reflexão sobre a condição do (as) negro (as) em nossa sociedade. Uma ruptura de preconceitos, paradigmas.

Era uma oportunidade ter percepção as atitudes que não se viam antes. É importante também se enxergar do lado discriminador, o que dificilmente para-se para fazer, perceber os dois lados. A professora despertava indagações como onde se escondia o preconceito dentro de nós, o que era primordial para nossas reflexões que transcendiam o nosso momento ali de projeto. Pois no cotidiano posso me policiar quanto ao preconceito e identificá-lo nas diversas situações, já que o preconceito pode está em formas sutis e que nem sempre nós enxergamos.

Como exemplo, na situação em que passei ao lado de minha mãe, que é negra. Estávamos caminhando em um fim de semana e paramos para comprar uma água. Entramos em um estabelecimento e ela perguntou se tinha água, a atendente logo respondeu que só na torneira. Minha mãe então fez uma nova pergunta: “Não tem pra vender, não”? A atendente então respondeu que sim. Minha mãe irritada com a atendente disse que tinha dinheiro pra

comprar e que se ela não tinha competência para atendê-la, iria a outro estabelecimento e saiu indignada.

Confesso que no exato momento não entendi a dimensão da fala da atendente, mas passos à frente eu compreendi o tamanho do preconceito na situação. Então se em um momento desses, tão nítido, o preconceito fica oculto à nossa percepção, imaginem em âmbitos muitos maiores a proporção e consequências de quando não o enxergamos. Sem contar as diversas vezes que minha mãe foi monitorada de forma indiscreta por funcionários de um supermercado local, levando-a reclamar e deixar de frequentar o estabelecimento.

Foi uma grande oportunidade de estudar sobre esse tema e descobrir a importância da inclusão da obrigatoriedade do ensino da arte, história e a cultura dos afro-brasileiros nos estabelecimentos escolares de forma positiva. É uma grande conquista histórica da população brasileira, não somente negra, pois com melhor condição social, educacional e econômica desta população, poderemos ter uma sociedade mais justa e igualitária.

Em 2008 enfrentei grandes dificuldades, pois desde que ingressei na universidade passei a morar de aluguel perto da faculdade. E me encontrava a procura de um novo emprego. Fiz a matrícula com uma grade horária preenchida por sete disciplinas, trocando meu turno noturno pelo diurno e logo após fui trabalhar no Bar e Restaurante Área 51. Trabalhava em horário noturno, o que sem dúvidas refletiu, de forma negativa, nos meus estudos. Foi um ano que em busca do meu sustento perdi o foco, desencadeando consequências devido ao grande cansaço físico e psicológico. Foi um momento de grande reflexão do meu caminho até ali, de motivação e empenho, superação para seguir em meio a tantos empecilhos e dificuldades que se travaram no meu percurso acadêmico seguir em frente.

Devido as dificuldade em encontrar projetos no período noturno acabei encaixando o projeto IV fase 01 em minha grade horária, ou seja, escolhi o projeto pela sua disponibilidade e não pela minha área de interesse. Todavia, não me arrependo do projeto Filosofia na Escola, sendo que presenciei um convívio contínuo com algumas crianças e quebrei alguns paradigmas populares, como o menosprezo do ensino de filosofia. Porém não deixo de alertar que se a oferta de projetos no turno noturno fosse mais variada, teríamos mais opções para participação de projetos por interesse e não propriamente por necessidade.

Mais precisamente no segundo semestre do ano de 2009, levada pelo sonho e pela

vontade de concretizá-lo me reestabeci e no ano seguinte me empenhei para focar em meus estudos subindo meu desempenho e tendo um aproveitamento além das menções. A essa altura já adquirimos maturidade em virtude dos percursos da vida acadêmica. Fiz a segunda fase do projeto IV com o professor Álvaro. No projeto “Saúde Integral – integrando sua saúde física, emocional e espiritual”, uma parceria entre a Universidade de Brasília e a Igreja presbiteriana de Brasília. O projeto era realizado no Recanto das Emas onde trabalhávamos com as crianças da comunidade e pode contribuir muito com o contato com as crianças.

Se estendendo ao próximo semestre com meu empenho, cursei disciplinas que acrescentaram não só como estudante, mas como pessoa proporcionando grandes reflexões. Como Literatura e Educação, Oficina de Formação do Professor-Leitor que me colocaram diante da importância, muito além da minha percepção, do ato da leitura e da forma que podemos desenvolver esse trabalho contínuo nos diversos ambientes escolares e pessoais. Introdução à Psicologia e Psicologia Social na Educação, que foram de grande propriedade de conhecimentos despertando novos interesses. E ao término do último semestre consigo captar a necessidade cada vez mais aguçada da constante busca por conhecimentos.

Outro olhar diante da realidade

De um modo geral, estou concluindo o curso de Pedagogia, com um olhar diferente perante o processo de educação. E reconhecendo a dimensão da importância que o curso me proporcionou na reflexão do meu processo educacional.

O fato de ser filha de mãe solteira, não conhecer e nem ter um pai. Além de me enquadrar um grupo socioeconômico desvalido, quando nem sempre as necessidades básicas são atendidas pelas dificuldades da família, foi significativo para minha inserção no *Lar* das Irmãs. Ali os cuidados básicos como alimentação, banho, entres outros estavam atrelados com a educação. Oferecendo-nos sem dúvida o que provavelmente nossas famílias estariam em déficit pela falta de amparo e as notáveis desigualdades. Podendo conviver com diferentes realidades sociais e desenvolvendo múltiplas aptidões.

Hoje posso dizer que fazendo uma reflexão em torno da minha vivência na “creche”, com as Irmãs, foi de extrema valia e que são poucos que podem desfrutar dessa oportunidade. Proporcionando-nos um desenvolvimento de qualidade e oferecendo, o que talvez não tivéssemos sem o seu apoio e investimento, uma perspectiva de futuro. Transpondo todas as barreiras das desigualdades.

Concluo acreditando que batalhando todos os dias, para melhorar cada vez mais, mediante os desafios educacionais seja o melhor caminho a seguir em frente. Cumpro mais esta etapa da minha vida satisfeita em ter alcançado mais essa realização que tanto almejei. Confesso que gostaria de ter feito outros projetos, abrangendo mais temáticas e oportunidades de conhecimentos, participado de iniciação científica, de mais semanas de extensão e outras formas de participação dentro da Universidade, mas ainda sim me encontro muito realizada em concluir com esforço esse percurso que me abre portas a novos caminhos de novas lutas, conquistas e descobertas pela frente.

PARTE II

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa visa a atender as exigências da disciplina intitulada Projeto 5 – Trabalho Final de Curso (TFC), realizado sob a orientação do professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, correspondendo ao momento final do curso de Licenciatura em Pedagogia, realizado na Faculdade de Educação (FE), da Universidade de Brasília (UnB).

O presente trabalho trata da relevância de Ações Afirmativas, assim como o objeto de pesquisa Lar Madre Eugênia Ravasco, com a devida autorização do uso do nome do Instituto, como instrumento da pedagogia inclusiva. Apresenta a inclusão buscando compreendê-la e a sua relação nos ambientes de educação no caminho para educação igualitária. Trata sobre aspectos relacionados à Ação Afirmativa, abordando seu significado e dimensões. Em seguida faremos uma abordagem sobre o histórico da creche infantil, suas origens e buscar compreender a relação entre o cuidar e educar como valores indissociáveis. Relevando o comprometimento social se atentando à continuidade da educação vinculada ao princípio de solidariedade. *Lar* corresponderá ao Instituto Lar Madre Eugênia Ravasco no decorrer da pesquisa.

JUSTIFICATIVA

A escolha da temática, como campo de produção teórica e científica de trabalho final de curso, surge do fato de me enquadrar no retrato de uma família com uma realidade socialmente desigual. Família esta estruturada por três irmãs e filhas de mãe solteira, sem conhecer nem ter um pai presente em minha vida. Figura das camadas populares que necessitam do apoio de terceiros para que a família proporcione uma educação digna, igualitária e assim alcançar através desse apoio novos níveis de educação. O que me instiga a buscar compreensões acerca de vivências como a minha no Lar Madre Eugênia Ravasco.

RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A necessidade de compreensão, de forma mais detida, de como os mecanismos de inclusão se processam e se materializam no espaço educacional remete à possibilidade de se pensar em ações afirmativas que visem a uma intervenção adequada no campo das camadas populares no sentido de dirimir tais conflitos.

O contato com essa realidade, sob a perspectiva de uma reflexão da educação como

direito de acesso a todos de forma igualitária é muito importante para a formação do pedagogo, na medida em que oportuniza desconstruir dicotomias como assistencialismo versus educação. Dessa forma, cabe afirmar que esta pesquisa colabora na constatação da importância da presença de ações afirmativas, em um contexto social de desigualdades, como instrumento da pedagogia inclusiva. Salientando essa questão como oportunidade de refletir sobre os resultados que essas ações podem desencadear na educação de uma criança de camada popular.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Identificar a relevância da ação desenvolvida pelo *Lar* como possibilidade de mudança na trajetória educacional, a fim de constatar a redução das desigualdades educacionais e sociais de um grupo de crianças e adolescentes das classes populares em Brasília.

Objetivos específicos:

- a) identificar a compreensão das Irmãs, do Lar Madre Eugênia Ravasco, acerca de ações afirmativas como um espaço de inclusão;
- b) descrever as ações desenvolvidas pelo *Lar*;
- c) verificar a relevância da Ação Afirmativa na vida educacional dos sujeitos investigados;
- d) identificar as contribuições promovidas pelo Lar à formação educacional e à vida pessoal das crianças e adolescentes do Instituto.

CAPÍTULO I – COMPREENDENDO A AÇÃO AFIRMATIVA

Este capítulo apresenta o conceito de inclusão buscando compreender seus aspectos e a sua relação com a necessidade de sua presença em prol de caminhos para educação igualitária. Tratando em seguida o conceito das ações afirmativas, abordando seu significado e temáticas.

1.1 - Refletindo a Inclusão

A inclusão é um tema que está bastante disseminado no âmbito educacional e o termo inclusão instiga artigos e debates em torno do seu significado social. A palavra inclusão deriva do verbo incluir, originado do latim *incluire*, correspondendo a inserir, introduzir, acrescentar ou abranger. Seria equivalente ao verbo incluir a frase "colocar também" (ROQUETTE, 1928). O termo se refere à conduta de inserir alguém em algum lugar. Logo, no contexto em que estamos essa inserção não nos restam dúvidas que seja na educação. E que educação é essa? A resposta provavelmente é conhecida: uma educação de qualidade. Portanto, nossa conclusão em torno do termo, podemos seguir e afirmar que inclusão significaria agora para nós neste contexto: introduzir alguém em um ambiente de educação que ofereça um ensino de qualidade acessível a todos.

No sentido educacional, a inclusão remete a uma interpretação bipolar. Na prática, a maioria dos educadores quando convocados a falarem sobre o termo, designam suas explicações à inserção no sistema regular de ensino, aquelas crianças ditas "diferentes" que apresentam impedimentos nos órgãos sensoriais ou no sistema nervoso central. Esta interpretação, baseada no defeito ou impedimento e impossibilidade, é vista por Mittler como parte da consciência de quase todos que trabalham em educação (MITTLER, 2003). Logo vemos que a inclusão deve transcender os portões da escola, direcionada a todos sem exceção e devemos desconstruir paradigmas que nos levam a pontuar a necessidade da inclusão para uns e outros e não a todos. O termo inclusão por vezes sugestivo a compreensões ou análises direcionadas ao portador de necessidades especiais está associado dessa forma por questões ideológicas.

Corresponde a nossa cultura, essa associação de educação inclusiva aos portadores de necessidades educacionais, em diversas situações há grande preocupação em incluir os ditos "diferentes" enquanto aqueles sem especificidades educacionais, vistos como "normais" não

são compreendidos em suas particularidades, sujeitos ao surgimento de um sentimento de exclusão, sem levar em consideração à subjetividade de cada um. Por vezes as experiências não podem estar alicerçada em uma educação para crianças “diferentes” ou "normais", pois essas interpretações podem ser contraditórias por serem subjetivas.

Nessa análise, considera-se a inclusão não direcionada a um sujeito específico. Em concordância com Stainback, a inclusão não se aplica somente a crianças com deficiências ou sob algum risco, mas a todas, compreendendo o seu desenvolvimento e a aprendizagem em uma instituição educacional. O valor da igualdade é a razão mais importante para o ensino inclusivo. Ensinando a todos que, apesar das diferenças, temos direitos iguais. Contrastando com as experiências passadas de segregação, a inclusão vem para reforçar a prática da ideia que as diferenças devem sempre ser aceitas e respeitadas. (STAINBACK & STAINBACK, 1999).

Faz-se necessário fazer uma análise mais profunda e detida da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É justo por esse papel de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. É nesse fluxo verbal que a palavra difunde significados, sendo através dela que se evidenciam ideologias e se consolidam interpretações, até mesmo as mais contraditórias ou precipitadas.

Muitas vezes se confundem o significado de incluir com integrar, quando na verdade há uma dicotomia entre ambos. A inclusão ultrapassa a ação de integrar uma criança. A dimensão da inclusão vai muito além da integração.

“Integrar e incluir: Os dois vocábulos - integração e inclusão - conquanto tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de inserção diferentes e se fundamentam em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes. Grifei os termos, porque acho ainda necessário frisá-los, embora admita que essa distinção já poderia estar bem definida no contexto educacional.” (MANTOAN, p.7, 2001)

Levando em consideração cada criança que pertence a um ambiente educacional, é possível identificar particularidades que não podem ser consideradas irrelevantes para o processo ensino aprendizagem, desenvolvimento e harmonia de um grupo. Precisamos nos atentar aos sintomas que revelam a simples integração e não a inclusão em sua plenitude.

Quantos educadores refletiram durante o seu caminho sobre o conceito e a

compreensão do que vem a ser inclusão na educação? Onde ela está presente, em que momento? Que impacto tem as ações inclusivas? Qual importância dos resultados, na vida dessas crianças, decorrentes da inclusão?

A inclusão "passa por uma mudança no modo de vermos o outro, de agirmos para que todos tenham seus direitos respeitados." (MANTOAN, 2001, p. 107). Assim, entende-se que quando falamos sobre educação inclusiva não especificamos a quem, mas, apregoamos uma educação de qualidade, comprometida com cada sujeito, de modo que não o segregue sob nenhum pretexto ou razão. Há diversidade sim, mas precisamos olhá-la sob outro prisma. É a diversidade que conduz o processo ensino-aprendizagem. São as opiniões e as divergências que impulsionam as reflexões que nos fazem crescer e amadurecer como pessoa.

Cada educando tem um modo particular de se relacionar com o outro, até mesmo porque agregamos valores e ideologias em nossa história e não nos desvinculamos deles em momento algum. Edgar Morin em seu livro, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, enfatiza alguns problemas específicos da educação brasileira, que são simplesmente deixados de lado nesse triste caminho que vem tomando a educação do Brasil.

Para o autor entre os problemas específicos está a questão da *compreensão humana*. Não se ensina sobre como compreender uns aos outros e, este é o ensino essencial aos tempos atuais. Com isso levanta a tona uma questão central: Quem sabe o que é compreender? A qual os educadores devem atingir, pois não há um ensino da compreensão mútua. E é preciso compreender não só os outros como a si mesmo, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão, que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos. Assim, Morin enfatiza que é necessário estudar a incompreensão em suas origens a fim de buscar a extirpação desse mal e promover a educação para a paz. (EDGAR MORIN, 2001) E através dessa compreensão chegaremos à dimensão da inclusão em direção a igualdade para todos.

Por esses e outros fatores a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional. Para que se compreenda a dimensão da inclusão e que esta a frente da integração e se faz necessária a todos sem exceção. Para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

Só podemos cultivar a inclusão em uma experiência inclusiva. Só podemos cultivar uma ação pedagógica inclusiva e para todos se a tornarmos real, mas, para isso se concretizar, precisamos buscar ou refletir sobre nossas atitudes, sobre nossas práticas. Cada um de nós é

responsável por compreender as regras ou princípios que conduzem sua forma de pensar.

O papel da inclusão está além de aceitar as diferenças, ele tem início em um exercício de consciência por aquele que está inicialmente mais próximo dos alunos ou crianças: o educador seja ele em creche ou instituição de educação, ou seja, em ambiente educacional.

“Tem-se um ensino de qualidade a partir de condições de trabalho pedagógico que implicam em formação de redes de saberes e de relações, que se enredam por caminhos imprevisíveis para chegar ao conhecimento; existe ensino de qualidade quando as ações educativas se pautam por solidariedade, colaboração, compartilhamento do processo educativo com todos os que estão direta ou indiretamente nele envolvidos.” (MANTOAN, p. 23, 2001)

Vale ressaltar, aos educadores, a necessidade de busca por conhecimentos para resgatar o que sabem e construir uma pedagogia capaz de reconhecer nas pequenas coisas, nos pequenos momentos uma ação transformadora da prática, que, muitas vezes está arraigada numa dinâmica corroída pelo tempo. Buscar compreender a inclusão e para isso precisamos ter referências que concretize esse entendimento na sua complexidade, que envolve tanto o sentimento daquele a ser incluso como também a postura de todos envolvidos nessa ação.

Essa percepção abre um horizonte capaz de levar o educador às diversas dimensões da inclusão na educação. A inclusão não é e nunca foi uma tarefa fácil, tanto por parte do sujeito a ser incluso bem como do grupo que irá receber esse sujeito e dos educadores. A tentativa é válida principalmente quando o educador compreende, reflete e se coloca na posição do outro.

1.2 O conceito de Ação Afirmativa

A ação afirmativa vem de encontro com posturas inclusivas e as controvérsias sobre as ações afirmativas são muitas e se iniciam na identificação do próprio significado do termo. As ações afirmativas recebem, no Brasil várias denominações. Dentre elas, podem-se citar ações positivas, discriminações positivas, discriminação reversa, cotas, reserva de vagas etc. (GOMES, 2001)

Villas Bôas esclarece que a expressão ação afirmativa foi empregada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1935, e se referia à proibição, ao empregador, de exercer qualquer forma de repressão contra um membro de sindicato ou seus líderes. Na década de 1960, o termo populariza-se no contexto da luta pelos direitos civis. (VILLAS BÔAS, p.29, 2003).

Gomes apresenta a definição das ações afirmativas e no que tange ao conceito, referindo-se à experiência americana, assevera que, inicialmente, as ações afirmativas eram

definidas como “um mero encorajamento por parte do Estado a que as pessoas com poder decisório nas áreas públicas e privadas levassem em consideração, nas suas decisões relativas a temas sensíveis como o acesso à educação e ao mercado de trabalho” (GOMES, 2001. p.39) Deste modo, no momento, as ações afirmativas tinham a pretensão que as escolas e as empresas possuíssem em sua composição a representação de cada grupo da sociedade.

Em meados da década de 60 e início de 70, o conceito de ações afirmativas sofreu uma mudança. Passaram a ser associadas à idéia de realização da igualdade de oportunidades, através da imposição de quotas rígidas de acesso a determinados setores do mercado de trabalho e instituições educacionais. (GOMES, 2001)

No Brasil, segundo Moehlecke (2002) o primeiro registro encontrado da discussão no que diz respeito ao que chamaríamos de ações afirmativas foi em 1968, quando técnicos do Ministério do Trabalho e do Tribunal Superior do Trabalho manifestaram-se em defesa da criação de uma lei que obrigasse as empresas privadas a manterem uma porcentagem mínima de empregados de cor, de acordo com o ramo de atividade e a demanda, como única solução para o problema da discriminação racial no mercado de trabalho. A autora ainda observa que essa lei não chegou a ser elaborada e que nesse mesmo ano foi aprovada a Lei nº 5.465/68, a denominada Lei do Boi, que prescreveu a reserva de 50% de vagas dos estabelecimentos de Ensino Médio Agrícola e as escolas superiores de Agricultura e Veterinária a candidatos agricultores ou filhos destes, que, por nato ter alcançado o êxito esperado, foi abolida de nosso sistema jurídico.

Moehlecke (2002) defende que somente nos anos de 1980 haverá a primeira formulação de um projeto de lei nesse sentido. O então deputado federal Abdias Nascimento, em seu projeto de Lei nº 1.332, de 1983, propõe uma "ação compensatória" que estabeleceria mecanismos de compensação para o afro-brasileiro após séculos de discriminação. O projeto não foi aprovado pelo Congresso Nacional, mas as reivindicações não pararam.

O princípio da igualdade foi admitido na sua máxima expressão em sintonia com os movimentos a favor da diminuição das injustiças sociais e combate às desigualdades no ano de 1988 onde foi promulgada a nova Constituição Federal, que trouxe textualmente novidades como a proteção ao mercado de trabalho da mulher, como parte dos direitos sociais, e a reserva percentual de cargos e empregos públicos para deficientes físicos, imprimindo a legitimidade das Ações Afirmativas no Brasil.

A Constituição Federal (1988) em seu artigo 6º garante como direito social a educação. E o art. 205 vem afirmar: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Integram-se, nestes objetivos básicos, valores culturais, políticos e profissionais. Está estabelecida a responsabilidade do Estado, perante as plenas condições da população ao ingresso no ensino e a importante participação da sociedade.

Dessa forma devido às dificuldades que se encontra a realidade brasileira em relação ao cumprimento das obrigações do Estado de acesso à educação e uma vez que apenas a existência de direitos legais não foi capaz de transformar a sociedade, fica cada vez mais patente que somente a atuação estatal pode talvez reverter o quadro social de desigualdades. Assim então ocorre o surgimento das Ações Afirmativas e se faz necessário a discussão das Ações Afirmativas como alternativa para alcançar a igualdade. Tais ações foram concebidas, inicialmente, nos Estados Unidos, sendo que posteriormente foram adotadas em países europeus, asiáticos e africanos. (GOMES 2001)

Villas Bôas conceitua as Ações Afirmativas como sendo um conjunto de medidas especiais e temporárias tomadas ou determinadas pelo Estado com o objetivo específico de eliminar as desigualdades que foram acumuladas no decorrer da história da sociedade. (VILLAS BÔAS, p.29, 2003).

Proceder de forma afirmativa significa sair da inércia de neutralidade em que se encontrava a posição do Estado liberal clássico, para realizar algo de positivo quanto à desigualdade dos grupos discriminados. E isso pode ocorrer de várias maneiras, e entre as mais comuns estão os benefícios fiscais, os programas de inclusão, as metas e as cotas. E após a constatação da ineficiência dos métodos tradicionais de combate à discriminação, iniciou-se mudança no conceito de ação afirmativa ligado com ousadia à igualdade de oportunidades. Gomes de forma abrangente e dinâmica sustenta na atualidade:

“As Ações Afirmativas podem ser definidas como um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego. Diferentemente das políticas governamentais antidiscriminatórias baseadas em leis de conteúdo meramente

proibitivo, que se singularizam por oferecerem às respectivas vítimas tão somente instrumentos jurídicos de caráter reparatório (...)" (GOMES, p.40, 2001)

Dessa forma, aparecem como centrais nas políticas de ação afirmativa aquelas medidas que objetivam preparar, estimular e promover a ampliação da participação dos grupos marcados por discriminações ou alguns eufemismos de combinados com opressão política, exploração econômica e discriminação social, especialmente nas áreas de educação e mercado de trabalho, dentre outros. Gomes (2001) ainda ressalta que é um erro estratégico não oferecer oportunidades efetivas de educação e emprego, considerando que no futuro, tal atitude pode prejudicar a competitividade e a produtividade econômica do país.

As políticas públicas brasileiras historicamente podem ser caracterizadas por medidas de cunho assistencialistas contra a pobreza, mediante a exigência de alguns movimentos sociais que propunham uma participação mais ativa do Poder Público em relação às questões de nação, gênero, etnia, como também soluções específicas para efetivar a solução de tais questões, como as ações afirmativas. (MOEHLECKE, 2002)

Falar em ações afirmativas nos remete a questionar se essas políticas são justas ou não. Verificamos o conceito de justiça a fim de refletir se é justo ou não as ações afirmativas. Ulpiano (2002) conceitua: "Justiça é a constante e perpétua vontade de atribuir a cada um aquilo que lhe pertence". Parece fácil, mas cabe a quem determinar o que é seu?

Miguel Reale (2001) traz: "a justiça é antes uma aspiração emocional, suscetível de inclinar os homens segundo as diversas direções, em função de contingências humanas de lugar e de tempo." Ele afirma que a justiça está ligada a concretização da igualdade. Definir ações afirmativas como justa ou injusta é uma tarefa bastante complicada, e até mesmo impossível.

Para aquele que já tem acesso pode ser que considere injusto. Por outro lado, quem não tem as condições necessárias de acesso à educação, possivelmente considera justo à implantação de ações que seriam a garantia mínima para pelo menos lutar pela igualdade em compensação às desigualdades acumuladas historicamente. Tendo a oportunidade de alcançar novas perspectivas através dessas políticas que proporcionam esse processo em buca da educação.

Gomes (2001) explica que a justiça compensatória tem uma natureza "restauradora" voltada às sociedades que por longo período estiveram à mercê de políticas de subjugação de

um ou vários grupos ou categorias de pessoas por outras, visando corrigir os efeitos perversos da discriminação sofrida no passado e diante dos fatos, com a adoção de ações em prol de certos grupos socialmente desfavorecidos, estariam promovendo, em tempos atuais, uma "reparação" ou "compensação" pela injustiça e falhas, decorrentes do passado, cometida aos antepassados pertencentes a esses grupos sociais.

Algumas das justificativas que salientam para a importância de tais medidas é o fato de que a educação é um instrumento que possibilita a ascensão social, através de dados que demonstram o escasso acesso da população pobre e negra no ensino superior brasileiro. Entram nessa questão razões históricas, como a escravidão, fatores que contribuíram para efetivar as desigualdades que representam uma dívida do Poder Público em relação a esses setores da sociedade. (MOEHLECKE, 2002) Sendo primordial o investimento na educação, já que esta é a base para formação de um bom cidadão que contribuirá para o desenvolvimento do país.

Ao tratar sobre a problemática das ações afirmativas no plano constitucional, Gomes (2001) cita questões como a posição oposta entre normas proibitivas versus normas afirmativas, sendo que o autor ressalta que já é pacífico o entendimento de que o combate da discriminação não é eficaz apenas através de normas proibitivas, sendo necessária a adoção de medidas afirmativas.

A presença da ação afirmativa está justamente no intuito de promover a justiça material, através da concessão de condições igualitárias de acesso ao sistema educacional em favor dos grupos minoritários. As ações afirmativas são legais e constitucionais por dar tratamento diferenciado aos que se situam em posição desigual, sendo que este seria o objetivo imediato.

Dessa forma Gomes (2001) afirma que a igualdade material é produto do Estado Social de Direito e requer redobrada atenção por parte do legislador e dos aplicadores do Direito à variedade das situações individuais e de grupo, de modo a impedir que igualdade formal, textualmente impressa na Constituição (1988) dificulte a proteção e a defesa dos interesses das pessoas socialmente fragilizadas e desfavorecidas.

E ainda seguindo este viés, o referido autor traz a transição da ultrapassada noção de isonomia, igualdade formal, ao novo conceito de igualdade material onde surge a idéia de

igualdade de oportunidades, advinda de criticada no Brasil visto que a desigualdade se alimenta de um poderoso e dissimulado fenômeno de discriminação que impossibilita as mesmas oportunidades no acesso aos bens da vida a todos os brasileiros e justificativas de diversos experimentos constitucionais baseados na necessidade de abolir-se ou de pelo menos dirimir o peso das desigualdades econômicas e sociais e, conseqüentemente, de promover a justiça social.

Diferente das políticas públicas do Estado Gomes traz a natureza multifacetária das ações afirmativas e afirma:

“(...) as ações afirmativas têm natureza multifacetária, e visam a evitar que a discriminação se verifique nas formas usualmente conhecidas – isto é, formalmente, por meio de normas de aplicação geral e específica, através de mecanismos informar, difusos, estruturais, enraizados nas práticas culturais e no imaginário coletivo. Em síntese, trata-se de políticas e mecanismos de inclusão concebidos por entidades públicas, privadas e por órgãos dotados de competência jurisdicional, com vistas à concretização de um objetivo constitucional universalmente reconhecido – o da efetiva igualdade de oportunidades a que todos os seres humanos têm direito”. (GOMES, p.40, 2001).

Logo temos a percepção clara que a visão da igualdade material vem complementar a visão meramente formal, sendo que nesse sentido foi decisiva uma mudança da postura do Estado através da adoção de ações com o intuito de implementar a igualdade material, uma vez que a igualdade formal como já mencionado, por si só, não foi capaz de efetivar a igualdade pretendida pela Constituição Brasileira (1988).

E no que se refere à classificação das ações afirmativas, Gomes (2001) afirma que são identificados dois tipos de políticas públicas nesse segmento, sendo um a adoção de normas constitucionais e infraconstitucionais com o objetivo de coibir a discriminação e o outro seria a adoção de medidas de promoção, afirmação ou restauração.

As ações afirmativas, como se averigou, representam um recorte de observação da realidade que incide na maioria desvalida, mas que observa as peculiaridades dos grupos discriminados que a compõem. Os valores que difundem a medida em questão estão contidos nos arts. 1º, 3º e 5º da Constituição brasileira. Asseguram tais normas os princípios da dignidade e cidadania, do valor social do trabalho, e o da igualdade real de todos perante a lei.

A ação afirmativa é uma forma para se superar as desigualdades e resgatar grupos sociais a que se acham sujeitos às minorias, histórica e culturalmente discriminadas, dando-lhes a oportunidade de ascensão e encontrando-se em sintonia com arcabouço constitucional

nacional, notadamente com o objetivo fundamental de construir uma sociedade justa, livre e solidária. E com esse princípio temos as creches que surgem de forma improvisada, mas que com o passar dos anos tem seu reconhecimento como instrumento fundamental para um desenvolvimento comprometido com a educação.

CAPÍTULO II- EDUCAÇÃO: CAMINHO DA INCLUSÃO

Este capítulo se refere ao histórico da creche infantil, suas origens e busca compreender os valores cuidar e educar indissociáveis. Assim como o entendimento do acolhimento relevando o papel social se atentando à continuidade da educação vinculada ao princípio de solidariedade.

2.1 - Contextualizando a creche

A Revolução Industrial, no século XVIII, na Europa, deu partida ao emprego da mão-de-obra feminina, desencadeando uma substancial alteração na forma de cuidar e educar as crianças uma vez que os filhos não tinham com quem ficar enquanto suas mães trabalhavam. As primeiras creches brasileiras surgiram em meados do século XX e iniciaram seus trabalhos de forma improvisada, sem a infra-estrutura adequada e segundo os padrões das creches européias. Oliveira (2007) acrescenta que “A história da educação infantil em nosso país tem, de certa forma, acompanhado a história dessa área no mundo, havendo, é claro, características que lhe são próprias”. (p. 91). A creche está historicamente vinculada ao trabalho extradomiciliar da mulher e sua origem ao trinômio mulher-trabalho-criança.

Na Europa, enquanto a família ocupava um espaço privilegiado em relação aos cuidados e educação da criança pequena, a creche constituía-se um local sem especificidade e caracterizava-se como uma instituição emergencial. Segundo Haddad (1993), atuava de forma extremamente precária: havia insuficiência de recursos, má- qualidade de atendimento, quadros profissionais deficitários – sem formação específica e composto, muitas vezes, por voluntariado –, com a ausência de legislação e normas básicas de atendimento.

Além das mães que tinham a necessidade de deixar seus filhos em casas ou instituições que cuidavam de crianças, o mesmo ocorria com crianças órfãs ou abandonadas, que também não eram encaminhadas para estes lares, como cita Oliveira (2007):

“No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por sua vez filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas de expostos” existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII”. (p. 91).

Desse modo, com o ingresso constante das mulheres no mercado de trabalho, de indústrias no Brasil, ocorreu um elevado índice de abandono de crianças. A falta de abrigos

que pudessem receber estas crianças enquanto suas mães trabalhavam, geraram certos conflitos quanto à participação da mulher em seu trabalho.

Com vistas à solução deste problema, surge então uma medida legal que poria fim a este conflito. Oliveira (1998) observa que “em 1923, a primeira regulamentação sobre o trabalho da mulher previa a instalação de creches e salas de amamentação próximas do ambiente de trabalho”. (p.97). E a autora ressalta ainda que “as poucas creches fora das indústrias eram de responsabilidade de entidades filantrópicas laicas e, principalmente religiosas”. (p. 100). Como estas creches não eram subsidiadas pelos industriais, elas sobreviviam de donativos das famílias mais ricas.

De um modo geral as creches surgiram vinculadas ao caráter assistencialista e compensatório.

“Os primeiros nomes dessa instituição são reveladores de seu propósito: *garderie*, na França; *asili*, na Itália; *écoles gardiennes*, na Bélgica. Até hoje, *guardería* é a expressão usada em vários países latino-americanos para referir-se à instituição que atende às crianças menores de 03 anos. “Guarda da criança” também foi a expressão que traduziu a intenção nos primórdios dessa instituição no Brasil”. (DIDONET, p.12, 2001)

Ao mesmo tempo em que surgiu para atender à necessidade da mulher trabalhadora por não ter esta alternativa quanto ao lugar para deixar os seus filhos, a creche surgiu também para atender os filhos das “mães incompetentes”, assim consideradas por não serem boas donas-de-casa e não cuidarem adequadamente de seus filhos, não evitando os perigos que pudessem levá-los à marginalização e à morte. Desta forma, caracterizou-se como uma relação de favor entre as associações provedoras e as famílias. Promovia-se a ideologia da família ao mesmo tempo em que se salientava a incompetência daquelas que se utilizavam das creches. (HADDAD, 1993).

Ainda seguindo este viés, visto que a creche constituía-se um risco para a criança por envolver separações diárias da mãe e um cuidado múltiplo por vários adultos. Nesta perspectiva, segundo Rossetti-Ferreira (1988, p.60), “para evitar um eventual prejuízo para o desenvolvimento da criança, faz-se necessário garantir-lhe na creche um cuidado materno substitutivo adequado”. Ou seja, era necessário se atentar muito além do mero cuidado que era oferecido pelas instituições.

Até agora, percebemos que a creche surge no Brasil com o cunho assistencial e com o objetivo principal cuidar das crianças em vista das necessidades das mães de trabalharem. Se eximindo das reponsabilidades em relação à alimentação equilibrada, saúde e principalmente à educação.

Em contrapartida, Oliveira (2007) observa que, com o passar do tempo, algumas medidas para a melhor estruturação e sistematização das creches começam a surgir. Na década de 30 do século XX, oficializam-se algumas instituições de proteção à criança e mais tarde, na década de 40 do mesmo século, o governo assume como suas as responsabilidades quanto às questões de saúde, enfatizando o higienismo destas crianças:

“[...] foi na década de 40 que prosperaram iniciativas governamentais na área da saúde, previdência e assistência... Entendidas como “mal necessário”, as creches eram planejadas como instituições de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com higiene de ambiente físico”. (OLIVEIRA, 2007, p. 101).

Como pudemos constatar, a creche se torna uma instituição de saúde, e a higiene e a alimentação são os temas principais a serem trabalhados, descartando maciçamente o papel educacional. Ainda na visão de Oliveira (2007), na década de 50 do século XX, o cuidado com a higiene e com a segurança física deixou de lado o trabalho voltado à educação e ao desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças, fato que se estendeu por mais de uma década.

No entanto, outras tendências e estudos voltados à creche estavam acontecendo no mundo e, como antes, o Brasil acaba sendo influenciado logo um novo discurso chegou às creches: um discurso baseado nas teorias da privação cultural. Na perspectiva de Haddad (2003), na década de 60 do século XX, surgem outras visões acerca do trabalho a ser realizado nas creches. Para a autora referida, “A creche passa a ser vista como um local privilegiado para compensar deficiências bio-psicoculturais apresentadas no desenvolvimento da criança” (p. 28), deixando claras as novas propostas educacionais e conceituais dos trabalhos desenvolvidos na creche. Novas categorias profissionais foram introduzidas como, por exemplo, professores, recreacionistas, psicólogos e pedagogos. Foram adotadas medidas de reorganização, houve redistribuição do espaço, diminuição do tempo de espera da criança e ênfase na sua autonomia e independência.

Podemos notar que a creche deve transpor as preocupações restringidas ao

comprometimento com a saúde e alimentação, não se atendo e ir além desses cuidados. E sim assumir a responsabilidade com a educação e reconhecer estímulos que devem ser realizados nesta fase para auxiliar no desenvolvimento integral das crianças.

Porém, ainda assim existe a dicotomia que a creche tem a finalidade de cuidar da criança e a pré-escola educá-la. Surgindo a intrigante questão de quê pensamento se sustentava essa dicotomia de qualidade na educação das crianças?

Oliveira (1995) diz que, historicamente, a “concepção mais assistencialista ou mais educativa para o atendimento realizado em creches e pré-escolas tem dependido da classe social das crianças por elas atendidas” (p.17, *apud* PATTETI e BAGATELO, 2010), logo, acreditava-se que o melhor a oferecer a crianças de baixa renda seria apenas os cuidados, isento de educação, e para as crianças com a situação econômica mais favorecida o contrário seria o mais adequado uma vez que recebiam cuidados da família.

A educação oferecida nesta época para grupos desfavorecidos era uma imagem limitada e distorcida das pré-escolas mais organizadas. Mudando essa ótica somente quando a classe favorecida reivindica a busca de uma creche que pudesse oferecer bases pedagógicas igualadas. Como afirma Oliveira (1995)

“Também em relação à creche no Brasil, temos apontado tal perspectiva política. Apenas quando segmentos da classe média foram procurar atendimento em creche para seus filhos é que esta instituição recebeu força de pressão suficiente para aprofundar a discussão de uma proposta verdadeiramente pedagógica, compromissada com o desenvolvimento total e com a construção de conhecimento pelas crianças pequenas”. (OLIVEIRA, 1995, p.18, *apud* PATTETI e BAGATELO, 2010).

Diante das articulações, o governo começa a se organizar de forma legal para regulamentar e estabelecer padrões para a creche no Brasil. A década de 60 foi um momento importante para se vincular a creche aos âmbitos pedagógicos.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B.), Lei 4.024, em 20 de dezembro de 1961, os jardins de infância seriam criados, conforme previsto nos artigos 23 e 24, que diziam:

“Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância;

Art. 24. As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária”. (L.D.B. nº 4.024/61)

A partir de então, a creche passa a ser disposta e analisada de forma mais efetiva. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 apresenta as novas orientações e direcionamentos que devem ser cumpridos pelas creches governamentais e privadas. Esta lei vigora por três décadas, pois mesmo existindo uma segunda L.D.B. em 1974, a mesma trata apenas de assuntos correlatos ao ensino fundamental.

A década de 70 caracterizou-se, no Brasil, pela manifestação de vários movimentos sociais. Ao ponto da creche chegar a alguns lugares, a ganhar um enfoque diferente. Passa a ser reivindicada como um direito da mulher-operária. No Estado de São Paulo, reivindicada por mulheres das camadas populares, ganha aceitação por parte do Estado pela sua função reconhecida de guarda e assistência às crianças pobres, ficando subordinada à Secretaria do Bem-Estar Social.

De acordo com Haddad (1993), a questão da creche avançou muito no Brasil nos últimos anos. Vários setores da sociedade (grupos ligados aos movimentos populares, representantes dos Conselhos da Condição Feminina, a comunidade acadêmica, profissionais que atuam nos programas pré-escolares) passaram a reivindicar creches e pré-escolas como um direito à educação das crianças de todas as camadas sociais.

O movimento articulado desses setores junto às instâncias superiores resultou em um marco importantíssimo na história da creche brasileira: a aprovação das principais reivindicações na Constituição de 1988. A creche é explicitamente mencionada no capítulo sobre a educação, art. 208, no qual se diz textualmente: “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: atendimento em creche e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, cap. III, art. 208, inciso IV, 1988).

A creche, portanto, passa a ser agregada à área de educação, caracterizando-se não mais como uma “agência de guarda e assistência” e sim como uma instituição educacional, criando-se, assim, novas responsabilidades para o sistema escolar.

Apesar do reconhecimento do dever do Estado em relação à creche, a L.D.B. de 1961 somente é reavaliada e substituída em 1996, pela Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. E a fim de fazer valer as premissas contidas na Constituição, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação afirma que: “o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado

mediante a garantia de (...): IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”. (Título III Do Direito à Educação e Do Dever De Educar, art. 4).

Sendo esta a esta nova Lei que está em exercício até o momento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional número 9.394/96, foi elaborada a fim de instalar novas propostas e eixos organizacionais para a educação no Brasil. Sendo assim, a educação infantil também recebeu novas orientações quanto à sua estrutura e proposta pedagógica.

Oliveira (2007) expõe que mesmo com as novas diretrizes para a educação infantil, a creche pode, ainda atualmente, ser vista na maioria das vezes como “refúgio assistencialista” que objetiva apenas à questão do cuidar, se eximindo da proposta central do desenvolvimento educacional. Ela acredita que, agindo desta forma, a creche isenta a responsabilidade da comunidade de oferecer educação a estas crianças, ficando esta função a cargo da família. Deixando nítido que não há uma clareza pra alguns educadores que o cuidar e o educar são valores indissociáveis no âmbito educacional.

Para a criança efetivar os direitos constitucionalmente reconhecidos faz surgir novas perspectivas quanto ao favorecimento pleno de sua potencialidade, pois se trata de novas condições que, devidamente organizadas, deverão propiciar novos aprendizados. Diante disso, Piaget (1988, p. 34) afirma que:

“Afirmar o direito da pessoa humana à educação é, pois, assumir uma responsabilidade muito mais pesada que a de assegurar a cada um a possibilidade da leitura, da escrita e do cálculo: significa, a rigor, garantir para toda criança o pleno desenvolvimento de suas funções mentais e a aquisição dos conhecimentos, bem como dos valores morais que correspondam ao exercício dessas funções, até a adaptação à vida social”.

É inteligível a compreensão da creche vinculada ao longo de sua evolução a serviço de cuidado oferecido à população de baixa renda. A creche se caracterizava por uma atuação em horário integral diferentemente da pré-escola, com um funcionamento semelhante ao da escola, em meio período. Ela se subordinava e era mantida por órgãos de caráter médico/assistencial e dissociava o educar do cuidar. A creche surgiu como uma instituição assistencial que ocupava o lugar da família, nas mais diversas formas. Atualmente entre as funções atribuídas à instituição de educação, é possível observarmos desde a de “guardar”

crianças até a de prepará-las para o ensino fundamental, visando garantir-lhes sucessos acadêmicos futuros.

2.2 - Cuidar e educar: valores indissociáveis

Essa abordagem ganha força, no Brasil, a partir da promulgação da Constituição (1988) e aprovação da LDB/96, que assegura o atendimento à criança pequena em creches e pré-escolas. Nestes textos legislativos, a primeira infância é referenciada como uma prática de cuidado e educação. Isto traduz que tal compreensão deve orientar as práticas da educação infantil, caracterizadas como ações de cuidar e educar de forma integrada da criança.

Admitisse aqui que o cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana. A palavra cuidar é de origem latina, derivada do verbo *cogitare*, porém, são encontradas referências também no vocábulo latino *curare*. *Cogitare* é sinônimo de pensar, supor, imaginar e *curare* implica em “tratar de por cuidado em”. Quanto ao verbo *cogitare*, origina-se do vocábulo *co-agitare*, significando agitação de pensamento, revolver no espírito, ou tornar a pensar em alguma coisa (MONTENEGRO, 1999, p. 64).

As referências históricas da creche em consenso afirma que ela foi criada para cuidar de crianças pequenas, cujas mães necessitavam trabalhar. A Revolução Industrial, no século XVIII, na Europa, deu partida ao emprego da mão-de-obra feminina, transformando e alterando assim a maneira de cuidar e educar as crianças. (DIDONET, VITAL. 2001).

Percebe-se que por uma necessidade do cuidado da criança filhos de mães trabalhadoras surge a creche como amparo e apoio a essas famílias.

Os fatores históricos, sociais e econômicos determinavam as características do modelo tradicional da creche.

“Enquanto as famílias abastadas pagavam uma babá, os pobres se viam na contingência de deixar os filhos (...) numa instituição que deles cuidasse. (...) Tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto da família”. (Didonet, 2001, p. 12).

Isto determinou a compreensão de creche para crianças pobres bem como o seu caráter assistencialista, priorizando o cuidado com a criança.

A complexidade e a importância das ações direcionadas a primeira infância e representa também, que as práticas de cuidado e educação são ao mesmo tempo atitudes

penetradas por aspectos afetivos, subjetivos e por aspectos racionais e objetivos, o que constata a integração das mesmas no âmbito da educação infantil, sendo oportuna a definição do que significa cuidar da criança para Rosemberg:

“Atender às suas necessidades de proteção, segurança, bem-estar, saúde. Estar atento a seus afetos, emoções e sentimentos, às relações com os outros, com as coisas, com o ambiente. Planejar um espaço que estimule sua inteligência e imaginação, que permita descobertas e aguçar sua curiosidade”. (ROSEMBERG, 1999, p. 23, *apud* MACÊDO e DIAS, GT N°7, p. 3).

Cuidado e educação são assuntos remetem a discussões polêmicas, não há como indissociá-los em um ambiente como a creche, pois em concorde "ao cuidar ou descuidar do outro, estamos colocando-o em certa posição, dando-lhes certos sentidos, os quais contribuem para construí-lo como pessoa." (ROSSETTI-FERREIRA, 2003, p. 10).

No momento em que a criança é alimentada, precisa tomar banho, ser medicada ou mesmo dormir são situações que soam como mero assistencialismo, com uma dinâmica um tanto mecânica e uma prática tida por alguns como pouco importante; no entanto, são nesses momentos em que se incita a criança a ser autônoma, responsável, comprometida, ativa, atuando com os demais. É a identidade da criança que está se formando, e as atividades diárias são participantes deste processo, pois muito da cultura dos envolvidos é transmitida nesses momentos que permeiam o cuidar e educar.

As práticas de cuidar e educar implicam em atitudes e comportamentos que demandam conhecimentos, habilidades e até valores potencializados no sentido de contribuir para o desenvolvimento da criança. Isto significa que o foco deve ser ajudar o outro a se constituir enquanto pessoa, a melhorar a sua condição de vida enquanto cidadão. Desse modo a idéia de que as ações de cuidado além de racionais são, sobretudo, interativas, pois demandam o desvelo, a criação de vínculos, o acolhimento do outro apesar das diferenças, a construção de conhecimentos culturais e atitudes sociais.

Neste sentido, é possível afirmar que o desenvolvimento integral da criança só pode se materializar a partir da superação da dicotomia cuidar e educar, conseqüentemente, por meio da integração destes dois processos.

Entretanto, a compreensão de que as ações de cuidar e educar estão intimamente relacionadas e profundamente imbricadas ainda não é suficiente para que superarmos a dicotomia historicamente construída entre esses dois processos. Tal dicotomia transcende o

campo meramente pedagógico e se insere no terreno do campo político.

De acordo com a trajetória da educação infantil no Brasil, podemos constatar que a prática hegemônica configura-se em uma cristalização entre as dimensões do cuidado e da educação. Enquanto as creches, em sua origem, eram de caráter filantrópico e/ou assistencialista, e sua finalidade era a guarda dos filhos das mães trabalhadoras, em contrapartida, as pré-escolas surgem com caráter educativo/pedagógico tendo como finalidade preparar as crianças para o ingresso na vida escolar.

Acreditamos que a questão da assistência é considerada inferior à educação por questões ideológicas produzidas na nossa sociedade. Muitas vezes esta diferença se faz entre os próprios educadores, menosprezando o trabalho de uns e enaltecendo o de outros.

Neste panorama, pressupõe-se que a prática do cuidar/educar na educação infantil deve ter como ponto de partida a concepção de criança enquanto ser histórico-social, ativo no processo de construção do conhecimento, cidadão detentor de direitos, como também, a concepção de educação enquanto prática social humana, inserida em uma sociedade marcadamente contraditória, constituindo-se como um mecanismo de expressão de ideologias, valores e atitudes da sociedade.

Portanto, tanto nas creches como nas pré-escolas ou instituições equivalentes, a criança tem necessidades e direitos de ser cuidada e educada como um todo. O objetivo a ser alcançado é o desenvolvimento integral da criança.

Desse modo, é possível afirmar que a cisão entre as ações de educar e cuidar se configura como uma atitude incoerente e inconsequente que tem imprimido a educação infantil marcas de fragmentação e inconsistência manifestas por diferentes concepções e ideologias. Ademais, acolher a criança do ponto de vista integral, implica em atender suas individualidades, compreender suas manifestações emocionais, agir sobre elas, acatá-las como linguagem própria das crianças pequenas, dar e receber afeto, proporcionar o desenvolvimento da autonomia da criança.

Neste sentido, é preciso conhecer de forma ampla o que significa cuidar e educar e quais as ações e os comportamentos que estão implícitos e explícitos em tais atividades. Como você integra o cuidar ao educar nestas atividades que você descreveu? Para você, é mais importante cuidar ou educar? Em sua opinião, quando você cuida você está educando?

Qual o aspecto que deve ser mais enfatizado?

Oliveira (2002) salienta que os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais devem ser tratados prioritariamente como dimensões do desenvolvimento e não como áreas isoladas. Sendo assim, pode-se inferir que a compreensão do cuidar/educar passa, sobretudo, pelo entendimento de que a criança é um ser integral, portanto, toda e qualquer prática na creche deve ser entendida como multireferencial.

Ao longo dos anos se naturalizou o gostar como algo essencial para lidar com crianças e isto refletiu fortemente na forma de conduzir essa temática. Além do mais, ao se eleger o cuidar como elemento primordial, foram colocados em segundo plano outros aspectos igualmente importantes na constituição dos sujeitos cidadãos.

Haddad (2003) propõe a superação desse modelo dúbio existente em alguns países como o Brasil, onde as práticas de compensar as carências afetivas e sociais são consideradas as mais importantes. Por fim, é preciso ressaltar que a função da educação é o cuidar e educar de forma integrada. As crianças precisam de ambas as ações: cuidado e educação que devem ser compreendidos como faces da mesma moeda de modo que elas possam viver plenamente a sua condição de criança em desenvolvimento, que implica em fantasia, em ludicidade, em criar cultura, em transgredir, em surpreender, em maravilhar sempre.

Para Didonet (2003), as ações na creche são interligadas. O que significa afirmar que o conteúdo educativo na creche está constantemente integrado aos gestos de cuidar. Além do mais, quando se cuida sem nenhuma intencionalidade educativa, na verdade está se contribuindo para a permanência da pessoa em determinada posição na sociedade, conferindo-lhe determinado papel, como assevera Rossetti-Ferreira (2003).

Cuidar e educar são elementos indissociáveis e indutores de inclusão. A maior parte do dia-a-dia de uma creche está centrada em momentos práticos e de assistência por questões de direitos prioritários à infância, como alimentação, higiene, descanso e momentos de lazer onde as brincadeiras ocupam seu lugar. Seremos educadores que acreditam que durante esses momentos não há nenhum conteúdo ligado à educação? Seremos educadores que acreditam que os momentos de lazer, onde as brincadeiras infantis se evidenciam, são situações que acontecem porque as crianças não tem outra coisa para fazer?

Todas as atividades cotidianas que surgem em um ambiente de educação, a própria

rotina em si apresentam ligações com conteúdos educacionais. Desde a orientação de como se portar à mesa até a construção de uma brincadeira coletiva no parque. Praticar uma pedagogia consciente, compreendendo o cuidar e educar como indissociáveis é posicionar-se diante desses momentos com uma postura disposta a propiciar um desenvolvimento integral e em completude alicerçado em uma educação comprometida com a história social de cada membro que neste ambiente convive, produz e reproduz história.

2.3 - Caminhos pedagógicos da inclusão: o papel social

Devido a uma necessidade, causada por um universo de fatores que configuram uma sociedade desigual, de possibilitar uma educação de qualidade e assistida aos seus filhos muitas mães recorrem às creches para serem acolhidas por instituições que as amparem e muito além de oferecer assistência tem um compromisso com a educação dessas crianças.

Nossa sociedade gira em torno de situações como essas, devido às nossas escolhas orientadas por uma necessidade. Assim acolher tornasse um sinônimo de cuidar e de garantir, mesmo que por tempo indeterminado, atender as necessidades do outro, sendo relevante o compromisso e o empenho para com o seu bem-estar e crescimento pessoal, ou seja, a necessidade de qualificar cada vez mais esta resposta social. Logo seguindo esse viés:

“Acolher é sinônimo de cuidar e de garantir, ainda que temporariamente, a satisfação das necessidades do outro, mas é, sobretudo, o compromisso e o empenho para com o seu bem-estar e crescimento pessoal. Acolher é assim também, sinônimo de capacitação para o cuidar, para a prestação de um serviço de qualidade que envolve dedicação pessoal, o conhecimento e a sensibilidade no que respeita ao contexto social, aos conflitos familiares e às características individuais de quem num determinado momento da vida precisa desse amparo e necessita desta resposta social”. (DELGADO, 2007, p.01).

Sendo assim a garantia dos direitos dos cidadãos exige em determinadas situações a oferta de serviços de assistência que possibilitam a sua integração social, assim como a criação de soluções que complementam ou que sirvam de alternativa ao contexto familiar. Que tenham uma contribuição efetiva para o seu bem-estar, sua autonomia, valorização e desenvolvimento pessoal. (DELGADO, p.01, 2007). E além da integração a necessária inclusão.

Assistir a criança, com atenção, convidá-la para interagir com o grupo em situações simples como auxiliar a organizar materiais na estante, organizar brinquedos, arrumar os a mesa para alimenta-se, enfim, o educador pode encontrar inúmeras maneiras de construir com

a criança ambiente acolhedor e capaz de incluí-lo verdadeiramente, não somente integrá-lo.

Assim se faz necessária a compreensão clara da dicotomia entre integrar e incluir, a inclusão se faz necessária nas funções de cuidar e educar. Uma vez que envolvem a dinâmica pedagógica dos educadores, sendo primordial a inclusão das crianças e não apenas a integração no ambiente em que se encontra, pois as inúmeras situações podem gerar diversos sentimentos.

É por meio de reflexões das nossas atitudes, diante do que nos empenhamos que podemos transformar nossas ações. Através de indagações e do que nos intriga que há indução para a busca de respostas. A dúvida reorienta o olhar do educador, se deixar que ela morra seremos meros "cumpridores de horas trabalhadas", lavando as mãos para o compromisso e vestindo a camisa do comodismo, sendo assim devemos nos atentar às demandas sociais em prol de um acolhimento de qualidade.

Após a Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, lei de Diretrizes e Bases da Educação e documentos que norteiam a educação infantil como o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil, os Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças, todos afirmando o direito da criança a uma educação de qualidade, não dá mais para imaginar a criança fazer parte da creche sem que se planeje a qualidade do acolhimento.

Através da Constituição Federal de 1988 nos seus respectivos artigos 6º e 208 diz textualmente que:

“Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

“Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (...) IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 05 (cinco) anos de idade.”

O Estatuto da Criança e do Adolescente no “Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: (...) IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”; a Lei de Diretrizes e Bases nos artigos 4º, 29 e 30 dizem:

“Art. 4º. O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: (...) IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.”

“Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”

“Art. 30º. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade (...).”

Diante do exposto torna-se inteligível a afirmação da importância da educação infantil e o direito à creche no sentido de proporcionar um desenvolvimento integral, sendo a creche um meio de complementar a ação da família e comunidade, onde o acolhimento se permeia entre todos envolvidos.

Seguindo esse viés o Estado reconheceu essa responsabilidade, com a criança pequena, e tornou gratuita a creche para a modalidade infantil com o intuito da promoção da igualdade de oportunidades educacionais e que levem em conta diferenças, diversidades e desigualdades de nosso imenso território e das muitas culturas nele presentes. Sendo que consideramos que este é um fato histórico da maior importância para a Educação Infantil pelo seu significado no contexto da legislação e das conquistas para esta primeira etapa da Educação Básica.

Ainda remetendo a Constituição no “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, no “Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (...).”

E Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente no “Art. 4.º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.” no “Art. 7.º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.”

Com referência à Lei de Diretrizes e Bases no Art. 2º. A educação, dever da família e

do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Dessa forma através da legislação afirmamos com propriedade que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família sendo importante a colaboração da sociedade para o desenvolvimento da criança e do adolescente, sendo dever assegurar com prioridade os direitos a fim de um desenvolvimento integral como previsto.

Infelizmente, no Brasil, se sobressai um quadro de desigualdades, o que acarreta famílias de camadas populares a necessidade de apoio para poder exercer o dever de assegurar os direitos fundamentais da criança, uma vez que não possuem recursos suficientes para supri-los. O Estado prevê a creche gratuita à modalidade infantil, porém essa necessidade se estende a crianças de outras faixas etárias. O que embaça no que diz respeito à educação como direito de todos, para o desenvolvimento da criança e do adolescente, como prevê a legislação que afirma ser dever assegurar com prioridade os direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à dignidade, ao respeito, à liberdade, enfim um desenvolvimento integral.

Surgem então instituições de educação que seguem o princípio de solidariedade e cidadania, desenvolvidas pela sociedade em prol dessas famílias com a proposta de promoção. Para famílias que vão à busca de acolhimento e apoio pela necessidade de cuidados e educação para concretizar a educação.

Mas até onde não se configuram como creche?

Vale recordar que a creche surgiu da necessidade de guardar os filhos de mães trabalhadoras e mais tarde com a evolução de sua finalidade que além do cuidado vai de encontro ao compromisso com a educação. E que para oferecer assistência a essas famílias é necessário que se tenham estruturas e critérios de organização assim como afirma o documento do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças”. Este documento é composto por duas partes. A primeira contém critérios relativos à organização e ao funcionamento interno das creches, que dizem respeito principalmente às práticas concretas adotadas no trabalho direto com as crianças e a segunda explicita critérios relativos

à definição de diretrizes e normas políticas.

Através deste podemos equiparar os Institutos que possuem estruturas e a essência da creche, comprometidas da mesma forma com o cuidado/ educação e desenvolvimento integral das crianças que usufruem dos serviços e advindos de uma mesma necessidade, de modo geral, famílias de baixa renda que carecem desse complemento como alternativa de proteção e educação aos seus filhos. Porém até onde o reconhecimento formal do Estado, ao qual a creche é uma instituição destinada à modalidade infantil, não concede essa identidade às esses Institutos? Será que aqueles se usufruem desse acolhimento não o identificam como creche? Não vão de encontro a uma mesma resposta social? E qual importância desse acolhimento, da ação afirmativa na trajetória educacional dessas crianças, ela modifica a trajetória educacional dessas crianças?

Perguntas como essas, e outras, terão suas respostas encontradas na pesquisa de campo realizada nesse trabalho.

CAPÍTULO III- METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia da pesquisa: os aspectos metodológicos, os objetivos, a caracterização da instituição de educação e dos sujeitos participantes, e os procedimentos de dados da pesquisa.

3.1 - Aspectos metodológicos da pesquisa

Este trabalho inscreve-se na abordagem qualitativa caracterizada por Rey (2002, p. 53) como “um processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado, um diálogo permanente que torna diferentes formas.”.

O estudo de campo buscou obter informações quanto à relevância de ações afirmativas, em prol de crianças de camadas populares, como instrumento de uma Pedagogia Inclusiva. Para isso, se fez necessário buscar informações através de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram conduzidas com a finalidade de compreender as ações da instituição de educação, ação afirmativa, relevadoras de um ambiente inclusivo. Procurou desta forma, uma compreensão mais completa e profunda da situação pesquisada, por considerar que o contexto particular é o elemento único e essencial.

Para André e Lüdke (1986, p. 11), na abordagem qualitativa do ambiente natural como fonte direta para a coleta de dados e do pesquisador como instrumento principal, existem características básicas que configuram esse tipo pesquisa, como:

- a) os dados coletados são predominantemente descritivos;
- b) preocupação com o processo é maior que o produto;
- c) o “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
- d) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Assim a preocupação do pesquisador não está focada somente nos fatos, mas também na subjetividade presente nas situações da pesquisa. Portanto parte do pesquisador, uma atenção apurada à maior quantidade de informações presentes neste ambiente, pois estas servem de subsídios que possibilitam a melhor compreensão da situação da pesquisa. Para o autor:

“Em oposição a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador”. (ANDRÉ, 2000, p. 17)

Assim admite-se que cada indivíduo entende a realidade a sua maneira. Mesmo diante dessa mobilidade de entendimento na pesquisa, o rigor científico deve sempre ser observado, devendo o pesquisador estar atento quanto “a acuidade e veracidade das informações que vai obtendo, ou melhor, construindo” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 12), tendo todo o cuidado e zelo com a pesquisa, de tal forma, que seja confiável.

3.2 - Contexto da pesquisa

Através da fala da Irmã (I3) iremos contextualizar o objeto de pesquisa, o *Lar*.

Eugênia Ravasco nasce em Milão, no dia 04 de janeiro de 1845. É a quinta filha do banqueiro genovês Francisco Mateus Ravasco e da nobre senhora Carolina Tereza Francisca Mozzoni Frosconi. No dia 06 de dezembro de 1868, nasce a Congregação das filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. Tem a finalidade de fazer o bem, como serviço integral às pessoas, da educação à salvação, sendo os principais destinatários os jovens. Mais do que qualquer outra ação, o que mais lhe chama atenção de Eugênia são as meninas do povo, mal vestidas, não muito limpas e sem instrução. Ouvindo-as gritar e brigar percebe, então, que a pobreza pode embrutecer as pessoas. Eugênia se volta para os jovens mais necessitados, em especial as mulheres que para ela é uma riqueza que não entrou plenamente no fluxo da história e que pode dar novamente equilíbrio a uma sociedade cada vez mais desequilibrada. (CINGOLANI, 2003)

Em 1898 é o momento de dilatação máxima da obra enquanto vive a fundadora, pois além da casa mãe em Gênova, estão funcionando quatro filiais entre a Ligúria e Piemonte: Levanto, Levo, Ronco e São Maurício di Ghifa, já foram fechadas as experiências de Ruta, Resina e Pisano e mais tarde Colazza, Corciago. Sua obra se espalha “Gostaria de incendiar de bem o mundo todo, como todo verdadeiro enamorado” (CINGOLANI, p.62).

O Instituto Ravasco conta com dezenas de casas espalhadas entre quatros continentes, por vários países como Itália (1968), Bolívia (1951), Venezuela (1951), Brasil (1955), Suíça (1956), Colômbia (1958), Argentina (1959), Paraguai (1960), México (1992), Costa do Marfim (1997), Filipinas (2000), Albânia (1994). (CINGOLANI, 2003) Uma grande obra que

chegou ao Brasil com o compromisso de mudar a vida de muitas mulheres. (PATARINO, 2003).

E através da entrevista com a Irmã-diretora (I3), do Lar Madre Eugênia Ravasco, constatamos o histórico da construção do Instituto Ravasco em Brasília:

O espírito da fundadora de querer ir para outros países e não ficar só na Itália foi concretizado. Em 1950 as Irmãs começaram a sair da Itália e vieram primeiro para Bolívia. E lá as Irmãs trabalhavam mesmo no meio dos índios e tudo. Em 1955 vieram para o Brasil. Em 07 de Julho de 1955 a primeira casa foi fundada, no Rio de Janeiro, pelas primeiras Irmãs que iniciaram a obra Ravasco no Brasil, Madre Carla Quaglia, Irmã Fidélia Carcione, Irmã Lorenzina Renzo. E aqui no Brasil a intenção da Madre Carla naquela época era continuar com a escola, pois segundo a fundadora, é na escola que nós temos que educar os jovens. Então ela começou com escola. Primeiro foi pra Posse. As Irmãs ajudavam na escola que tinha na cidade. Depois foi para Formosa e aqui já estava começando, por volta de 1968, essa creche, que era creche.

Em 1968, acho que foi sessenta e oito. Eram crianças na faixa de zero a quatro anos e era pago. E atendia filhos de empregados públicos. Uma turma ficava de manhã, uma turma ficava de tarde, outra turma ficava o dia todo. Era muito trabalho.

Quando começou Ceilândia que era naquela pobreza. Era aquele povo quase que jogado. Era pior do que favela. Então a Madre Carla foi para lá visitar. Quando ela chegou em casa ela disse que não conseguiu dormir. De ver aquelas meninas lá na rua. De ver aquelas meninas lá jogadas no meio da lama. Foi quando veio a idéia dela de não trabalhar com creche, mas pegar essas meninas. Porém surgiu uma questão - como ia sustentar? Como sustentar? E ela ficou ali naquela angústia de ver que era ali que estava precisando. Não eram tanto esses pais que pagavam. Então ela deu a idéia, nós podemos começar com... Fazer um pensionato.

Dessa forma nós ajudamos também essas moças que trabalham, que querem estudar, mas nem sempre tem condições. Então a gente poderia fazer esse pensionato. Acolher essas moças. Elas pagam com o preço módico e ajuda essas crianças. Foi então como ela começou, eram só três Irmãs, sobravam dois quartos. Começou com quatro moças. Seis moças. Aí teve uma doação construiu aquela parte dali. Depois ela construiu outro pedaço. Aí teve uma

doação, construiu aquele outro pedaço.

Então o pensionato é em função do *Lar* e ao mesmo tempo é para promover as moças. Essa obra, que trabalha desse jeito, com as crianças tem aqui em Brasília, no Rio de Janeiro e Barreiras - Bahia. As obras têm outros nomes, mas o trabalho é igual com crianças, mesma congregação, do mesmo estilo e a opção por essas crianças que precisam. Depois tem no Rio Grande do Sul, mas só que não é nosso, mas são nossas Irmãs que direcionam e ajudam naquela obra.

Então são quatro com esse estilo. Aqui chama Lar Madre Eugênia Ravasco. No Rio de Janeiro chama Lar São José. Em Barreiras - Bahia chama Casa Madre Eugênia Ravasco. Depois em Piauí e Ceará as Irmãs fazem trabalho com as crianças e com os jovens. Não tem um trabalho específico, então elas às vezes vão visitar os doentes, vão orientar os pobres, as mãe que estão grávidas. Então é um trabalho geral não específico. E depois tem as escolas. São três escolas só. Formosa, que é a maior, Posse e Alto Paraíso. O Lar Madre Eugênia Ravasco acolhe 30 meninas ou mais por ano, que cursem o ensino fundamental e fica localizado na Asa Norte.

3.3 – Sujeitos participantes

Para obtenção de dados da pesquisa participaram 08 jovens sendo elas 04 meninas que estão no Instituto, 04 meninas egressas do Instituto e 03 Irmãs responsáveis pelas crianças no Instituto. Para atender os objetivos deste estudo, o trabalho de campo foi realizado através de entrevistas individuais. As participantes não tiveram seus nomes citados, como forma de preservar suas identidades foram, portanto, diferenciadas utilizando siglas conforme o quadro abaixo:

Participantes	Siglas	Faixa etária
Menina 01	M1	13 anos
Menina 02	M2	10 anos
Menina 03	M3	12 anos
Menina 04	M4	10 anos
Egressa 01	E1	22 Anos
Egressa 02	E2	23 Anos

Egressa 03	E3	21 Anos
Egressa 04	E4	21 anos

Tabela 1. Identificação das meninas

Irmãs	Siglas	Formação das Irmãs
Irmã 01	I1	Cursando Teologia
Irmã 02	I2	Cursando Teologia
Irmã 03	I3	Graduada em Letras

Tabela 2. Identificação das Irmãs

São meninas que em maioria não possuem pai ou mesmo presença paterna e moram somente com a mãe e irmãos. Sendo as mães com baixa escolaridade. Caracterizando o retrato de famílias de camadas populares. “Porque se não me engano acho que são quatro meninas que tem pai. As outras todas são só... Só moram com a mãe ou com mais um irmão ou uma irmã. Mas em geral é só a criança com a mãe e então tem mães que são analfabetas.” (I1)

3.4 – Instrumentos de coleta de dados

O instrumento definido para a coleta de dados deste estudo foi a pesquisa semiestruturada, do tipo descritiva e qualitativa, seguindo um roteiro de entrevista semiestruturada pré-estabelecido. As entrevistas forneceram os dados necessários pra se atingir os objetivos propostos. E foi escolhida por permitir maior aprofundamento das questões levantadas, garantindo assim, uma abordagem mais intensa sobre a situação pesquisada. Segundo Lakatos e Marconi (1996, p. 195): “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que a uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. E justamente pode ser um encontro de pessoas, a entrevista permite uma interação dialógica entre o entrevistador e o entrevistado, de tal forma, que há um clima de influência múltipla entre ambos.

Para o êxito da pesquisa, primeiro o pesquisador precisa ter respeito pelo participante, por suas opiniões, sua cultura, suas concepções e seu universo próprio, depois é preciso que o pesquisador saiba ouvir atentamente e deixar que as informações fluam naturalmente. Criando deste modo um clima de confiança, permitindo dessa forma que o participante se expresse livremente (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Outro fator que contribuiu para a escolha desse instrumento de pesquisa foi a

possibilidade de correção e esclarecimentos que poderiam ser feitos, graças à “maneira exclusiva” como a entrevista se realiza (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34) Tendo a oportunidade de conduzir a entrevista segundo as necessidades que surgem.

3.5 - Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados se deu entre os dias 16 a 21 de maio de 2011. As entrevistas foram realizadas parte em uma sala de recepção na portaria do Lar Madre Eugênia Ravasco e parte no parque da Instituição, com horário pré-estabelecido junto às entrevistadas. O aparelho eletrônico utilizado para gravar a entrevista foi uma câmera fotográfica com gravação de vídeo, porém inutilizando as imagens e relevando apenas a gravação de voz. Utilizou-se um termo de autorização do nome da Instituição.

Em seguida, iniciou-se a análise e registro dos dados coletados.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo objetiva analisar os resultados da pesquisa. Para tal está dividido em quatro categorias: Análise da rotina e atividades do Lar Madre Eugênia Ravasco. Identificação da quebra do paradigma: assistencialismo versus educação; e aspectos de inclusão segundo as Irmãs. A importância do Lar como possibilidade de mudança na trajetória educacional. Compreensão acerca da concepção das Irmãs responsáveis sobre ações afirmativas.

Serão apresentados trechos relevantes da transcrição das falas das entrevistadas que ilustram cada um dos blocos mencionados. Em anexo, encontram-se os apêndices utilizados.

4.1 - Concepção das responsáveis acerca das ações afirmativas.

Neste bloco foram analisados dados obtidos através da pergunta (08) feita às responsáveis.

Irmã (I1)

A Irmã a princípio pediu esclarecimento na questão. Então introduzimos o conceito de ações afirmativas. E novamente a Irmã remete à proposta do *Lar* de promoção humana com o diferencial da Congregação Sagrados Corações de Jesus e Marias, do referido Instituto. Sem relacionar com o propósito da ação afirmativa, correspondente a proposta do *Lar*. Denotando a incompreensão do conceito e intuito das ações afirmativas e a falta do entendimento real do teor da pergunta.

“A gente tem, por exemplo, promoção humana, principalmente da mulher. Trabalhos que a gente ensina costura, pintura, manicure, culinária e varias outras atividades que tem também em outras casas nossas neh?”

A Irmã cita como ações inclusivas que ela reconhece no *Lar* os passeios, festas de dia das mães, de natal. O respeito mútuo que elas desenvolvem com as meninas. “Isso também depois futuramente é bom pra elas num ambiente e trabalho, numa faculdade saber se relacionar.” As aulas de inglês, pois muitas delas não têm a oportunidade de estudar o idioma como as que estudam na escola particular, sendo uma forma dessas meninas, de escola pública, acompanhar o ritmo das outras que estão em escola diferente. O apoio à família. “Então são várias coisas neh? Vários trabalhos.”

Irmã (I2)

Assim como (I1) solicitou esclarecimento acerca da questão. E após ela reconheceu o *Lar* como uma *ação afirmativa* “Porque se é dever do Estado oferecer educação, saúde e tudo isso. Mas muitas vezes fica um pouco falho neh?”. Exemplificando a falha no atendimento psicológico que as meninas de escola pública têm direito e que as mães mesmo colocam a dificuldade que é marcar “Eu vou pra marcar e diz que não tem vaga, que tem uma fila enorme.”. Então segundo a Irmã “(...) aqueles direitos que elas têm às vezes ficam restritos a poucos. Num são todos que tem.”. Então ela tem demonstra a percepção do *Lar* como uma ação inclusiva com o intuito de dirimir os conflitos sociais e igualdade de oportunidades assim como afirma Gomes (2001) “(...) realização da igualdade de oportunidades”.

Irmã (I3)

A Irmã disse que “No nosso trabalho mesmo que seja particular ele deve acompanhar a política pública.”. Elas estão sempre acompanhando as demandas das esferas do governo de acordo com os limites. “Cada ano a gente faz um projeto e sempre adaptando essas políticas públicas que governo está querendo.”.

A Irmã reconhece os passeios e as atividades comemorativas como ações afirmativas considerando uma oportunidade de inclusão no trabalho efetuado. Constatando o que Gomes contextualiza no que se refere às ações afirmativas:

“Em síntese, trata-se de políticas e mecanismos de inclusão concebidos por entidades públicas, privadas e por órgãos dotados de competência jurisdicional, com vistas à concretização de um objetivo constitucional universalmente reconhecido – o da efetiva igualdade de oportunidades a que todos os seres humanos têm direito.” (GOMES, p.40,2001).

4.2 - Proposta pedagógica, rotina e atividades do *Lar* Madre Eugênia Ravasco

Neste bloco foram analisados dados obtidos através das perguntas (01), (03), (04) e (06) feitas às responsáveis (Irmãs); das perguntas (03), (04), (05) e (06) feita às meninas do *Lar* e das perguntas (02) e (03) feitas às egressas do *Lar*.

4.2.1 - Proposta pedagógica do *Lar*.

(Referente à pergunta (1) feita às Irmãs)

Irmã (I1)

De acordo com a Irmã o *Lar* trabalha em abrigo semiaberto, mas inicialmente as meninas ficavam em tempo integral. E ficando em tempo integral comprometia o compromisso da família, pois em contrapartida com o apoio das Irmãs as mães se eximiam da responsabilidade com suas filhas, desencadeando por vezes problemas como, por exemplo, de relacionamentos. “(...) Chegava final de semana as mães não vinham buscar. Às vezes passavam até meses sem encontrar com as mães.”

Logo após essa determinação o trabalho com as meninas passou a ser efetivado em contra turno, ou seja, ficam meio período no *Lar*, na parte da manhã, atarde elas vão pra escola e após as mães buscam na escola e vão pra casa. O *Lar* tem a proposta de uma ação sócia educativa em meio aberto. “Esse na verdade é nosso trabalho é um apoio sócio educativo em meio aberto.”

Irmã (I2)

Essa Irmã transparece certa insegurança em definir a proposta e se justifica baseada no pouco tempo de atuação no *Lar*, pois trabalhava com outras obras: “Cheguei aqui no ano passado e eu também é a primeira vez que eu faço esse tipo de trabalho neh? Que eu trabalhava mais com pastorais, com meninas então é minha primeira vez neh?”

Ela apresenta como proposta o acolhimento de crianças pela necessidade de trabalho das mães. E nesse acolhimento as meninas aprenderem algo em atividades oferecidas e se comprometerem com os estudos. Sendo que há uma divisão de faixa etária. Meninas de seis a oito anos ficam com ela, ou seja, as menores e as maiores com outra Irmã em outra sala de estudos. “E trabalhar com as faixas etárias neh? Trabalhar com as pequenas. Por exemplo, com as de seis a oito anos, ensinar dever de casa essas coisas é mais fácil do que tá misturado com as maiores.”

Essa necessidade de divisão segundo ela busca facilitar o atendimento das meninas de acordo com as faixas etárias e oferecer mais atenção a cada uma. O que realmente é bom para que se alcance um bom trabalho, uma vez que agrupar as meninas de acordo com as faixas etárias atende às especificidades de cada grupo.

Irmã (I3)

A Irmã, diretora do *Lar*, expõe a proposta sendo a promoção da criança. Fazer com que ela cresça e se desenvolva de forma integral. A promoção da mulher visando sua autonomia. Também o acolhimento da família. E traz o que norteia essa proposta que seria o Estatuto da Congregação das Filhas dos Sagrados de Jesus e Maria que se baseiam na Constituição do Brasil e as leis que regem a educação. “Ali nós temos as constituições que são as regras pras todas as Irmãs do mundo inteiro, depois cada nação. No Brasil nós temos o Instituto que vai entrar de acordo com essas constituições e com a constituição do Brasil. (...) Pois cada instituição tem seu regimento interno.”

Ou seja, o Instituto tem o comprometimento com a educação a fim de promover mulheres que venham a ter a oportunidade de um desenvolvimento integral e estejam preparadas para a vida com autonomia.

4.2.2 - Rotina de *Lar*

(Referente às perguntas (03), (04) meninas e pergunta (03) Irmãs).

As meninas seguem uma rotina de segunda a sexta em contra turno com a escola. Chegam de manhã e cumprem horários para alimentação, estudo, lazer, prática de trabalho manual, ofícios de limpeza, tomar banho e ir para a escola.

Alimentação

As Irmãs oferecem café da manhã às oito horas e almoço ao meio dia, com a responsabilidade de oferecer uma alimentação balanceada a fim de oferecer uma alimentação saudável.

Irmãs:

“Então a gente fala dessa importância de tá comendo o que é bom pra saúde. (...) E também a gente procura conscientiza elas que comida num é pra se jogar fora. Que tem crianças aí que tão passando fome.” (I2)

“Alimentação saudável, alimentação firme. E não só comer o que gosta que é uma luta que você acompanhou neh?” (I3)

Fiquei no *Lar* por nove anos por isso a referência a mim.

Meninas do *Lar*:

“(…) A comida às vezes a gente gosta, assim, às vezes a gente num gosta mais é assim num é porque a comida é ruim. É porque o que é a comida não gostam, tipo verdura a maioria das meninas não gostam ou então o modo como é feito.” (M1)

“E quando dá meio dia toca o sino e a Irmã forma a fila e a gente vai pro refeitório, mas o sino só toca no almoço. Sempre tem salada, sempre, nunca falta. Aí tem de tudo, mas batatinha frita essas coisas assim só tem quando é dia das crianças.” (M3).

Estudos

As Irmãs priorizam os estudos e fazem acompanhamento escolar e do desempenho das meninas no decorrer do ano letivo.

Irmãs:

As Irmãs em consenso priorizam o estudo e dão suporte no acompanhamento escolar. Existe um horário de estudo e uma sala para realizá-los. Tendo em vista que as meninas por vezes não podem contar com a colaboração das mães por alguns fatores, dentre eles a pouca escolaridade e a rotina corrida. Mas a Irmã (I1) salienta a acomodação das meninas por saberem que tem um horário e espaço reservado para os estudos no *Lar* por vezes não estendem esse estudo em casa. Além do suporte das Irmãs que as acompanham as meninas podem contar com outras Irmãs com formações específicas para o apoio escolar.

“A primeira coisa que a gente dá prioridade, as primeiras, é a questão também do reforço escolar.” (I1)

“Temos esse ano a Irmã (X) que ela é formada em matemática e as meninas tem muita dúvida em matemática neh? Então ela tá assistindo bastante as meninas neh? Na parte da matemática.” (I2)

Meninas do *Lar*:

As meninas têm apoio das Irmãs e entre elas umas ajudam as outras quando necessário, denotando uma cumplicidade entre as meninas e espírito de solidariedade.

“A Irmã coloca as meninas grandes pra estudar com a gente uma da quinta série e uma da sétima também. Elas ajudam a gente estudar. A (M1) já me ajudou na de inglês.” (M2)

“A Irmã olha se tem dever, aí a irmã vem e ensina. Aí quando a gente termina ela pega

e confere.” (M3)

Recreio

As meninas possuem espaços como a sala de brinquedos, o parque e a quadra e materiais disponíveis para brincar. Oferecendo também um amplo espaço de árvores frutíferas, em sua maioria.

“Aí 10 horas é o recreio. As meninas pequenas gostam mais de ficar aqui no parquinho. (...) Aí as meninas grandes, a gente agora a gente tá gostando mais de jogar pingue-pongue. Aí as outras que não gostam ou não sabem jogar pingue-pongue fica jogando bola ali.” (M1)

“(…) E lá no parque tem muita fruta, é legal, mas dessas frutas mesmo que eu como é só a manga. Tem gente que enche a sacola e leva pra casa.” (M3)

“A gente brinca de queimada, queimada maluca, handebol, pingue-pongue.” (M4)

Trabalho Manual

As meninas desenvolvem trabalhos manuais ensinados pelas Irmãs. A proposta é trazer atividades que estimule o desenvolvimento delas. Visando como alternativa de renda, limitada ainda hoje, mas que no futuro possa ganhar proporções maiores. E ainda contribuir para a formação pessoal dessas crianças.

Irmãs:

“E até porque futuramente elas podem fazer isso em casa neh? Elas podem tá fazendo pra elas mesmas neh? Podem tá fazendo pra própria casa delas ou também podem tá fazendo pra vender como uma fonte de renda pra elas.” (I1)

“Então agora elas tão trabalhando com macramê, com vagonite, bordado. Tão trabalhando com cachecol. Com o tricô no tear e também elas trabalham algumas vezes com pintura e algumas vezes com missanga, mas num é que seja sempre.” (I1)

Meninas do Lar:

“Aí tem cachecol, agora a Irmã ensinou pra gente macramê, mas tem umas que fazem os dois o cachecol e o macramê. Aí tem o bordado também, quem faz o bordado depois faz o

macramê na toalhinha. Aí a Irmã põe na vitrine, no armário que tem na portaria.” (M1)

“Eu já fiz macramê, bordado, cachecol. E o trabalho manual é bem assim ó, a gente vende o paninho, por exemplo, cada paninho é vinte reais. Aí eu vendi... Eu vendi cinco. Aí deu cem reais, exemplo neh?! Aí a Irmã fica com cinquenta e eu com cinquenta.” (M3)

O valor do Trabalho Manual

As meninas vão aprendendo o significado de gerar uma renda e que através disso, no momento, elas podem ajudar em casa. Além de se apropriarem dessas atividades para uso pessoal.

“Aí eu fui lá e dei o dinheiro do trabalho manual pra minha mãe, pra ela ir paga as conta dela, pra... aí a Irmã disse que isso é importante que a gente pode até ajudar nossas mães com esse dinheiro que a gente vende as coisas. (...) O dinheiro que eu dei pra ela, ela pagou meu All Star...” (M3)

“E 11h horas é hora de fazer o trabalho manual. (...) Eu faço cachecol pra mim em casa.” (M4)

“Teve uma mesmo que a mãe depositou o dinheiro que ela ganhou. Ela conseguiu até uma quantia boa. (...) Uma delas falou assim, ah eu vou levar pra minha mãe pra ela comprar um litro de óleo e um pacote de arroz pra ela poder fazer a comida.” (I1)

Ofícios de limpeza

As meninas são destinadas casa uma a um ofício, que seria a divisão da limpeza dos locais que elas utilizam para que numa perspectiva futura elas saibam cuidar dos ambientes em que se encontram. Divididos de acordo com o grau de dificuldade. As Irmãs e até as meninas mesmas colocam a importância desse aprendizado. A menina (M4) apesar de achar que é chato fazer a limpeza às vezes, ainda sim reconhece a importância do aprendizado.

Irmãs:

“Que lá na minha sala é varrer a sala, passar o pano e enxugar o banheiro... Puxar a água do banheiro e secar e limpar as mesas. Ah tem também lavar os copos e os pratinhos do café. São elas que fazem neh? Duas lava, duas seca.” (I2)

“Cada uma tem um lugar pra limpar todos os dias. Então, pra aprendendo a ter

responsabilidade sobre as coisas que elas usam neh?” (I1)

Meninas do Lar:

“Sim é muito importante, porque tem gente, tem muita gente aí, nós, que a mãe num tem tempo de ensinar ou a mãe é muito ocupada aí a Irmã tá aqui ensina a gente. Aí quando a gente chega em casa a gente já tá aprendendo num precisa aprender, já aprendeu.” (M1)

“Aí se for o refeitório tem que ser três, uma pra varrer, uma pra limpar o chão e uma pra limpar as mesas. (...) É importante porque quando a gente crescer aí já vai ter a nossa casa limpa, porque se alguém for na nossa casa e ver a bagunça, já vai querer voltar pra casa dele.” (M2)

“Depois do almoço tem o ofício, é chato. (...) pra gente aprender a fazer as coisas, e também quando a gente crescer num precisar de empregada. Tem gente na minha turma que num sabe nem arrumar a cama.” (M4)

Preparo para ir à escola

As meninas após o ofício vão tomar banho e se arrumam para ir à escola. Existe estrutura para guardar os pertences das meninas. As Irmãs as levam parte vai para escola particular ao lado do Instituto e parte para escola pública, sendo que essas pela localidade vão de Kombi.

“Aí depois do ofício as meninas vão e ficam ali esperando até dá a hora de ir pra escola pra Irmã rezar. Aí tem umas... As meninas pequenas que gostam de ficar brincando ou tem umas que dormem até dá a hora de ir pro colégio.” (M1)

“Aí lá no banheiro tem o armário e cada uma tem um espaço pra colocar as coisas e deixa lá, por exemplo, tem lá (M3) e lá é meu.” (M3)

“Quando dá uma e vinte, nossa escola bate uma e meia, aí a Irmã faz a oração, junta todo mundo pra fazer a oração.” (M1)

4.2.3 - Atividades desenvolvidas no Lar

(Referente às perguntas (03) e (04) feitas às Irmãs, perguntas (4), (5) e (6) feitas às meninas do Lar e perguntas (2) e (3) feitas às egressas).

No decorrer dessa rotina as meninas têm atividades oferecidas pelo *Lar* e são acompanhadas pelas Irmãs e responsáveis pelas atividades. Além do acompanhamento escolar, trabalhos manuais e ofícios de limpeza, elas têm atividades como as aulas de educação física, aulas de inglês, passeios e atividades desenvolvidas no decorrer das datas comemorativas em específico, dia das mães, dia das crianças, festa dos Sagrados Corações, Páscoa e Natal. Que serão detalhadas abaixo.

Aula de Educação Física

Os alunos do Ceub fazem estágio, no *Lar*, aplicando aulas de educação física com as meninas. É o segundo ano que existe essa parceria. Cada semestre um grupo de alunos fazem estágio vindo um ou dois dias no semestre um grupo maior para fazer atividades com todas as meninas juntas.

Irmãs:

“E então é um trabalho voluntário neh? Num tem nenhuma remuneração. É um trabalho voluntário também da parte deles.” (I1)

“Então elas tão vindo segunda, terça, quarta e quinta. (...)pra num ficar só na sala estudando ou só brincando assim de qualquer jeito. Então uma atividade mais orientada.” (I2)

Meninas do *Lar*:

“Aí nos outros dias elas trazem o que elas... Ou tem dia que elas perguntam o que a gente quer fazer uma aula antes, aí elas vão lá e preparam e dão a aula pra gente.” (M1)

“Às vezes a tia fala pra gente fazer umas brincadeiras que ela escolhe e às vezes é a gente, mas quinta-feira é livre aí a gente brinca do que a gente quiser.” (M2)

Aulas de Inglês

Duas pensionistas oferecem o apoio. Sendo que uma delas viu que ela teve essa dificuldade quando criança de ter o inglês na escola e era muito difícil. Agora ela tem o inglês fluente e se ofereceu para dar aulas de inglês, reforçando para aquelas que já possuem essa disciplina na escola e dando oportunidade para aquelas que nunca tiveram contato com o inglês e espanhol também. Mas devido à indisponibilidade por conta do trabalho não estava podendo ajudar, então a Irmã (I1) procurou outra pensionista para dar continuidade na

atividade. E a Irmã (I1) mostra que essa atividade pode servi como igualdade de oportunidades uma vez que as meninas da escola pública não têm aulas de inglês e espanhol desde as séries iniciais como as da escola particular. E as meninas valorizar a oportunidade.

Irmãs:

“Tem duas pensionistas que ajudam também com o inglês com elas. Que também é um trabalho voluntário.” (I1)

“(...) também tem a questão do inglês que muitas delas estão na escola pública neh? (...) Pra tá também acompanhando o ritmo das outras que estão em escola diferente neh?” (I1)

Meninas do *Lar*:

“E é bom porque sempre ajuda, sempre é melhor. Que a gente sempre tira uma nota maior na prova. É bom.” (M1)

“Agora ae essa pensionista se ofereceu. Aí a Irmã foi lá e aceitou neh? Que a Irmã num ia perder uma oportunidade boa dessa!” (M3)

Passeios

Uma ou duas vezes no semestre são promovidos passeios turísticos e às exposições. São citados passeios a pontos turísticos como Esplanada, Catedral, o santuário Dom Bosco, Ponte JK, Memorial JK e a exposição que se chamava “O homem do sudário. Quem ele é?”, exposição que teve no Gilberto Salomão.

Irmãs:

“Então elas vão em lugares que elas nunca foram. Que não tiveram a oportunidade de ir.” (I1)

“Pra conhecer, pra explicar o que que é. (...) Faz parte neh? Conhecer a própria cidade.” (I3)

Meninas do *Lar*

“Tinha um monte de anjos pendurados assim, as meninas pensavam que ia cair em cima da cabeça delas. Aí teve um dia, nesse mesmo dia da Catedral a gente foi pra um monte de lugar.” (M2)

“Ah passeio tem muito, muito. Todo ano tem. Nesse ano teve. (...) A gente foi pruma igreja linda, é tipo cristal em cima, ela é bem grandona, aí tem tipo uma lâmpada, ela é linda! Tem tipo uns cristal assim, mas não é, não é. É tipo! Aí quando a gente olha assim brilha em cima.” (M3)

Datas comemorativas

Dia das Mães

As Irmãs preparam uma apresentação em conjunto com as meninas. E na apresentação elas podem dançar ou cantar, ler poesias para homenagearem as mães. É possível notar a iniciativa das meninas na atividade. Presenteiam as mães, que na maioria das vezes o presente é a própria produção do trabalho manual. As Irmãs organizam uma comemoração com uma missa, as Irmãs valorizam a apresentação das meninas e fazem uma confraternização ao final, com comes e bebes.

Irmãs:

Apresentação

“Então elas prepararam a coreografia, ensaiaram as menores. Depois elas quiseram ler uma mensagem pras mães.” (I1)

“Elas fazem coreografias. Elas fazem a gente ajuda. Canta musiquinha. Leem poesia.” (I2)

“Mas ae depois dessa primeira parte celebrativa a gente vem pro nosso salão nobre que é aquele corredor. (...) E depois lá na frente a gente faz como se fosse o palco principal delas neh?” (I1)

Meninas do Lar:

“Desse ano foi... (...) A gente que fez os passos.” (M2)

“Tem gente dança, inventa uma coreografia. Tem gente que canta. Esse ano a Irmã deu uma poesia pra cada uma falar. É bem legal, minha mãe fica feliz.” (M3)

O presente

Irmãs:

“E esse ano elas prepararam no caso as meninas maiores prepararam um vagonite, bordado na toalha, e o macramê que é um... (...) Das menores foram os tapetes que elas tinham uma linha de lã e elas iam costurando neh? Costurando na tela mesmo.” (I1)

“As mães gostaram muito até agora dos trabalhos que a gente deu.” (I2)

Meninas do Lar:

“Aí a gente deu o presente. Trabalho manual que a gente fez.” (M2)

“Eu dei de presente o macramê que fiz.” (M4)

Dia das crianças

Dia das crianças as Irmãs preparam atividades para as meninas e fazem um dia diferente e especial trazendo brinquedos como pula-pula e piscina de bolinhas, pipoca, algodão doce. Fazem um almoço diferente e presenteiam as meninas.

Irmãs:

“Então esse dia das crianças a gente também faz nesse sentido, pra elas poderem divertir, aproveitar neh? (...) Então ae é um dia que elas acham que é uma maravilha neh?” (I1)

“E a Irmã fez a comida que elas gostavam, aí depois ainda fizemos banho de mangueira. E elas gostaram e ficaram... Gente, mas foi festa demais! (..) A Irmã conseguiu uma doação de bonecas Barbie. (...) Pra elas foram o máximo neh?” (I2)

Meninas do Lar:

“Aí a gente sempre sabe neh? Que no dia das crianças a Irmã vai fazer alguma coisa especial. (...) Aí tem batatinha. Às vezes tem batatinha só que diferente. Tem refri.” (M1)

“Quando as meninas chegam aqui tem pula-pula, brinquedo, aí a Irmã num deixa ninguém vim pra fora senão estraga a surpresa. (...) Aí a gente ganhou uma Barbie, uma maletinha com pasta, escova de dente e pente e mais alguma coisa... Ai esqueci... Chuchinha!” (M2)

“Ah e teve banho de mangueira, foi muito legal. E na hora do almoço nem se fale a comida é muito gostosa.” (M4)

Festa dos Sagrados Corações

Outra festa que enfatizam “(...) é a festa dos Sagrados Corações que é da nossa congregação. A gente procura fazer uma missa.” Procura trabalhar a espiritualidade e fazer uma abordagem à fundadora, Madre Eugênia Ravasco.

Páscoa

As meninas falaram que sempre ganham algum chocolate na páscoa e a data não passa em branco e é trabalhado com elas o sentido da comemoração, mostrando que o significado vai além do chocolate.

“Teve um dia num sei se foi nesse ano, que a Irmã levou as meninas pra capela. Aí quando a gente voltou na capela tinha um monte de saquinho com doces dentro.” (M2)

“Páscoa. Ah a páscoa! Sempre quando é dia de páscoa a Irmã compra ou doam, neh? Pra gente ovo de páscoa.” (M3)

“A Irmã falou que páscoa num é só chocolate, pascoa é ressurreição e a gente ganhou ovo de pascoa. A gente sempre ganha alguma coisa.” (M4)

Natal

No Natal é feita uma comemoração assim como as outras, com uma missa, dando atenção especial à pessoa de Jesus, apresentação das meninas e reunião da família com uma confraternização no final, as meninas recebem presentes, mas a festa tem um diferencial, é a festa que encerra o ano.

Irmãs:

“No caso é um presente que possa servir. Teve um ano que a gente deu uma toalha pra cada uma. Que tinham meninas que não tinham toalha pra trazer pra cá pra ficar aqui durante a semana. (...) Sempre é uma coisa assim mais de utilidade delas em casa.” (I1)

Meninas do Lar:

“Tem o Natal também. É assim a gente também sempre faz uma apresentação, as meninas que querem fazer uma peça ae a gente ensaia. (...) Mas no Natal tem missa, às vezes a Irmã aproveita e emenda com o batizado.” (M1)

“Antes da festa a Irmã chama a gente pra sala de brinquedos e a gente ensaia. A Irmã escolhe uma música e a gente ensaia.” (M2)

“Tudo a gente que faz. A gente que escolheu. A gente cantou, dançou. A gente ganhou presente. (...) Eu ganhei um pijama, e eu cresci porque tá bem aqui assim agora. Foi um dia bom.” (M4)

Outras comemorações

“Não tem dia dos pais porque na maioria, a maioria aqui é com as mães. É com as mães aí a Irmã não faz dia dos pais.” (M1)

“Aí tem Cosme e Damião. Teve no ano passado depois da educação física a gente ganhou um saquinho cheio de doces.” (M2)

4.2.4 - Momentos marcantes

(Referente à pergunta (06) meninas e pergunta (02) feita às egressas).

Momentos como esses denotam a intensidade da vivência no *Lar* e a oportunidade que as meninas têm de realizar e que talvez se não estivessem lá não teriam acesso à realização de um batizado e ter a percepção do sentido da religião para elas, como no caso de (M1). A felicidade de um dia das crianças, não só pelos brinquedos e presentes, mas pelo significado do dia, com direito a banho de mangueira, pulos, “Aí foi legal que até a Irmã L. que era velhinha pulou na cama-elástica, eu fiquei muito feliz (...)”, e um natal que elas protagonizam, cantam e dançam e que se cristalizam na memória delas como para (M2), (M3) e (M4). E assim como na vivência das meninas, que se encontram no Instituto, podemos contrapor os momentos marcantes das egressas que se assemelham na intensidade e no poder das atividades em grupo, valores e aprendizados que são agregados.

Menina (M1)

“Foi meu batizado. Que a Irmã que organizou que eu era de outra igreja.” Por uma decisão dela optou por trocar de religião. Foi ela quem fez a escolha do padrinho “Foi o tio R. que foi meu padrinho. Foi o mais marcante. Eu escolhi ele.”.

Egressa (E4)

Desenvolveu várias atividades as quais gostou e leva até hoje “Gostava muito também

das artes manuais, gostava de fazer pinturas em objetos de madeira, criar enfeites com biscoito, montar bijuterias, etc.". Mas o que mais a marcou foi "(...) o meu batizado em 1997. Sempre fui católica, porém quando entrei no Instituto eu ainda não era batizada, e por meio das "Irmãs" fui batizada no meu aniversário de sete anos."

Menina (M2)

"Dia das crianças. Uhum. (...) Porque foi assim um monte de brincadeiras. Teve banho de mangueira. E as meninas ficaram assim no pula-pula molhadas. Foi bem legal. E no dia das mães também. Foi um dia muito especial pra nossas mães."

Egressa (E1)

Ficaram marcadas para ela as atividades em grupo, a religião, as amizades, trabalhos manuais, até atividades "De trabalhos domésticos que a gente aprendia e tal. (...) As apresentações que a gente fazia pra mães. Eu achava muito legal. Minha mãe ficava muito emocionada. Eu gostava".

Menina (M3)

Para ela "Foi quando eu entrei aqui e eu não sabia que tinha sabe, que era o dia das crianças, neh? Aí era meu primeiro ano aqui, aí tinha cama elástica, algodão-doce e várias brincadeiras legais assim... Aí eu, nossa que legal! Porque eu não sabia, sabe?! Foi muito legal nesse dia."

Egressa (E3)

Para ela as atividades "como: educação, bordado, pintura, instruções de limpeza, recreação, preparação de datas comemorativas e ensinamentos religiosos." foram marcantes e tinham o propósito de preparar "meninas de baixa renda a integrar-se na sociedade de maneira igualitária, oferecendo o desenvolvimento de habilidades que seriam fundamentais para a formação do caráter". Apesar de ela utilizar o termo integrar na verdade as ações proporcionavam uma inclusão que vai muito além do ato de integrar.

Menina (M4)

Foi marcante o "Natal. Porque a gente apresentou (...). Tudo a gente que faz. A gente que escolheu. A gente cantou, dançou. A gente ganhou presente. Eu ganhei um pijama, e eu

cresci porque tá bem aqui assim agora. Foi um dia bom.”.

Egressa (E2)

Ela fez uma reflexão minuciosa da vivência trazendo vários pontos que marcaram sua trajetória no *Lar*. A disciplina do dia-a-dia e “Hoje, infelizmente, não consigo retransmitir esse valor para minha vida um tanto desorganizada, mas sei dos benefícios e como o fazer, o que já é de grande valia”. Valoriza a oportunidade de ter tido horários reservados para cada atividade e em especial para brincar uma vez que “(...) minha casa, uma quitinete em cima de um comércio, que deveria ter uns 15m²” o que traduz ser “praticamente um confinamento para uma criança”.

A prática dos trabalhos manuais “Eram tantas as atividades desenvolvidas que reconheço minha incapacidade de lembrar ao menos metade dos trabalhos aprendidos.” E hoje apesar de não praticá-las “é um dos meus orgulhos dizer que sei fazer uma bolsa de crochê por exemplo.”. Em particular foi a única que ficava aos sábados nas Irmãs, por um acordo entre as partes. E como entretenimento disponibilizava a pequena biblioteca “(...) as freiras me disponibilizavam acesso a esses itens culturais (literatura e entretenimento), fator pelo qual estou eternamente agradecida.”.

Além de recorrer aos passeios como oportunidade de desenvolvimento de “aptidões físicas e sociais, que consigo dar valor agora que estou mais velha. Fazendo o retrospecto de toda a divisão de tempo e das atividades que era praticada na creche, percebo que é de uma coerência e de um aproveitamento temporal” que segundo ela poucas pessoas podem se orgulhar de terem gozado em suas infâncias.

4.2.5 - Os laços de relações

(Referente às perguntas (05) meninas, (04) Irmãs e (03) egressas).

Irmãs:

Irmã (I1)

Além das ações descritas na rotina das meninas que demonstram uma relação de respeito e cumplicidade a Irmã traz como se dá essa relação no momento em que entram e saem do *Lar*.

A chegada

No caso das novatas existe uma ficha de espera. “Então com aquela ficha de espera a gente pega os dados de cada uma e depois a gente faz uma visita.” A Irmã conhece a realidade da criança. Conhece a família e a partir daí veem qual menina está mais necessitada da vaga. E acompanhar a realidade de cada uma se faz necessária também “Porque já teve casos de mães virem fazer ficha e a mãe tinha duas três casas alugadas. A mãe não trabalhava. Ficava só dentro de casa e tudo neh?”. A Irmã expõe uma situação que ocorreu nesse mesmo ano:

“Que a gente foi visitar uma que a casa assim toda mobiliada, toda arrumada. Muito bonita e tudo e a mãe mentiu pra gente. E a gente acabou descobrindo. Falando que na verdade tinha sido a patroa que tinha emprestado um a dinheiro. Sendo que na verdade era um namorado dela eu era rico que mobiliou a casa toda pra ela neh? E a patroa também ajudava nos trabalhos, nas tarefas com as meninas e tudo.”

Então a Irmã viu que era uma menina bem acolhida. Enquanto outra que estava morando em um lugar muito longe e a mãe trabalha na asa norte: “Sai muito cedo de casa. Mora muito longe da parada de ônibus. É um loteamento novo. Então num tem ainda água regularizada. Num tem luz regularizada. Então a gente olha tudo isso, a situação de cada uma pra poder ver neh? Que realmente aquela tá precisando”.

A partir da situação de cada uma e após ver quem realmente necessita mais da vaga é feita depois uma ficha de admissão. A Irmã diz que “as próprias meninas elas já tem aquilo natural delas de tá acolhendo as novatas neh?”, até mesmo levadas pela curiosidade de saber quem é, qual o nome, quantos anos tem, aonde mora, qual a escola. “Então quando elas veem uma menina nova aqui na portaria vem corre todo mundo fica aqui na porta vendo querendo saber quem é essa menina e tudo.” De acordo com a Irmã elas se enturmam muito rápido.

A partida

A Irmã diz que há um preparo para a partida das meninas, no último ano, para que não seja de uma vez. “E até na renovação, que todo ano faz renovação da matrícula das meninas neh? Então já com as mães a gente já tava falando. Oh elas tão indo pra oitava série então vai ser o último ano delas.”. Então a Irmã conversa com as meninas a respeito da partida. “(...) é porque também tem que dar o espaço pras outras também que estão precisando neh?” e elas vão tomando consciência da saída. Tanto que na festa do natal foi como uma despedida. E a Irmã colocou “(...) uma música que elas gostavam muito durante o ano. Que elas gostaram.”

como forma de agradecimento das outras que passaram o tempo com elas.

As meninas mantêm a relação com as Irmãs retornando ao Lar mesmo após a saída. “Ae às vezes quando precisa também falar com elas eu ligo elas vêm sempre com a aquela maior felicidade.”. Além das meninas que saem por limite de idade, existem também aquelas que “(...) por questão de horário de escola, por questão de trabalho da mãe que muda, querendo ou não tem que mudar neh? Ae elas acabam saindo.” e essas sim sentem mais a saída “Porque é mais assim de repente. Num prepara tanto neh? Mas essas que chega a idade certa pra sair neh? Então elas já vão sendo preparadas.”.

Irmã (I2)

A Irmã vê que as meninas gostam muito de estarem no Lar e que gostam das atividades propostas “Quando fala que vai ter festa das mães elas já se animam. Ah vamo dançar isso, vamo dançar aquilo.” Então ela coloca o cuidado com as meninas e apesar de não ser mãe assume de certa forma o papel “Por exemplo, eu fico com ela de manhã, aí depois tem que levar na escola, tem que acompanhar. Aí tem algum problema na escola as coordenadoras ligam pra cá, falam com a gente.”, se passam mal a Irmã busca, vê o que é entra em contato com a mãe. “Então é essa a relação também, assim. Boa relação.”.

E diz que essa relação se estende mesmo após a saída das meninas do *Lar* “E eu vejo assim as que saíram quando encontra elas “Ai que saudade Irmã”, vem almoça aí. E fica um tempão conversando até que vai embora e aquela hora elas sentem muita falta neh?”

Irmã (I3)

A Irmã atribui a Deus a ligação com as meninas e estas são postas “na nossa mão para a gente ajudar a crescer e não ficar na parte assistencialismo que nós damos tudo que isso aí é contra o produtivo.”.

Meninas do *Lar*:

Menina (M1)

Ela diz ter uma relação de muita amizade e diz que essa relação de algumas meninas já vem de antiga creche que algumas frequentavam. “Num sei se você sabe, mas tem uma creche Cruz de Malta. Então tem umas que já vieram da creche Cruz de Malta todas e já vieram pra cá, então se conhece desde pequenininha e até agora aqui.” e a Irmã proporciona a

permanência dessas amizadas “Porque se num existisse a Irmã ou outra creche, uma ia ficar separada. Então aqui é bom assim porque também uniu a gente, deixou a gente unida, colocou no mesmo colégio.”.

Menina (M3)

“Teve um dia que a gente fez uma festa surpresa pras Irmãs. Só as meninas combinaram. Cada uma trazer alguma coisa sabe? Aí a gente dividiu o de cada uma. (M3) suco, (X) brigadeiro, aí cada um trouxe sua parte de casa. Aí a gente planejou tudo neh, aí quando a Irmã tava na oração a gente ajeitou tudo. (...) aí a gente foi lá e colocou a mesa pra elas. Quando elas chegaram a gente colocou tudo e deu parabéns pra elas. Sem nenhuma, nenhuma soube. As Irmãs gostaram muito.”.

Egressas

As meninas disseram ter uma boa relação com as Irmãs. E entre elas “(...) brincávamos, brigávamos, ríamos, chorávamos, com algumas alimentava uma amizade mais forte, com outras apenas travava conversas rápidas, (...) quanto às freiras a relação era conflituosa e ao mesmo tempo afetiva.”. (E3)

“As Irmãs procuravam escutar se tinha algum problema em casa. Sentava e conversava. Procurava mesmo levar os pais. Saber como é que tá a situação em casa. (...)”. (E1). “Lembro-me da Vera, da A. e do Sr. R. (que Deus o tenha) funcionários do *Lar*.”. (E4)

4.2.6 - Participação da família

(Referente às perguntas (06) Irmãs).

As Irmãs desenvolvem várias atividades em conjunto com a família. Além das festas tem também um dia de formação pras mães, que geralmente acontece duas vezes ao ano. Uma no primeiro semestre outra no segundo semestre. Nas reuniões escolas as mães estão constantemente compartilhando informações com as Irmãs sobre o desenvolvimento das meninas na escola. Tem também as reuniões realizadas no *Lar* no decorrer do ano. Além da relação que as Irmãs desenvolvem, no decorrer da rotina, com as mães.

Dia de Formação das mães

É um dia em que as mães trocam experiências aprendendo um pouco mais. Essa atividade começou há uns dois anos. “Então a gente procura dar uma formação pras mães também.”. Nesse dia somente as mães vão para o *Lar*. Somente um pai é citado nesse

encontro e a Irmã coloca que não causa incômodo para as mães pois elas já se familiarizaram com sua presença:

Irmã (I1)

“Só vêm as mães. Eae como tem uma das meninas que não mora com a mãe mora só com o pai. E agora ela tem a namorada do pai também neh? Então antes ele era tudo pra ela o pai e a mãe neh? Então ele também vinha. Participava neh? Então entre elas num tem assim essa questão ah porque é pai tá com a gente aqui neh? Então... Mas eu vejo que em relação a outros pais elas já tem um certo receio neh?” (I1)

As mães chegam por volta de oito e meia da manhã e é definido um tema. “Como, por exemplo, uma parte mais espiritual. Falando da questão da família, dos exemplos de como cuidar bem da filha.”, tudo voltado para a questão familiar.

Nesse encontro as Irmãs “(...) procura sempre alguma pessoa também que é relacionado com a psicologia e pode também tá tirando dúvidas neh?” de como lidar com a filha, de como dar uma boa educação, de como corrigir da maneira certa. Esse dia também é voltado para a formação delas “Também nesses dias de formação pras mães é um caso, é um dia de formação realmente pra elas. Que as meninas têm aqui de segunda a sexta. Mas no caso as mães, elas tem procurado bastante isso.”.

Irmã (I2)

“Agora dia vinte e nove mesmo nós vamos ter o sábado de formação. (...) A gente faz atividades. Fazemos dinâmicas, colocamos elas pra brincar. (...) Elas se sentem bem. Elas não precisam lavar os pratos. Que lá elas dizem - A gente tem um dia de princesa. Porque a gente vem pra cá, escuta coisa boa, aprende coisa boa. Descansa e nem precisa lavar os pratos.”. (I2)

Irmã (I3)

A Irmã informa que além das reuniões que são realizadas no decorrer do ano, que é realizada desde a época em que eu estava no *Lar*, ou seja, há mais de quinze anos; elas agora fazem a formação das mães.

“E fazemos também encontro de formação. Além das reuniões formativas neh? Que quando você estava já fazia neh? Encontro de psicólogas, encontro de médicas, de médicos que davam orientações e tudo. E nós continuamos a fazer esse trabalho. E além... Fazemos mais. Então no domingo (...) elas passam o dia todo aqui.”. (I3)

A Irmã prioriza certos aspectos e convida uma psicóloga para orientar as mães e faz uma ressalva “E depois a mãe pode entrar em contato com essa psicóloga, com essa pessoa

que vai dar a palestra para ajudar na sua... Na formação de sua filha que às vezes tá tendo dificuldade.”. Ação importante que oferece o apoio às mães em longo prazo.

Ainda há a preocupação da importância da formação não só como mãe, mas como mulher também. “Um dia que eu orientei eu falei - Hoje nós num vamos falar nada de filho. Hoje não vamos falar nada, hoje você vai pensar em você. Quem é você.”.

Reuniões Escolares

Irmã (I1)

Nas reuniões escolares as mães compartilham as informações com as Irmãs. “No caso das reuniões na escola as mães participam das reuniões e elas tão sempre entrando em contato com a gente pra dizer o que tá acontecendo com as meninas na escola.” Para que as Irmãs tenham ciência de como elas estão se desenvolvendo, como andam as notas, como elas estão lidando com certas matérias que elas têm mais dificuldades.

A Irmã comenta o caso de uma das meninas que pelo baixo desempenho reprovou, mas em uma nova oportunidade e em ação conjunta com a mãe e filha conseguiram reverter o quadro, recuperando não só as notas, mas também a autoestima. “Então esse ano ela já chegou com um oito, já chegou com um sete. Teve uma matéria que ela já chegou com um quatro, mas mais por falta de atenção neh? Que ela tem a capacidade de ser melhor neh? Mas ela já chegou feliz da vida porque conseguiu tirar notas boas neh?”.

Reuniões do Lar

Irmã (I1)

As Irmãs promovem reuniões “Nós procuramos fazer várias durante o ano pra tá tratando também de como as meninas estão no desenvolvimento, na questão do comportamento, de como tá sendo o desempenho escolar. Então a gente fala de tudo isso neh?” e também de assuntos pertinentes às mães, como as que querem que as filhas sejam batizadas. E depois a partir de uma posição é preparado e acompanhado tudo. A Irmã também cita uma ação desenvolvida, por uma Irmã responsável pelas meninas anteriormente, com as mães.

“Ela tava dando computação pras mães das meninas. Aí depois infelizmente por causa dos horários, todo mundo estudando anoite num teve mais como fazer neh? Mas foi mais ou menos uns seis ou mais meses que ela começou esse trabalho com

as mães pra tá... Como se diz? Pra aquelas que nunca tiveram contato com o computador, elas falam que o único contato que tem é na hora que tão limpando a casa da patroa neh? Então pra ter uma noção de como ligar e tudo isso neh?”. (I1)

Essa ação denota o tamanho da dimensão que as Irmãs implicam no desenvolvimento não só das meninas, mas da família.

Irmã (I3)

As reuniões são realizadas em conjunto com a família e a Irmã chama atenção para os encontros individuais “Depois o encontro individual com cada mãe. Porque cada criança é única. É diferente. Então não pode ser todos os problemas, todos os assuntos globais. Tem encontro que é só é individual, especifico neh? Com a mãe.”

Relação cotidiana

Irmã (I1)

As Irmãs sempre procuram conversar com as mães, também, quando elas vêm na parte da manhã. E às vezes as Irmãs nessas conversas vão mais uma vez além do trabalho e preocupação com as meninas. “Elas procuram a gente pra conversar, pra falar alguma coisa e às vezes até mesmo pra desabafar neh? Que às vezes elas sentem alguma dificuldade em relação às meninas ou a elas mesmas neh? Então elas procuram também a gente pra conversar neh?”

4.3 - Quebra do paradigma: assistencialismo versus educação

(Neste bloco foram analisados dados obtidos através das pergunta (05) feita às responsáveis).

As Irmãs demonstram ter a percepção que o cuidar e educar caminham juntos e são valores indissociáveis.

Irma (I1)

A Irmã enfatiza o caráter religioso dizendo que procura colocar no trabalho o carisma da Congregação, que é a promoção da mulher. E que o atendimento às meninas se direcionam a famílias de baixa renda “Que a maioria recebe um salário mínimo.” Então a prioridade a essas meninas é para que elas tenham a oportunidade também de crescer. De ao mesmo tempo

ensinar algo que estando em casa talvez elas não aprendessem, buscar proteger também as meninas de, por exemplo, riscos caseiros “Que se elas ficam em casa elas podem correr vários riscos neh?” Demonstrando que ao mesmo tempo em que estão cuidando, estão educando. Ensinando valores e o cuidando consigo mesma:

“Então a gente procura tá desenvolvendo também o nosso trabalho da congregação do carisma, espiritualidade nossa no trabalho que a gente faz neh? Que também é o cuidado. Que também é tá promovendo essas meninas neh? Tá procurando ensinar pra elas o que talvez pode ser que elas não iriam tá aprendendo em casa.(...) Então a gente procura ver tudo isso neh?”. (I2)

Irmã (I2)

A Irmã coloca a dificuldade dos pais em cuidar e educar os filhos atualmente. Fala que ao mesmo tempo em que ela cuida ela esta ensinando algo e descreve uma situação deixando claro o que expõe:

“A gente coloca elas na sala pra brincar. Aí uma “Ah fulano tá fazendo isso, fulano tá brigando, fulano tá me batendo...” então você tem que cuidar pra que elas não se machuque, pra que tudo corra bem. Mas ao mesmo tempo você tem que tá orientando pra elas serem amigas, dividirem tudo. Dividir as coisas, respeitar uma a outra. (...) O zelo pelas coisas. Então eu acho que aí a gente também tá cuidando e também tá educando.” (I2)

Irmã (I3)

A Irmã de forma bem direta expõe a posição afirmativa em prol da indissociabilidade do cuidar e educar: “Caminham junto. Todo momento da vida é educação e cada vez que você está tentando educar você está cuidando num é?”.

4.3.1 - Atitudes que falam por si

Abaixo estão situações em que podemos constatar que através das atitudes das Irmãs elas demonstram que o cuidar e educar estão presentes na rotina dessas meninas e de forma indissociável, ressaltando que essas descrições foram feitas antes de realizar a pergunta direcionada ao cuidar e educar.

Seu R. era um funcionário que trabalhava no Instituto há muitos anos no *Lar* e estava sempre presente no cotidiano das meninas. Como a Irmã (I1) colocou, pelo fato de muitas meninas não terem pai ele acabava sendo uma referência paterna “Era considerado o pai de cada uma porque a maioria num tem pai neh? Num tem essa figura do pai em casa neh? Então ele acabava se tornando uma referência de pai pra elas neh?”.

Seu R. era uma figura muito amada e inclusive, segundo a Irmã (I1), ele foi padrinho de duas meninas do *Lar*. Sr. R. sofreu um acidente de carro e faleceu e esse acontecimento foi de muito impacto para as meninas. “Então quando elas perderam, elas sentiram, assim muito. Ficaram muito abaladas assim mesmo. Elas choravam muito. Eu sei que elas sofreram bastante neh?” Foi notável que as meninas sofreram muito com a perda de uma figura que era tão querida por elas.

“Sr. R. sempre trazia pra elas um pote de sorvete daqueles bem grandes e dividia entre elas. Elas tinham muito apego a ele neh? Então acho que era o pai delas neh? Então elas tinham todo aquele cuidado, aquele carinho neh? Chegava e se jogava nos braços dele e chamava de tio R., era aquela festa toda neh?” (I1)

Essa Irmã ainda em sua fala denota a sensibilidade que teve no momento para enfrentar a situação com as meninas, demonstrando ao mesmo tempo o cuidado com elas pela situação que estavam vivenciando e ensinando como lidar com a perda de uma pessoa que era tão querida:

“Ae a gente ia conversando com elas procurando falar que tudo isso faz parte da vida das pessoas neh? (...) Eae a gente procurava sempre tá rezando porque também a esposa dele tava muito mal neh? No hospital neh? Então elas procuravam sempre tá rezando por ela (...). Tomara que ela fique boa, que ela possa voltar. (...) Mas ae depois a gente foi conversando com elas. A gente procurou tá fazendo esse processo com elas.” (I1)

Todas as meninas citaram a falta que Sr. R. faz no *Lar* e entre as meninas estava uma das afilhadas dele, (M1). E podemos notar o significado que tinham pra elas a presença dele. Então foi muito importante a Irmã (I1) trabalhar essa perda com elas.

“Aí antes quando o tio R. tava vivo... (...) É ai antes ele sempre assim dava de sobremesa sorvete pra gente. Aí ano passado teve, mas não foi ele que deu. Aí foi um choque pra todo mundo aí e ainda mais pra mim que ele era meu padrinho. (...)Aí foi muito difícil. *Dia das crianças não é o mesmo*, nada nem o dia normal porque sempre que a gente chegava ele tava ali na porta esperando a gente ou então ali mesmo. Sempre dava um abraço na gente e agora num tem. É como se num tivesse mais graça tipo isso. Ele falava, sempre falava assim - Você num vai me deixar não neh? Porque eu já fui muito padrinho de muitas delas aqui e muitas delas me deixaram, aí eu - não eu nunca vou te deixar, sendo que foi ele que me deixou.” (M1)

“Tem sorvete, sobremesa... que era o tio R. que trazia. Ele era quem levava as meninas da 708 pra escola. (M2)

“Mas o que me deixou magoada foi quando o tio R. morreu, mas eu sei que ele está lá no céu vendo a gente. Ela dava de presente pra gente no dia das crianças, sorvete. Ele comprava pra gente. (...) Foi muito triste. A gente chorou muito, todo mundo.” (M3)

“E de sobremesa o seu R. sempre comprava pra gente sorvetes. Nosso dia das crianças não é mais o mesmo e nunca mais será com a morte do seu R.. Ele quem arrumava tudo aqui. A gente continua tendo sorvete de sobremesa, mas agora não é com aquela alegria que a gente ficava com o seu R.. Ele ficava muito alegre.” (M4)

A Irmã (I2) no momento do banho ao mesmo tempo em que cuida ajudando no banho conscientiza a respeito do uso da energia: “Mas to sempre ali ajudando colocando o shampoo na mão. Ajudando a esfregar os cabelos. Aquela coisa toda. Cuidando pra num demorar, pra num ficar com o chuveiro ligado demais e sempre falando neh?”.

No momento do ofício a Irmã (I2) acompanha as meninas demonstrando a indissociabilidade, do cuidar e educar, em sua fala:

“E eu to sempre junto com elas neh? Um dia eu ajudo uma, outro dia eu ajudo outra. Oh a sala você limpa assim começa pelos cantos, tem que varrer debaixo da mesa. Debaixo dos cantinhos. Aí sempre falando pra elas. Porque é importante você fazer isso bem pra você ajudar a sua mãe e também futuramente quando você tiver a sua casa ou você for ajudar alguém.”

A Irmã (I1) teve o cuidado em procurar alguém que pudesse dar continuidade no apoio de inglês, se preocupando com a educação das meninas.

“E também tem uma outra que fui eu mesma que procurei pra ajudar porque essa outra pensionista ela tava com alguns problemas pessoais neh?”.

A Irmã (I1) colocou outra vivência de perda, a da Irmã L.. Onde mais uma vez teve que acompanhar as meninas nesse processo. Sendo que as meninas que estavam no *Lar* há algum tempo, já “(...) sabiam bem como era o jeito dela, neh? Então as outras que chegaram depois, mais pela questão que elas se apegaram ao jeitinho dela neh? Porque ela querendo ou não cativava muito as meninas neh?”. Então as meninas que estavam a mais tempo sentiram mais a perda. As mais novas que entraram, depois de 2008, que ela já tinha adoecido, “(...) num passaram por toda aquela preocupação da Irmã L. aqui, de tá arrumando uma sacolinha de pão pra levar pra casa e tudo neh?”. Mas as Irmãs procuraram conversar com as meninas “Até porque elas acompanharam a doença dela neh? Elas viam que ela ficava muito tempo no

hospital depois voltava. Depois voltava pro hospital e tudo. Então elas querendo ou não sempre ia visitar a Irmã L. no quarto.”, a Irmã acha que “Como foi assim em forma de processo neh? Eu acho que num foi tão pesado neh? Foi passando por um processo.”.

4.4 – O acolhimento no *Lar* como possibilidade de mudança na trajetória educacional das jovens deste estudo - inclusão.

Neste bloco foram analisados dados obtidos através da pergunta (07) feita às responsáveis, pergunta (07) feita às meninas do *Lar* e perguntas (01) e (04) feitas às egressas.

Irmãs:

Irmã (I1)

A Irmã traz o caso de três meninas que se encontram atualmente no *Lar*. Colocando que se elas não estivessem no *Lar* “(...) elas com certeza teriam entrado por um caminho assim bem torto neh?”. A Irmã acompanhou a evolução das meninas, que segundo ela eram “Meninas que respondiam. Meninas que eram assim bem mal educadas. Meninas assim mesmo que davam trabalho.” Então procurou dar mais atenção àquelas meninas que podiam mudar a postura. “Então tem três aqui que nós procuramos trabalhar com elas durante esses anos todos e a gente vê uma melhora muito grande nessas meninas neh? (...) E elas reconhecem que elas mudaram neh? Mudaram pra melhor.”

Além dessas três, ela traz o caso de uma das meninas que no ano passado reprovou e ia sair do *Lar*, mas pediu uma nova oportunidade para mudar. “E pediu pra dar uma chance pra ela, que ela ia melhorar.” E hoje a Irmã diz que ela realmente se esforça e até mesmo em casa a mãe não tem tantas reclamações. E a mãe também “(...) procurou uma ajuda especializada neh?” A menina teve um notável desenvolvimento aos olhos da Irmã. “Então a gente vê que realmente com esses casos que a gente tem aqui, a gente vê que da pra mudar de situação neh?”.

Também ressaltando a relevância na vida de meninas egressas que ainda em contato com a Irmã reconhecem que isso fez muito bem até para a questão profissional. “Porque elas tiveram a questão de se disciplinar. Porque tem o horário pra estudar, tem a questão que tem que ser responsável pelas coisas que elas fazem neh? Então eu penso que é um retorno bom pra vida delas depois neh?”

Irmã (I2)

A Irmã acredita que a permanência e a estada delas no *Lar* vão acrescentar valores morais, valores religiosos, a importância de buscar Deus. E além dos valores elas podem adquirir uma perspectiva de vida profissional. “E acredito que além desses valores a gente procura mostrar pra elas a importância dos estudos pra conseguir um bom trabalho futuramente.”

Irmã (I3)

A Irmã vê que na ação conjunta com a criança e os pais elas podem ter um bom desenvolvimento e que na ausência dessa parceria da família o trabalho fica comprometido. A Irmã acredita na mudança de trajetória, pois “Muitas meninas a gente viu mudando. Muitas meninas a gente viu mudando neh?”.

E remete ainda o progresso das meninas que se encontram atualmente no *Lar* “Mesmo essas que estão aqui a gente vê o progresso daquelas que vão melhorando, que vão tomando... Vão tomando consciência. Vão aprofundando no estudo.” Colocando ainda a evolução da família financeiramente através de orientações. “Não vai comprar caderno da Xuxa se aquele caderno simples você faz a mesma coisa. Então vai educa-la neh? Na economia. Então às vezes financeiramente crescem.”

Meninas do *Lar***Menina (M1)**

Primeiramente cita a bolsa que conseguiu na escola particular, que estando fora do *Lar* “(...) eu acho que eu nunca conseguiria...”, depois se não estivesse no *Lar* não aprenderia as atividades que as Irmãs oferecem “Porque onde eu ia aprender a costurar? Minha mãe num ia ter tempo pra me ensinar, outra pessoa também. Só se eu aprendesse nas revistas, mas assim eu acho meio difícil.”, então ela tem a oportunidade de aprender “(...) a fazer um monte de coisas.”.

Além de valores “Então aqui eu aprendi Valores também.”. A organização e disciplina, acompanhamento escolar que o *Lar* oferece em casa ela talvez não tivesse.

“Igual ao ano que eu fiquei metade do ano em casa, eu não fazia trabalho, dever de casa, fazia nada, essas coisas. Aí aqui eu sempre faço. Tem sempre a Irmã pegando no pé. Sempre a Irmã

tá ali ajudando. Tem todos materiais disponíveis pra te ajudar ali quando você precisar. Ajudar muito.”

Menina (M2)

Para ela se não estivesse no *Lar* não saberia, por exemplo, “(...) limpar a casa direito.”. Se ela ficasse em casa não teria como terminar as tarefas escolares e nas Irmãs ela tem o acompanhamento escolar. O *Lar* ajuda “A ter educação.” e “Tem muitas outras coisas.”

Menina (M3)

Se ela não estivesse no *Lar* teria que “(...) vir todo dia de tarde sozinha no ônibus”. No *Lar* ela aprender muita coisa e aprende muitas orações que nunca soube. “Aprendi um monte esse ano (...)”. Ela faz amizades. “Eu encontrei aqui muitos amigos. Conheci várias meninas, neh?”. Também tem a vaga na escola Sagrada Família. Ela tem a oportunidades de desenvolver atividades como cantar e dançar. E “A Irmã me ajuda a ser uma pessoa melhor neh? Me ajuda conhecer coisas que eu nunca soube. Conhecer vidas de quem eu nunca vi. Eh... É isso. Quando eu entrei aqui nas Irmãs minha vida mudou.”

Menina (M4)

Para ela o *Lar* contribui “No respeito, as amizades, carinho, paz. Ah... sei lá! Ah... Porque, ah sei não. Tudo. Lugar pra brincar, ficar longe da rua.”. Ela demonstrou certa timidez ao falar, mas ainda sim o *Lar* muda em tudo na trajetória dela.

Egressas do *Lar*

Egressa (E1)

Para ela o *Lar* possibilitou mudança na trajetória dela sim em questões de valores e enxergar o outro com igualdade e sem preconceitos. “Em questão de valores. (...) Aprender que todo mundo é igual. Como eu já disse todos nós somos iguais principalmente perante a Deus.”.

O *Lar* segundo ela “Influenciou porque eu tive uma excelente alfabetização. E isso reflete na minha vida até hoje. Eles lá me deram a oportunidade de ter uma excelente alfabetização e isso reflete na minha vida até hoje.”. E ainda oferecendo um desenvolvimento com acesso a cultura, alimentação, alfabetização. “(...) em relação à educação, em relação a

tudo isso as Irmãs investiam na gente.”.

Egressa (E2)

Ressaltando que de antemão ela se demonstrou muito disponível em fornecer os dados para a pesquisa e diz ser um prazer realizar a entrevista, uma pura nostalgia.

Para ela o *Lar* contribuiu “Em absoluto.” e as Irmãs oportunizaram muitas experiências que “cotejam desde a minha formação educacional, a educação alimentar, a vivência social e construção de caráter, minha atual relação com a religião, dentre tantos outros aspectos”. Devido ao fato de ser filha única:

“(…) a vivência em um ambiente com as características do *Lar* possibilitaram me desviar de um futuro mais ou menos definido pelas circunstâncias de meus contatos familiares – uma vida marcada pela individualidade, pelos vestígios positivos e negativos de uma relação materna que privilegia a concepção de dar ao filho o que nunca a genitora teve de maneira incondicional e de negar-lhe os obstáculos já percorridos. Em síntese, poderia ter sido mimada em demasia, com riscos de uma possível autocondenação à exclusão social.”

O contato com diversos níveis socioeconômicos do *Lar* “No geral, foi muito importante ter contato com as meninas que lá estiveram. Contudo, o mais fantástico foi ter acesso a dois mundos completamente diferentes, quiza opostos, proporcionado pelo *Lar*.” Uma vez que ela teve o privilegio de desfrutar da bolsa integral do colégio Sagrada Família:

“Na creche, nós vivíamos intensamente, brincávamos, dividíamos as angústias de crianças que tinham uma rotina puxada se comparadas a de outras, como as do colégio. Enquanto isso, à tarde, na escola, eu era vista como a menina bolsista, (...) havia sim uma diferenciação de classe sutil.”

E foi nesse “ambiente dicotômico” em que “fortaleci meu caráter e acredito que aumentei minha autoestima, por estar adaptada a ambientes diversos e saber sobrepor minhas idéias e minhas amizades a minha condição socioeconômica, seja ela qual fosse”. Outra contribuição “(...) é a questão da alimentação, o desenvolvimento de uma consciência alimentar. (...) Hoje, sou uma ovolactovegetariana em conscientização e em processos de aperfeiçoamento”. Teve influência em sua vida espiritual e hoje apesar de não ser católica (...), mas a austeridade espiritual, a crença em Deus e a redenção através do bem permaneceram impregnadas em meu espírito, de forma que hoje estou à procura da maneira que faça sentido para mim e que me realize espiritualmente.

“Certamente. (...) acredito ter desenvolvido um pouco a respeito do papel decisivo do *Lar* na inserção de crianças carentes em um sistema educacional restrito a crianças de maior

poder aquisitivo.” Hoje aos 23 anos a (E2) está “(...) completando meu curso de graduação na Universidade de Brasília e já vou completar quatro anos no serviço público, tendo ingressado como concursada.”

Segundo ela o *Lar*:

“(...) sem dúvidas, modificou a vida de muitas das meninas, garantindo alguns serviços essenciais a famílias carentes e proporcionando oportunidades de superação de dificuldades com a disponibilização do acesso à educação, ao lazer, à alimentação e à cultura que algumas famílias não tinham condições de dar a seus filhos.”

Egressa (E3)

Para ela “O Instituto Lar Madre Eugênia Ravasco teve uma contribuição bastante importante e significativa no meu desenvolvimento como pessoa.”. Contribuindo com “(...) a educação social e religiosa, necessária para o crescimento e preparação de uma menina, como uma futura cidadã.”. A trajetória dela mudou sim, ela ficou um grande período, mais de cinco anos, e “(...) sendo uma fase onde a contribuição dos educadores é tão importante quanto a atuação da família na formação do caráter não só do indivíduo como aluno, mas como pessoa, (...)” Dessa forma a atuação das Irmãs “ocupou um papel de suma importância na minha trajetória educacional e inclusive pessoal.”

O *Lar* era “(...) um ambiente onde pude desenvolver grandes amizades, onde claro houve brigas recorrentes das diferenças. Aprendi o valor de compartilhar, da convivência, e os valores que cada ser humano possui, dentro da sociedade, concedidos por Deus.”

Egressa (E4)

O *Lar* contribuiu para o desenvolvimento dela “Sim. Lá aprendi vários valores como, por exemplo, a benevolência, devido ao fato de conviver com outras pessoas.”. Aprendeu a desenvolver a criatividade, através dos trabalhos manuais, o respeito “por estar em contato com as diferenças advindas de pessoas aparentemente iguais (...)”. Contribuiu com “a religiosidade que claro não podia ficar de fora já que se trata de uma instituição cristã”. A ter disciplina “(...) por ter horários para cumprir determinadas tarefas além de cumprir com os compromissos escolares.”

Sendo o *Lar* uma segunda casa “Sem dúvida, o Instituto contribuiu para a minha formação pessoal”, ressaltando que passou vários anos no *Lar* “e em época importante, pois

quando muito jovens tudo contribui para a formação de nosso caráter, acho que houve grande contribuição e com certeza positiva.”

O *Lar* segundo ela auxiliou e incentivou ao cumprimento de tarefas e ao estudo “(...) eu tinha lá horários específicos para dedicar-me aos estudos e caso fosse preciso fazer algum trabalho escolar, tinha o auxílio das "Irmãs".”.

4.4.1 Uma busca de identidade

(Referente à pergunta (02) e uma ressalva na pergunta (07) das meninas)

O *Lar* Madre Eugênia Ravasco faz parte do Instituto Ravasco semeado por quatro continentes, tendo sua fundadora Madre Eugênia Ravasco. Com a finalidade de promover meninas de camadas populares advindas de famílias, que em sua maioria, não possuem a presença paterna e são caracterizadas por mães solteiras com baixa escolaridade. Famílias que buscam cuidado/educação às suas filhas. O termo creche é utilizado frequentemente no cotidiano, pelas Irmãs, meninas e mães.

Irmãs:

Irmã (I1)

A Irmã quando questionada se o Instituto se configura como uma creche traz que “Pras pessoas de fora é creche porque assim querendo ou não trabalha como uma creche, mas tem umas coisas diferentes.” Sendo apontado como um diferencial o caráter religioso, porém há várias creches que são vinculadas ao caráter religioso. A Irmã acaba remetendo à creche um aspecto assistencialista “Eu não tenho muito conhecimento do que trabalham as outras, mas assim pelo que as meninas mesmo contam é mais assim aquele trabalho de cuidar das meninas.” vinculado ao ato de cuidar, esquecendo que cuidar e educar não se separam. Deixando uma falha no entendimento da indissociabilidade desses valores.

Irmã (I2)

A Irmã acaba em concorde com a semelhança à creche pelos mesmos procedimentos adotados e a o compromisso com o cuidar e educar presente em ambos. “Aqui elas tomam café. Tomam banho. Brinca. É... Eu acho que mais menos parece.”

Irmã (I3)

A Irmã diz o que diverge da creche seria a idade, uma vez que o público alvo é infantil na creche. E ela diz que “(...) nós pegamos aquela fase que é a que Brasília mais precisa.” Criança e adolescentes. E que segundo ela ainda não foi levada em consideração uma identidade “Que eles ainda não consideraram, colocaram nome... Eles colocam nome assim é obra contra turno”. E diz que a relevância da obra é reconhecida no momento de inspeção das instâncias responsáveis “Tanto que o CDCA, que é o Conselho de Direito da Criança, quando veio aqui fazer neh? Inspeção, a cada três anos eles vem. Então ele falou - Irmã essa obra podia crescer, podia aumentar, porque é isso que Brasília tá precisando”.

Podemos constatar que falta uma real identidade a essa atuação que tem uma dimensão inefável na trajetória dessas meninas e para a sociedade, uma vez que oferecer oportunidades efetivas de educação futuramente retorna a sociedade. Exemplo que se concretiza o dito, é por si só essa pesquisa. Um retorno de investimento realizado pelo Lar Madre Eugênia Ravasco.

Meninas do Lar:

É consenso entre as meninas a vergonha em citar o termo creche ao Instituto. Ainda sim as meninas, mães e Irmãs utilizam o termo constantemente no cotidiano. É nítido que essa vergonha parte do momento em que elas estão fora do *Lar*, pois entre elas não há pudor algum em exclamar creche. A vergonha vem não só pelo fator determinante de que creche é associada à modalidade infantil.

Há também outros fatores que as meninas do *Lar* não mencionaram, porém uma das egressas apontou ao fato de sentirem vergonha não só por remeter ao infantil, também por uma possibilidade de discriminação. No caso dela tinha bolsa na escola particular e dessa forma, ela e as outras que estavam na mesma situação, por serem meninas de camadas populares inseridas em outra realidade social, distante da delas, temiam a descoberta e “Então, por um tempo perdurou essa agonia de tentar esconder dos colegas do Sagrada nossa condição. Em vão.”. Através da fala da (M1) podemos verificar uma taxação em relação às meninas do *Lar*, passada de forma negativa.

Discriminação por um conflito de realidades. E vergonha que em parte poderia extinguir-se se houvesse uma identidade onde essas meninas e envolvidos poderiam referir, sem receios e temores, ao Instituto como creche. Talvez uma utopia, mas uma busca intrigante e que se faz necessária.

Menina (M1)

“Na escola às vezes o povo fala - Você vai lá na creche?, aí eu - Fala baixo! Porque a gente é conhecida lá na escola mesmo como as Irmãs... A das Irmãs, as meninas das Irmãs.”

Menina (M4)

“*E sua mãe?* (...) às vezes de creche.”

Egressa (E2):

Ela durante toda a entrevista se apropria do termo creche pra se referir ao *Lar*. “Não poderia fazer uma comparação com aquilo que nunca aconteceu, porém sempre me vejo questionando a respeito de um provável destino sem a creche.” Com isso podemos identificar a relação do *Lar* com a creche atribuída por aquelas que usufruem do *Lar*, mães e meninas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível identificar a falta de entendimento acerca das ações afirmativas por parte das Irmãs, mesmo após o esclarecimento do conceito do referido tema. Porém todas vão de encontro à proposta de promoção humana. E de acordo com a classificação segundo Gomes (2001) são encontrados dois tipos de políticas públicas e um deles seria a adoção de medidas de promoção, afirmação ou restauração. As Irmãs suprem a necessidade de famílias de baixa renda que buscam apoio do Instituto referido, que possui a mesma finalidade das ações afirmativas, que ainda recorrendo Gomes (2001) seria promover a igualdade material em relação a indivíduos, grupos ou segmentos sociais marginalizados da sociedade, buscando eliminar desequilíbrios e realizar o objetivo da República de concretização da dignidade da pessoa humana. E se mantivermos os olhos nessa direção, teremos a percepção que as ações afirmativas apresentam-se como um importante instrumento para que a sociedade brasileira possa, um dia, ter noção, ainda que rudimentar, do que seja a dignidade da pessoa humana e a igualdade de acesso a educação.

Podemos ilustrar o *Lar* como um instrumento da pedagogia inclusiva através das inúmeras atividades desenvolvidas no cotidiano dessas meninas. É válido citar novamente neste último momento algumas delas. Como, por exemplo, as aulas do idioma inglês e espanhol oferecidas por duas pensionistas em uma oportunidade de equidade para aquelas de escola pública que ainda não tem iniciaram o estudo desses idiomas. O caráter religioso como formação de valores e construção da espiritualidade. A rotina com alimentação balanceada, estudo tido como prioridade, lazer, prática de trabalhos manuais, passeios, diversas atividades e um ambiente que oferece a essas meninas um desenvolvimento integral e autônomo, que sem o acolhimento e apoio do *Lar* essas famílias talvez não alcançassem com êxito uma boa formação para suas filhas.

O acolhimento em conjunto com a família possibilita a garantia dos direitos de cidadania e um desenvolvimento progressivo. O *Lar* demonstra sua capacitação para a prestação de serviços de qualidade, que requer dedicação, conhecimento e compreensão no que diz respeito ao contexto, aos conflitos sociais dessas famílias e às características individuais de quem em um determinado momento da vida precisa desse amparo e necessita desta resposta social. São diversas ações, como as citadas acima, que presentifica a inclusão. Não só das crianças, mas da família.

A dimensão do trabalho que as Irmãs desenvolvem no *Lar* ganha uma proporção que vai além do cuidado com essas meninas e famílias, um compromisso que imprime o real sentido da promoção humana concretizada. E devido a essa dimensão se faz necessário uma identidade que vá além de uma obra contra turno como dito pela (I3), denominação utilizada por instâncias superiores para identificarem o Lar Madre Eugênia Ravasco. Será que não identificamos uma creche?

Constatamos que o *Lar* tem o comprometimento com a educação, uma formação digna com um preparo adequado ao preparo para o exercício da cidadania que é previsto como um direito pela Constituição Federal em seu art. 205 que afirma textualmente: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Uma ação que investe na educação e com resultados inefáveis. Será que essa ação modifica a trajetória de vida das meninas que passam pelo Lar? E a resposta é afirmativa na mesma intensidade da ação: com certeza!

Ao final não poderia de deixar de recorrer ao reflexo da atuação do Lar em minha formação. Através do *Lar* minha família pode me conceder um desenvolvimento integral com acesso a diversas atividades e apoio ao qual sem a presença do Instituto Lar Madre Eugênia Ravasco teria sido com muitas barreiras e sem o devido preparo. A realização desta pesquisa traduz o sentimento de gratidão e imprimi a mudança na trajetória de vida em um âmbito educacional e pessoal das crianças que passam pelo *Lar* e o meu reconhecimento dessa mudança. Que nos condiciona a caminhar rumo ao desenvolvimento, ao exercício da cidadania. Formando meninas e mulheres cientes de uma perspectiva educacional futura em direção a novos níveis de educação. Por fim me aproprio da fala de Madre Eugênia Ravasco "Gostaria de incendiar de bem o mundo todo, como todo verdadeiro enamorado" (CINGOLANI, p.62, 2003). E que as nossas mãos sirvam para darmos da mesma forma que servem para recebermos, o bem.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Creio que um de meus maiores anseios desde muito tempo foi me inserir em ambientes com crianças que necessitem de apoio e pessoas que trabalhem comprometidas e em prol de suas necessidades oferecendo-as oportunidades igualitárias de se desenvolverem, incluídas na sociedade, e assim garantir uma educação de qualidade contínua. Poder assistir as crianças de baixa renda que em seus diferentes contextos sociais possam levar adiante seus sonhos e os tornarem realidade. Que em meio a tantos desafios, desde cedo, são embaçados por uma neblina de desigualdades impondo e as desacreditando que podem e são capazes de alcançar um resultado positivo.

Antes de ingressar na universidade e no decorrer da vida acadêmica trabalhei em um projeto pedagógico como auxiliar de ensino, acompanhando as atividades escolares, recreativas e desportivas. Eu gostava, era gratificante, acho que esse deve ser o sentimento de uma educadora sentir satisfação por fazer parte do processo de ensino-aprendizagem de outra pessoa e contribuir para o crescimento do indivíduo e conseqüentemente aprender com os alunos.

Além de trabalhar há mais de quatro anos na Colônia de Férias Zorra & Cia como monitora, trabalhei na Fazenda Hotel Mestre Darmas, participei da equipe de Recreação e Lazer, tendo mais uma oportunidade de realizar um trabalho em contato com a recreação, em um âmbito rural. Participei de projetos como o Zoocamping (Acampamento ecológico, que atendem crianças de baixa renda, no zoológico de Brasília em parceria com o SESC-DF). E a ONG Sonhar Acordado que desenvolve vários projetos para crianças de baixa renda. Logo foi com grande prazer que desempenhei e contribui com essas atividades, e pretendo manter minha participação ativa e contínua nesses trabalhos pedagógicos.

Ser pedagogo (a) é umas das profissões mais belas e importantes, um profissional que merece respeito e reconhecimento. O país somente se desenvolve se houver bons profissionais, sendo isso primordial na área de educação, um profissional comprometido com a relevância do seu trabalho.

Tenho em mente as dificuldades e barreiras que estão inseridas no trabalho com tantas diversidades no espaço escolar, principalmente com crianças e jovens em tempos em que a violência está cada vez mais inserida em nosso cotidiano, porém ainda assim pretendo me

dedicar aos estudos para ingressar na carreira pública focando em vagas de pedagogo e professor.

Esse é só início de uma grande carreira que não para por aqui. Anseio o mestrado na educação, especializações e adquirir experiências e vivenciar a prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei 9.394 - LDB - *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal, 1996.
- _____. Lei 4024 – LDB – *Lei de Diretrizes e Bases*. Brasília: Senado Federal, 20 de dezembro de 1961.
- _____. *Constituição Federal da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. Lei Federal nº 8069, ECA _ *Estatuto da Criança e do Adolescente* de 13 de julho de 1990.
- CAMPOS, M.M., HADDAD, L. *Educação Infantil: crescendo e aprendendo*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 80, p. 11-20, 1992.
- CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, Departamento de Políticas Educacionais, Coordenação Geral de Educação Infantil, 1995.
- CINGOLANI, Gabriele. *Uma mulher entre os desafios da história. Eugênia Ravasco*. 2003
- DIDONET, Vital. *Educação Infantil: A Creche, um bom começo*. Em aberto, Brasília, v.18, nº73. ISSN 0104-1037 Editoria: INEP/MEC. (Org.). Didonet, Vital. Julho, 2001.
- DIDONET, Vital. *Não há educação sem cuidado*. Porto Alegre: Artmed. *Revista Pátio Educação Infantil*. Ano I nº 1, abril/julho, p.6-9, 2003.
- GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. *Ação Afirmativa & Princípio Constitucional da Igualdade: o direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- HADDAD, L. *A creche em busca de identidade*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HADDAD, Lenira. *Um novo paradigma na integração do cuidar e do educar*. Porto Alegre: Artmed. *Revista Pátio Educação Infantil*. Ano I nº 1 abril/ julho, 2003, p. 10-12. Rio de Janeiro: Renovar, p.39. 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Técnicas de Pesquisa*. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1986.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- DELGADO, P. Acolhimento Familiar – Conceitos, práticas e (in) definições. Manual de processos-chaves. *Acolhimento Familiar*. Porto: Profedições. (2007).
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar – o que é? Por quê? Como fazer?* Editora: Moderna, 2001.
- MITLER, Peter. *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Windy Brasão Ferreira. 1º ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

- MOEHLECKE, Sabrina. *Ação afirmativa: história e debates no Brasil*. Cadernos de Pesquisa – FCC, São Paulo, nº1, fasc. 117, p.204, nov. 2002 (quadrimestral).
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3ª edição, São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- MONTENEGRO, Maria Thereza T. *A educação moral como parte da formação para o cuidado na educação infantil*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia Social). 2001.
- OLIVEIRA, Zilma, R. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- OLIVEIRA, Estela Maris. L. A legislação e as políticas nacionais para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO, M. Lúcia de A. (org.). *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PATARINO, Marisa. *Eugênia Ravasco. Uma vida consagrada para o bem dos outros*. Editora: Éditions du Signe, ISBN: 2-7468-1001-8. 2003.
- PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* São Paulo: José Olympio, 1988.
- REALE, Miguel. *Lições Preliminares de Direito*. 25ª edição, 22ª tiragem. Editora: Saraiva. 2001.
- REY, González. *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson/ Pioneira, 2002.
- ROQUETTE, J.P. *Vocábulos Latinos*, 2ª edição. Salvador: Editora Bomfim. 1928.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *A necessária associação entre educar e cuidar*. Porto Alegre: Artmed. *Revista Pátio Educação Infantil*. Ano I nº 1 abril/ julho, 2003.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.67, p. 59-63, 1988.
- MACÊDO, Lenilda Cordeiro de; DIAS, Adelaide Alves. *O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na educação infantil*. Disponível em: < http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm >. Acesso em: 25 de abril de 2011.
- PATTETI, Gustavo; BAGATELO Luciana. *Creche: educar, cuidar e brincar*. Graduação, FACECAP/CNEC, São Paulo. 2010.
- SOUSA, Oziel. *As ações afirmativas como instrumento de concretização da igualdade material*. Tese Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2006.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. *Inclusão: um guia para educadores*. Tradução: Magsda Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- ULPIANO. *Digesto de Justiniano – Liber Primus*. Trad. Hélcio Maciel França Madeira. Ed. bilíngue, 3º edição. São Paulo: RT e Centro Universitário FIEO, 2002.
- VILLAS BÔAS, Renata M. *Ações afirmativas*. Revista Consulex, n.163, p.29, 31 out. 2003.

ANEXOS

Anexo

Apêndice 02. Roteiro I – Entrevista Meninas do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade:

1. Onde você mora?
2. Como se constitui sua família?
3. Como é sua rotina no Instituto?
4. Você participa das atividades propostas? Quais?
5. Como é a relação com suas colegas e responsáveis (Irmãs)?
6. Qual atividade te marcou aqui no Instituto?
7. De que modo o Instituto te possibilita a uma melhor qualidade de vida?

Apêndice 03. Roteiro I – Entrevista Menina (M1) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 13 anos.

1. Onde você mora?

Planaltina DF.

2. Como se constitui sua família?

Minha mãe, meu irmão, minha irmã e minha outra irmã.

3. Como é sua rotina no Instituto?

Eu chego oito ou sete horas, aí tomo café. Aí depois vou pra sala de estudos. Às vezes tem meninas que às vezes elas fazem o dever em casa aí vão fazer... Adiantar o trabalho manual. Tem outras que às vezes tem muito dever aí num dá pra fazer o trabalho manual. Aí 10 horas é o recreio. As meninas pequenas gostam mais de ficar aqui no parquinho. Tem umas que gostam de ficar na roda, que elas gostam de rodar, só que elas num sabem rodar. Aí a Irmã mandou elas pararem porque tinha umas que rodavam em pé, aí caia, aí ou então às vezes ficava enjoada. Aí na hora do almoço num queria comer. Aí a Irmã não deixa mais ir na roda só nos outros. Aí as meninas grandes, a gente agora a gente tá gostando mais de jogar pingue-pongue. Aí as outras que não gostam ou não sabem jogar pingue-pongue fica jogando bola ali.

Depois que termina o recreio, aí a gente volta pra sala e é assim quem não tiver dever faz o trabalho manual e quem tiver termina. E na semana de prova quase num faz trabalho manual porque sempre estuda. Aí tem vezes que nem vem pro recreio também. Aí tem cachecol, agora a Irmã ensinou pra gente macramê, mas tem umas que fazem os dois o

cachecol e o macramê. Aí tem o bordado também, quem faz o bordado depois faz o macramê na toalhinha. Aí a Irmã põe na vitrine, no armário que tem na portaria. Aí tem as pensionistas, ou tem outras pessoas de fora, aí põe as pessoas veem aí elas gostam aí elas vão lá e compram. Aí como é a Irmã que fornece o material, aí ela pega aí ela dividi acho que metade certinho ou então eu acho que tem vezes que ela dá todo. Aí faz trabalho manual até meio dia.

Aí bate o sino, aí a gente faz a fila e quem tiver com a mesa arrumadinha e com as coisas todas guardadas, o material da escola arrumado aí vai pra fila. Aí tem a nossa fila das grandes, aí a gente vai lá e emenda com as meninas pequenas na nossa frente. Aí às vezes as meninas tão, umas tão tomando banho ainda que as meninas pequenas são muito enroladas. Aí tem umas que tá tomando banho ainda aí a Irmã espera ou aí tem vezes que ela vai pro refeitório. Assim... Pode num parecer, mas é dividido assim porque te duas mesas aí acaba uma mesa tendo mais meninas grandes e outra mesa tendo mais meninas pequenas. Aí tem menina que não come tudo porque não gosta ou então é fresca mesmo. Muita bagunça no refeitório. *A comida* às vezes a gente gosta assim, às vezes a gente num gosta mais é assim num é porque a comida é ruim. É porque o que é a comida não gostam, tipo verdura a maioria das meninas não gostam ou então o modo como é feito. Aí depois do refeitório, porque é assim as meninas de escola pública elas vão mais cedo aí elas tomam banho antes do almoço e a gente que é da escola particular como nossa escola é mais tarde aí a gente toma banho depois do almoço. Ou então tem umas que preferem fazer o trabalho, o serviço primeiro e depois tomar banho. Assim tem cada coisa, o que a gente limpa é o que a gente suja. O refeitório, a sala de estudo, a sala de brinquedo, o corredor onde a gente passa. Aí toda semana a Irmã vai trocando. Aí te ofício que são três, tem ofício que são duas, tem ofício que é sozinha quando é mais leve. Agora eu to no refeitório. Aí são três que dividem, limpar as mesas, varrer e passar o pano no chão. Sim é muito importante, porque tem gente, tem muita gente aí, nós, que a mãe num tem tempo de ensinar ou a mãe é muito ocupada aí a Irmã tá aqui ensina a gente. Aí quando a gente chega em casa a gente já tá aprendendo num precisa aprender, já aprendeu. Aí já faz em casa.

Aí depois do ofício quem num tomou banho toma banho. Aí depois do ofício as meninas vão e ficam ali esperando até dá a hora de ir pra escola pra Irmã rezar. Aí tem umas... As meninas pequenas que gostam de ficar brincando ou tem umas que dormem até dá a hora de ir pro colégio. Tem outras que ficam atentando. Ou então fica naquele corredorzinho. Quando dá uma e vinte, nossa escola bate uma e meia, aí a Irmã faz a oração, junta todo

mundo pra fazer a oração. Aí todo mundo vai pra escola, aí tem vezes que a Irmã fica olhando a gente até virar, porque às vezes tem muito mendigo ae que fica pedindo comida. Aí a Irmã fica olhando só pra ver se eles num vão mexer. Antes nos anos anteriores a Irmã ia nas reuniões do colégio, pra saber mesmo como a gente tava e as mães também iam ou então tinha mãe que não ia, aí a Irmã já ia mesmo pra ver de todas e das mães que não iam. A Irmã sempre gosta de tá acompanhando, mas agora como a Irmã tá fazendo faculdade de noite aí não tá dando mais pra ela vim. Sempre quando a gente recebe boletim ela pedi. Tira xérox pra ficar com ele. Ela sempre acompanha de todas.

4. Você participa das atividades propostas? Quais?

Participo quando eu chego que às vezes eu oito horas, às vezes eu chego nove, dez. Quando eu chego já tá acabando. Mas quando eu chego assim eu sempre participo da educação física. Elas assim uma vez por mês é todas as meninas juntas, meninas grandes e meninas pequenas. Aí nos outros dias elas trazem o que elas... Ou tem dia que elas perguntam o que a gente quer fazer uma aula antes, aí elas vão lá e preparam e dão a aula pra gente.

Tem o inglês. É assim ó, porque tem pensionistas que elas são formadas em inglês neh? Aí elas ficam aí às vezes. Aí tinha muitas meninas que tinha dificuldades em inglês aí a Irmã perguntou se alguma podia ajudar. Tinha a A., ela é formada em inglês e espanhol. Aí ela fazia, só que agora ela tá trabalhando, não tem mais tempo pra dá. Aí tem outra a T., aí a Irmã foi lá e pediu se ela podia ajudar. Aí tinha a T. aí agora ela que dá aula pra gente, que ajuda a gente. E é bom porque sempre ajuda, sempre é melhor. Que a gente sempre tira uma nota maior na prova. É bom.

Tem dia das mães. Assim a Irmã escolhe uma música e a gente ensaia. Uma música que fala do dia das mães iae a gente ensaia e no dia da apresentação a gente canta. Aí tem meninas assim que antes a Irmã fazia mais dança. Agora como a escola tá mais puxada não tá tendo muito tempo pra ensaiar a dança. Aí tem menina que... Elas mesmas faz as danças e ensaiam. Elas próprias. E quando chega o dia das mães elas apresentam. Aí o presente é o trabalho manual que a gente faz. Só às vezes, que assim é um pano de prato que a gente mesma faz, mas nos outros anos é o trabalho manual com algum livrinho assim falando de Deus.

Tem páscoa, mas páscoa assim num tem uma festa. Só a Irmã dá um ovinho ou então

tem outras pensionistas, elas doam uma caixa de bombom assim pra dá pra gente.

Não tem dia dos pais porque na maioria, a maioria aqui é com as mães. É com as mães aí a Irmã não faz dia dos pais.

Dia das crianças. É assim o dia das crianças a gente chega aí vai pro refeitório. Aí a gente sempre sabe neh? Que no dia das crianças a Irmã vai fazer alguma coisa especial. Aí ela aluga pula-pula, piscina de bolinhas, essas coisas assim. Aí toda vez a gente vai lá, as meninas mesmas fica curiando, querendo curiar o quê que é... Assim que elas fazem. Aí depois do café aí a Irmã sempre manda assim quem tem dever um dia antes... No dia anterior a Irmã fala amanhã... Ow, hoje quem tem dever pra amanhã faz em casa que amanhã tem uma surpresa pra vocês. Pras meninas ficarem mais aqui e não fazerem o dever, pra aproveitar mais. Aí a gente fica aqui, aí as meninas ficam no pula-pula. Aí às vezes a Irmã aluga carrinho de algodão doce, aí a Irmã põe música aí. Faz pipoca. Aí o almoço é diferente porque tipo às vezes tem frango, mas o frango é cozido, aí tipo é assado. Aí tem batatinha. Às vezes tem batatinha só que diferente. Tem refri. Eh...

Aí antes quando o tio R. tava vivo... O tio R. era o homem que levava as meninas pra escola pública. Porque é assim a 708 fica ali então a maioria fica na 708, aí ele só levava pra 708. Aí as meninas ele levava. E ele era tipo o tampa buraco daqui. Tudo que precisava ele fazia aqui e lá no pensionato também. Tudo que ele pudesse fazer ele fazia. Ele morava... Ele mora... morava ali nos fundos, ele e a mulher dele. Aí ele sofreu acidente. É ai antes ele sempre assim dava de sobremesa sorvete pra gente. Aí ano passado teve, mas não foi ele que deu. Aí foi um choque pra todo mundo aí e ainda mais pra mim que ele era meu padrinho. Aí foi muito difícil.

Foi assim porque que antes a gente vinha pra cá deixar os materiais da escola, as meninas do Sagrada. Aí tava a gente tava vindo aí a Irmã tava ali, aí a Irmã mandou andar logo que ela queria falar. Aí a gente saiu correndo pensando que era alguma coisa boa. Aí a gente aí deve ser surpresa, num sei que lá. Aí a gente saiu correndo aí a Irmã senta aí... Ele tava viajando neh? Aí a Irmã... Senta! E foi um dia depois do meu aniversário. Aí a Irmã... Senta! Aí quando ela falou: “O tio R., o seu R. tava viajando”, eu já sabia, eu não sei. Eu senti. Aí eu comecei a chorar. Todo mundo olhou, aí a Irmã: “Seu R. sofreu um acidente e morreu.” Aí todo mundo começou a chorar. Aí foi muito difícil.

Dia das crianças não é o mesmo, nada nem o dia normal porque sempre que a gente chegava ele tava ali na porta esperando a gente ou então ali mesmo. Sempre dava um abraço na gente e agora num tem. É como se num tivesse mais graça tipo isso. Ele falava, sempre falava assim: “Você num vai me deixar não neh? Porque eu já fui muito padrinho de muitas delas aqui e muitas delas me deixaram.”. Aí eu não eu nunca vou te deixar, sendo que foi ele que me deixou. E parece que sei lá eu tava adivinhando porque foi assim antes assim ele falou que ia viajar. Eu chorei eu num sei por quê. Aí ele começou a chorar. Aí ele perguntou é porque eu num vou tá aqui no seu aniversário? Aí eu não eu num sei por que eu to chorando. Quando ele falou que ia viajar aí eu comecei a chorar, chorar e num sabia por quê. Aí quando chegou o dia depois eu lembrei que devia... Eu tava sentindo eu acho.

Tem o Natal também. É assim a gente também sempre faz uma apresentação, as meninas que querem fazer uma peça ae a gente ensaia. Aí aqui na escola também tem e às vezes pra economizar tempo ae às vezes a gente apresenta. Aí a gente acaba pegando a apresentação que a gente fez na escola e fazendo aqui também. Pra economizar tempo e porque também a gente gosta da apresentação que a gente faz. Ano passado a gente fez isso. A gente gostou muito da apresentação que a gente fez que a gente fez uma dança e fez aqui também. Ae gostaram também. Ae sempre faz, sempre tem.

Aí tem missa no Natal, no dia das mães antes tinha só que agora não tá tendo mais. Mas no Natal tem missa, às vezes a Irmã aproveita e emenda com o batizado. Que às vezes a Irmã tá fazendo agora batizado aqui. Aí faz também. Aí ano passado foi assim, foi a mais marcante que eu achei. Porque tinha as meninas aqui que elas eram as mais velhas, bem mais velhas daqui. Aí elas saíram. Aí a Irmã fez tipo assim uma despedida pra elas. Aí teve noite do pijama aqui pra gente se despedir delas. Foi sábado pra domingo. Ae a gente passou sábado e domingo todinho aqui. Aí era aniversário da Irmã (I1), daquela... Aí a gente fez uma surpresa pra ela. Aí a Irmã colocou uma música, aí todo mundo chorou porque elas iam embora. Elas eram muito legais aqui. Acho que foi a mais marcante todo mundo começou a chorar. Porque tinha sido o ano que o tio R. tinha morrido, a Irmã L.. Aí todo mundo emendou chorou por tudo.

Num sei, mas parecia que a Irmã L. gostava muito da gente mais que as outras. A Irmã L., ela tratava a gente muito bem. E às vezes a gente tava brincando e ela pensava que a gente tava brigando aí ela falava “Não briga!”, aí a gente falava não Irmã a gente num tá brigando

não, a gente tá brincando. Ela sempre gostava de agradar a gente sempre fazia sobremesa. Coisa que a gente gosta. Aí às vezes a Irmã falava “Não num faz isso não que elas num tão merecem.”. A Irmã “Não merece sim!”, sempre fazia. Sempre tava procurando agradar a gente. Tava procurando agradar todo mundo que ficava aqui.

5. Como é a relação com suas colegas e responsáveis (Irmãs)?

De muita amizade. Num sei se você sabe, mas tem uma creche Cruz de Malta. Então tem umas que já vieram da creche Cruz de Malta todas e já vieram pra cá, então se conhece desde pequenininha e até agora aqui. Então a Irmã veio... Porque se num existisse a Irmã ou outra creche, uma ia ficar separada. Então aqui é bom assim porque também uniu a gente, deixou a gente unida, colocou no mesmo colégio.

6. Qual atividade te marcou aqui no Instituto?

Num foi muito bem aqui, mas foi tipo aqui. Foi meu batizado. Que a Irmã que organizou que eu era de outra igreja. Aí eu vim... Eu sempre tava... Eu sempre cresci assim no meio de igreja católica, só que eu era de outra igreja. Mórmon. Aí eu era dessa igreja. Aí a Irmã sempre queria mudar a gente, aí eu saí daqui eu fiquei metade e um ano fora daqui depois eu voltei. Quando eu voltei eu queria me batizar porque eu não tava gostando da igreja, eu tava frequentando a igreja católica. Aí eu batizei. Foi o tio **R.** que foi meu padrinho. Foi o mais marcante. Eu escolhi ele. Minha mãe até achou estranho porque ela achou que eu ia escolher outra pessoa, mas eu escolhi ele. Ele também se assustou. Aí eu falei que queria ele. Aí foi. Porque antes era aqui *na capela* só que eu acho que o padre não podia vim aqui. Aí foi nessa aqui do lado. Divino Espírito Santo.

7. De que modo o Instituto te possibilita a uma melhor qualidade de vida?

As Irmãs. Porque eu morro de vergonha de falar creche. Na escola às vezes o povo fala “Você vai lá na creche?”, aí eu “Fala baixo!”. Porque a gente é conhecida lá na escola mesmo como as Irmãs, a das Irmãs, as meninas das Irmãs. Aí a gente tinha vergonha, tem vergonha assim. Aí eu prefiro falar que é Irmãs do que creche. Porque sei lá parece que a gente é bebezinho ainda pra ficar em creche.

Primeiro eu acho que eu nunca conseguiria entrar pro colégio particular assim. Sem tá aqui também, aprender as coisas que eu aprendi. Porque onde eu ia aprender a costurar?

Minha mãe num ia ter tempo pra me ensinar, outra pessoa também. Só se eu aprendesse nas revistas, mas assim eu acho meio difícil. Então aqui eu aprendi a fazer um monte de coisas. Valores também. É e também catequese essas coisas. Conhecer mais Deus também. Um monte de coisas também. Até dentro de casa como fazer as coisas. Muitas coisas. E também assim muita coisa eu não teria aqui, assim eu poderia até tá em outros colégios, mas eu não ia conseguir passar assim. Porque aqui é bem organizadinho se eu fosse em casa eu ia ser todo desorganizada. Igual ao ano que eu fiquei metade do ano em casa, eu não fazia trabalho, dever de casa, fazia nada, essas coisas. Aí aqui eu sempre faço. Tem sempre a Irmã pegando no pé. Sempre a Irmã tá ali ajudando. Tem todos materiais disponíveis pra te ajudar ali quando você precisar. Ajuda muito.

Apêndice 04. Roteiro I – Entrevista Menina (M2) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 10 anos.

1. Onde você mora?

Itapoã.

2. Como se constitui sua família?

Minha mãe, meu irmão, minha irmã e meu sobrinho.

3. Como é sua rotina no Instituto?

Quando eu chego eu vou tomar café. Eu chego oito horas, às vezes mais tarde. Aí às vezes quando eu chego cedo eu vou pra sala de estudos e depois a Irmã entra lá na sala e fala bom dia e café! Aí a gente faz a fila e vai pro refeitório. Aí quando a gente termina vai pra sala de estudos. É bem assim a gente faz o dever e quem terminar faz o trabalho manual. Se a gente tiver dúvida a Irmã ajuda. Na época de prova a Irmã deixa ficar algumas lá na sala do computador. Aí tem um armário lá na sala com folha de rascunho, aí quando a gente for estudar faz as perguntas e a gente vai respondendo. A Irmã coloca as meninas grandes pra estudar com a gente uma da quinta série e uma da sétima também. Elas ajudam a gente estudar. A (M1) já me ajudou na de inglês.

Aí quando dá 10 horas a gente vai pro recreio. É legal. As meninas pequenas brincam aqui no parquinho. Aí as grandes ficam lá no pingue-pongue ou jogando bola lá na quadra. Aí quando da meia hora a Irmã chama a gente pra sala e as meninas que é da escola pública vão tomar banho antes do almoço aí as que é da Sagrada Família toma depois. Aí quem ainda tem dever de casa, aí termina. E quem num tem faz o trabalho manual. É legal. A gente faz

cachecol, macramê, um paninho assim com linhas, bordado, crochê, aí esqueci o resto. Aí se alguém terminar o trabalho, a gente da pra Irmã e ela arruma o que tiver errado e coloca na vitrine, aí as pensionistas que moram aqui, elas compram. Ou às vezes as mães das meninas que compram. Aí vende e o dinheiro fica com a gente, aí a Irmã dividi.

Aí bate o sino na hora do almoço e a gente vai pro refeitório. Se tiver com a mesa arrumada aí já vai pra fila e a Irmã leva pro refeitório. Aí tem duas mesas a gente senta, reza e come. Depois aí as meninas da sagrada vão tomar banho ou fazem o ofício primeiro. Aí tem o ofício. A Irmã põe uma tabela lá com o nome das meninas e o ofício que vão fazer. Aí se for o refeitório tem que ser três, uma pra varrer, uma pra limpar o chão e uma pra limpar as mesas. Eu fico com a lavanderia. Ontem foi meu primeiro dia que eu limpei. Eu acho tranquilo. É importante porque quando a gente crescer aí já vai ter a nossa casa limpa, porque se alguém for na nossa casa e ver a bagunça, já vai querer voltar pra casa dele.

Aí depois algumas meninas tomam banho. Aí arruma as coisas pra ir pra escola. A Irmã chama a fila das meninas pra rezar, a gente reza e a gente vai pra escola. Aí no primeiro dia ela (*Irmã*) me acompanhou até a sala porque eu entrei esse ano lá na escola, aí ela me acompanhou. Aí agora eu já sei a sala. Só que aí às vezes ela também vai.

4. Você participa das atividades propostas? Quais?

Uhum. Educação física. Só na sexta que é separado, mas na segunda, quarta e quinta é junto aí sexta-feira num tem. É legal. A tia... Às vezes a tia N. fala pra gente fazer umas brincadeiras que ela escolhe e às vezes é a gente, mas quinta-feira é livre aí a gente brinca do que a gente quiser.

Inglês, a tia A. que dava aí só que hoje ela parou de dar um pouco. Aí a Irmã procurou pras meninas estudarem. Agora é outra pensionista que dá. Às vezes é junto, mas agora é separado das meninas pequenas, só antes que era.

Dias das crianças. A Irmã... Quando as meninas chegam aqui tem pula-pula, brinquedo, aí a Irmã num deixa ninguém vim pra fora senão estraga a surpresa. Aí as meninas tenta ver pela janela do refeitório. Eu também já subi. É legal. A gente depois do café a gente vem pra fora e fica até a hora do banho. Tem sorvete, sobremesa... que era o tio R. que trazia. Ele era quem levava as meninas da 708 pra escola. Ele trabalhava, se as meninas quebrassem alguma coisa ele consertava. Porque assim as meninas tavam lá na sala de brinquedos numa

roda, aí eu peguei e fui lá na sala também. Aí algumas meninas já sabiam e outras não, aí a Irmã falou. A mãe da J. encontrou minha mãe no meio do caminho e falou que ele tinha morrido. É... Aí a gente ganhou uma Barbie, uma maletinha com pasta, escova de dente e pente e mais alguma coisa... Aí esqueci, chuchinha. Eu num to falando na ordem não, tá?

Aí tem o dia das mães. Desse ano foi... Teve um monte de apresentação. Aí primeiro foi... Aí como é que é mesmo, me esqueci, já. Foi a gente eu acho. Aí teve as meninas apresentaram “Parabéns mamãe”. Teve outras que dançou uma lá que eu esqueci o nome. As meninas pequenas também dançaram outra. A gente que fez os passos. E teve outra lá que a Irmã fez todo mundo ficar assim e capela. Aí teve missa. Aí a gente deu o presente. Trabalho manual que a gente fez.

Páscoa. Teve um dia num sei se foi nesse ano, que a Irmã levou as meninas pra capela. Aí quando a gente voltou na capela tinha um monte de saquinho com doces dentro. Esse ano a gente ganhou um ovinho.

Aí tem Cosme e Damião. Teve no ano passado depois da educação física a gente ganhou um saquinho cheio de doces.

Natal tem também. Foi na primeira série... Ah não foi na segunda, que algumas meninas apresentaram, aí foi feito um anjinho. Aí a N. a irmã da (M1) foi a Maria só que ela faltou. Não era a B... Aí a B. faltou aí a irmã dela entrou no lugar. Aí a G., a J., fez o anjinho. Antes da festa a Irmã chama a gente pra sala de brinquedos e a gente ensaia. A Irmã escolhe uma música e a gente ensaia. Aí quando chega o dia ela chama pra missa. Ela fala pras mães se organizarem nas cadeiras. Só que às vezes a maioria é só as mães. Aí tem apresentação.

Ah já teve também. Teve um que eu esqueci o nome, que falava de Deus. Falava onde ele ficava coberto onde ele morria. E teve outro que a gente foi, quando tava com a Irmã (I2). A gente ficava andando. Era no Gama ou no Sobradinho ou no Lago Sul, não sei. Ah a gente já foi numa igreja que tem lá na esplanada. Era... Tinha um monte de anjos pendurados assim, as meninas pensavam que ia cair em cima da cabeça delas. Aí teve um dia, nesse mesmo dia da Catedral a gente foi pra um monte de lugar. Na Catedral... Onde tem um homem assim que tá sentado num banco lá... E só.

5. Como é a relação com suas colegas e responsáveis (freiras)?

Legal. Aí num tem aquela menina que eu perguntei se ela podia vim comigo? Aí ela é minha melhor amiga. Aí a gente tá junta desde bebezinha. Às vezes a Irmã ajuda a gente assim. Aí quando tem educação física ela deixa a gente vim pra cá antes do recreio.

6. Qual atividade que te marcou aqui no Instituto?

Dia das crianças. Uhum. Aí tia to com vergonha... Porque foi assim um monte de brincadeiras. Teve banho de mangueira. E as meninas ficaram assim no pula-pula molhadas. Foi bem legal. E no dia das mães também. Foi um dia muito especial pra nossas mães.

7. De que modo o Instituto te possibilita a uma melhor qualidade de vida?

Como é que você chama aqui? As meninas falam Lar Madre Eugênia ou creche. Minha mãe chama de creche. Aí eu falo mãe num é creche não mãe. Fala que aqui é uma escola assim, um lar. Por que você não gosta de creche? Porque os outros ficam pensando que a gente ficou reprovando quando era bebezinha.

É se eu não tivesse aqui eu não ia saber limpar a casa direito. E também minha mãe ia pedir pra eu lavar a louça eu ia falar assim não. Tem muitas outras coisas. A ter educação. Ai tia... Se eu não tivesse aqui e tivesse lá em casa, se eu não tivesse terminado o dever lá em casa eu não ia ter onde terminar. Aí aqui já tem como terminar o dever. Aí as vezes que eu tenho dúvida a Irmã ajuda. Aí quando tem negocio pra pesquisar, ela pesquisa com a gente também.

Apêndice 05. Roteiro I – Entrevista Menina (M3) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 11 anos.

1. Onde você mora?

Planaltina.

2. Como se constitui sua família?

Minha mãe, minha irmã e eu.

3. Como é sua rotina aqui no Instituto?

Eu chego às 06:45 e vou pra sala de brinquedos. Quando dá oito horas a Irmã chega e fala “café, bom dia!” aí a gente forma a fila e vai pro refeitório e toma café da manhã. Depois do café da manhã eu vou pra sala de estudo fazer meus deveres. A Irmã olha se tem dever, aí a Irmã vem e ensina. Aí quando a gente termina ela pega e confere. Quando dá 10 horas eu vou pro recreio. Tem o parque lá fora, mas a gente, as grandes só usa o balanço mesmo. A gente brinca mais de queimada. Só quando a bola tá murcha e num dá pra Irmã encher a gente vai pro parque ou brinca de pingue-pongue. E lá no parque tem muita fruta, é legal, mas dessas frutas mesmo que eu como é só a manga. Tem gente que enche a sacola e leva pra casa. Depois do recreio vou pro trabalho manual.

O trabalho manual a Irmã dá o material e ensina. Eu já fiz macramê, bordado, cachecol. E o trabalho manual é bem assim ó, a gente vende o paninho, por exemplo, cada paninho é vinte reais. Aí eu vendi... Eu vendi cinco. Aí deu cem reais, exemplo neh?! Aí a Irmã fica com cinquenta e eu com cinquenta. E se deu cento e vinte... Sessenta pra ela, sessenta pra mim. Nesse ano mesmo eu ganhei cinquenta reais. E isso é importante? Aham,

porque eu posso ajudar a minha mãe. Porque minha mãe falava neh, que eu num ajudava ela. Aí eu cheguei assim ó tá vendo mãe como eu te ajudo? Aí eu fui lá e dei o dinheiro do trabalho manual pra minha mãe, pra ela ir paga as conta dela, pra... aí a Irmã disse que isso é importante que a gente pode até ajudar nossas mães com esse dinheiro que a gente vende as coisas. É verdade. O dinheiro que eu dei pra ela, ela pagou meu All Star, que o meu All Star foi cinquenta reais. Com esse dinheiro dá pra gente fazer um monte de coisas.

E quando dá meio dia toca o sino e a Irmã forma a fila e a gente vai pro refeitório, mas o sino só toca no almoço. Sempre tem salada, sempre, nunca falta. Aí tem de tudo, mas batatinha frita essas coisas assim só tem quando é dia das crianças. Aí depois tem o ofício. Como funciona? Assim ó, a Irmã coloca lá no papel aí cada uma sabe o que vai fazer. É importante porque como a Irmã fala a gente quando crescer vai ter uma casa só nossa aí a gente num vai precisar de ninguém pra cuidar, neh? E quando acabo vou direto pro banheiro tomar banho pra ir pra escola. Aí lá no banheiro tem o armário e cada uma tem um espaço pra colocar as coisas e deixa lá, por exemplo, tem lá (M3) e lá é meu. Aí depois do banho a Irmã chama a gente e a gente faz uma oração e vai pra escola.

4. Você participa das atividades propostas? Quais?

Tem uma coisa, tem aula de inglês aqui. Com a... Ai meu Deus! Com uma pensionista, ela fala inglês. Assim, ela nasceu lá onde que fala inglês sabe?! Lá nos Estados Unidos, ela nasceu lá. A Irmã pediu pra ela dar? Não ela que se ofereceu porque a C. dava antigamente, que ela gosta muito de inglês e se ofereceu, mas só que ela num tá dando porque ela trabalha muito. Mas um dia ela não trabalhava muito. Agora ae essa pensionista se ofereceu. Aí a Irmã foi lá e aceitou neh? Que a Irmã num ia perder uma oportunidade boa dessa!

Ah passeio tem muito, muito. Todo ano tem. Nesse ano teve. A gente foi lá pra... Não ano passado a gente foi lá pro museu do Juscelino Kubitschek, é um museu eu num sei o nome. Esse ano a gente foi... Como que as pessoas antigamente na época de Jesus eram mortas era como que eles se enterravam. Eles se enterravam com pano. Pegava a pessoa assim e cobria com pano e jogava, mas eu num sei o nome. E que outros passeios? A gente já subiu a torre. A Irmã que alugou a Kombi pra levar a gente, a gente bagunçou demais. A gente foi pruma igreja linda, é tipo cristal em cima, ela é bem grandona, aí tem tipo uma lâmpada, ela é linda! Tem tipo uns cristal assim, mas não é, não é. É tipo! Aí quando a gente olha assim brilha em cima. E essa igreja é toda roxa. Você sabe o nome dela? Não, não sei eu nunca fui

lá. Mas você num foi pro passeio? Não, mas eu nunca fui lá, eu nunca sabe? Fiquei lá pra orar, a gente foi lá só pra ver mesmo, que nesse dia ia ter aula.

Páscoa. Ah a páscoa! Sempre quando é dia de páscoa a Irmã compra ou doam, neh? Pra gente ovo de páscoa. Mas não tem festa assim. Aí Irmã dá pra gente e fala “Toma feliz dia da páscoa!”.

Dia das mães também é legal. A gente escolhe um trabalho manual e dá de presente pra mãe. Aí tem missa. Tem gente dança, inventa uma coreografia. Tem gente que canta. Esse ano a Irmã deu uma poesia pra cada uma falar. É bem legal, minha mãe fica feliz.

Natal eu não lembro porque faz tempo, foi no ano que eu entrei, mas os pais vieram. A gente cantou eu acho. Reuniu todo mundo? Na verdade as festas que a gente tem aqui nenhum dos pai vem. Assim, minha mãe e meu pai são separados, mas exemplo, se meu pai e minha mãe fossem juntos, nenhum dos nossos pais vem pra cá só as mães. Sempre são as mães. Igual à mãe da L.. A mãe da L. não vive com ela, vive com a madrasta e o pai. E quem vem é o pai. Em vez do pai vim, neh? Mas não é a madrasta. Nenhum dos pais vem, antigamente era assim com vocês? *Eram raros os pais que vinham. Eu, por exemplo, não conhecia meu pai.* Ah, tá! Ah igual às meninas, tem umas meninas que não tem pai e nem conhecem também. E agora a gente entra de férias em novembro e nem tem como fazer festa. Aí a gente só reuniu pra dizer que fez alguma coisa.

5. Como é a relação com suas colegas e responsáveis (Irmãs)?

É Boa. Eu gosto muito das Irmãs, só a Irmã (I3) que é mais séria sabe?! Que ela é a dona. Teve um dia que a gente fez uma festa surpresa pras Irmãs. Só as meninas combinaram. Cada uma trazer alguma coisa sabe? Aí a gente dividiu o de cada uma. (M3) suco, **B.** brigadeiro, aí cada um trouxe sua parte de casa. Aí a gente planejou tudo neh, aí quando a Irmã tava na oração a gente ajeitou tudo. A gente fez uma surpresa pra elas, aí a gente foi lá e colocou a mesa pra elas. Quando elas chegaram a gente colocou tudo e deu parabéns pra elas. Sem nenhuma, nenhuma soube. As Irmãs gostaram muito.

6. Qual atividade te marcou no Instituto?

Foi quando eu entrei aqui e eu não sabia que tinha sabe, que era o dia das crianças, neh? Aí era meu primeiro ano aqui, ai tinha cama elástica, algodão-doce e várias

brincadeiras legais assim... Aí eu, nossa que legal! Porque eu não sabia, sabe?! Que vinham essas coisas. Aí eu achei legal, que eu num sabia... Oh foi muito legal. Aí foi legal que até a Irmã L. que era velhinha pulou na cama-elástica, eu fiquei muito feliz, mas ela já morreu sabe?! Foi muito triste. Aí neh? A gente tava brincando na cama elástica, aí depois as meninas tavam com calor, neh? Aí as meninas pegaram um balde, pegaram água e tacaram na cara, neh? Aí depois, aí depois a Irmã disse “Vocês tão toda molhada!”. Aí a gente “Ai Irmã desculpa!”. Aí depois a Irmã “Cês querem banhar é?”, Aí as meninas “Querem!”. Aí a Irmã pegou a mangueira assim ligou, aí a Irmã jogou água em todo mundo. Vocês ficaram tomando banho de mangueira? É aham, aí neh? A Irmã jogou na gente, aí gente foi molhada pra cama elástica, ficamo pulando lá, aí tem esse banheiro aqui nosso neh? Aí todo mundo veio escorregando aqui, tava toda molhada, aí a gente só ia escorregando aqui, daqui até o banheiro, que aqui tem cerâmica, neh? A gente ficava escorregando... E sobrou só pra C. coitada. Foi muito legal nesse dia. Mas o que me deixou magoada foi quando o tio R. morreu, mas eu sei que ele está lá no céu vendo a gente. Ela dava de presente pra gente no dia das crianças, sorvete. Ele comprava pra gente. Quem era o tio R.? Ele era, por exemplo, se essa mesa aqui tivesse quebrada ele vinha e arrumava. Se ela lâmpada tivesse queimada, ele vinha e trocava. Era ele quem cuidava de tudo aqui. Foi muito triste. A gente chorou muito, todo mundo. Ele era padrinho de três meninas aqui, três, de três meninas. As mães delas não tavam achando padrinho pra elas aí o tio R. ficou sabendo foi lá e se ofereceu pra ser padrinho delas.

E de brincar foi a queimada. Sabe por quê? Porque desde que eu entrei aqui todo mundo, todo mundo, todo mundo jogava queimada. Todo dia a gente jogava. Só ano passado que a gente mudou que tinha as meninas grandes, neh?! Aí a gente jogava pingue-pongue, mas só que nesse ano a gente tá jogando queimada maluca.

7. De que modo o Instituto te possibilita a uma melhor qualidade de vida?

De que modo você acha, como é que você chama aqui? Creche. Mas minha mãe, algumas vezes quando chega alguém e pergunta bem assim, eu tenho vergonha e falar creche. Porque que você tem vergonha? Ai creche, Ai todo mundo pensa creche de bebê! Alguém pergunta você fica aonde? Eu fico no Lar! Aí minha mãe, quando alguém pergunta pra minha mãe, onde tua filha fica? Na creche. Aí eu - Mãe meu Deus creche é... Eh... É isso, coisa de bebê. Acho feio falar creche, parece coisa de bebê.

Quando eu entrei aqui nas Irmãs minha vida mudou muito, porque se eu não tinha que vir todo dia de tarde sozinha no ônibus, mas só que aí quando minha mãe foi atrás das Irmãs e conseguiu a vaga e ela ficou muito feliz. Agora minha vida está boa. Ah... A gente aqui aprende muita coisa, aprende coisa sobre Jesus, aprende muitas orações que eu nunca soube. Aprendi um monte esse ano, que eu nunca ouvi falar a minha vida. Aprende coisas sobre Jesus. Eu encontrei aqui muitos amigos. Conheci várias meninas, neh? A vaga na escola. Sagrada Família, porque a escola que eu ficava eu num entendia quase nada. A minha professora ela era muito... Aqui a gente canta, dança. A Irmã me ajuda a ser uma pessoa melhor neh? Me ajuda conhecer coisas que eu nunca soube. Conhecer vidas de quem eu nunca vi.

Apêndice 06. Roteiro I – Entrevista Menina (M4) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 12 anos.

1. Onde você mora?

Paranoá.

2. Como se constitui sua família?

Minha mãe, meu pai e meu irmão.

3. Como é sua rotina no Instituto?

Oito horas a Irmã fala “café, bom dia!” e todo mundo forma uma fila. É bom. 08h30min até 09h30min agora tem educação física. 09h30min às 10h é estudar, fazer o dever. Cada um estuda o que tem que estudar. Quando eu tenho dúvida a Irmã me acompanha. E quando não tem tarefa aí eu vou estudar tabuada. Lá tem os armários e a primeira coisa que eu faço quando chego é arrumar meus livros. E depois 10h até 10h30min é o recreio. A gente brinca de queimada, queimada maluca, handebol, pingue-pongue. E 10h30min até 11h é pra terminar o dever quem não acabou. E 11h horas é hora de fazer o trabalho manual. *O que você faz?* Macramê, mas eu já fiz bordado, crochê, vagonite. Eu faço cachecol pra mim em casa. Ah e a Irmã dividi com a gente o que a gente faz e vende aqui. 12h é o almoço. Como é o almoço? Arroz, feijão, sempre salada, macarrão, no outro dia tem bife, hambúrguer. Depois do almoço tem o ofício, é chato. Ah porque é ruim, assim só sexta feira que é chato porque tem que jogar água em tudo. Toda semana eu fico no banheiro. A Irmã que arruma, tem um negocinho na parede com o que cada uma vai ficar. *É importante o ofício?* É pra gente aprender a fazer as coisas, e também quando a gente crescer num precisar de empregada. Tem gente na minha turma que num sabe nem arrumar a cama. Aí depois eu vou tomar banho e a

gente faz uma oração com a Irmã antes de ir pra escola e vai.

4. Você participa das atividades propostas? Quais?

Uhum. No dia das mães a Irmã pega e organiza alguma coisa pra gente fazer. Sábado teve, eu só cantei. Ela deu um poema pra cada uma, teve gente que cantou a música, teve gente que dançou. Eu dei de presente o macramê que fiz.

Como foi o dia das crianças? Arrumaram um monte de brinquedos, pula-pula, o negocinho de bolinhas lá, e tinha um carrinho de algodão doce, um escorregador bem grandão que desce, foi bom. *A Irmã estava junto?* Tava a Irmã até pulou junto. Ah e teve banho de mangueira, foi muito legal. E na hora do almoço nem se fale a comida é muito gostosa. E de sobremesa o seu R. sempre comprava pra gente sorvetes. Nosso dia das crianças não é mais o mesmo e nunca mais será com a morte do seu R.. Ele quem arrumava tudo aqui. A gente continua tendo sorvete de sobremesa, mas agora não é com aquela alegria que a gente ficava com o seu R.. Ele ficava muito alegre. A gente ganhou uma maleta com sabonete, escova de dente, pente, e até uma Barbie que até hoje eu não abri porque eu não gosto de boneca. Mas eu gostei.

E a páscoa? A Irmã falou que páscoa num é só chocolate, pascoa é ressurreição e a gente ganhou ovo de pascoa. A gente sempre ganha alguma coisa.

Tem passeio? Teve. Num trequinho que tem uma bacia virada, no Congresso. A gente foi visitar lá. Teve outro que a gente foi pra uma igreja que brilha. Ah e teve um que a gente foi ver um negocio lá, da parte de Jesus, quem é homem Da... Do... a gente foi ver como é que Jesus morreu.

5. Como é a relação com suas colegas e responsáveis (freiras)?

É boa, a gente se respeita. Aqui eu tenho amigas.

6. Qual atividade que te marcou aqui no Instituto?

Natal. Porque a gente apresentou, aí tinha uma boneca no lugar de Jesus, neh? Naquele negocio lá, a manjedoura. Aí a gente apresentou. Fez apresentação do anjo Gabriel. E os três, o que é mesmo? Os mensageiros? Aí num tem a parte do eu sou o anjo Gabriel? Aí chegou Maria e os mensageiros. Tudo a gente que faz. A gente que escolheu. A gente cantou, dançou. A gente ganhou presente. Eu ganhei um pijama, e eu cresci porque tá bem aqui assim agora.

Foi um dia bom.

7. De que modo o Instituto te possibilita a uma melhor qualidade de vida?

Como é que você chama aqui? Lar? E sua mãe? Lar, mas às vezes de creche. Mas eu não gosto que chame creche. Por quê? Tenho vergonha, creche é lugar de pequenos. Que modo que aqui muda sua vida? No respeito, as amizades, carinho, paz. Ah... sei lá! Ah... Porque, ah sei não. Tudo. Lugar pra brincar, ficar longe da rua.

Apêndice 07. Roteiro II – Entrevista Responsável (Irmã) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Formação:

1. Qual a proposta do Instituto?
2. O Instituto se configura como uma creche? Por quê?
3. Quais atividades são proposta no Instituto?
4. Como é a relação com as crianças?
5. Tendo em vista que essa ação prioriza crianças de camadas populares e possui também um aspecto assistencialista como se dá a perspectiva da relação dos valores cuidar e educar?
6. Existem atividades que a família participa junto ao Instituto?
7. Como o Instituto pode mudar a trajetória da educação dessas crianças?
8. O que você pensa de “ações afirmativas”. Você reconhece nas ações do Instituto *ações afirmativas*?

Apêndice 08. Roteiro II – Entrevista Irmã (I1) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Formação: Curso Superior de Teologia incompleto.

1. Qual a proposta do Instituto?

Bem aqui nós trabalhamos com a educação neh? Em abrigo semiaberto. Então assim como antes era um internato nós tivemos que nos adaptar de acordo com também as leis que são colocadas pra gente também seguir neh? Então depois que o juizado de menor não autorizaram mais neh? A... Esses abrigos de acolherem essas crianças neh? Em tempo integral, então nós tivemos que trabalhar com elas só no caso durante o dia. Eae... Pra num tirar a responsabilidade dos pais. Que acontecia que muitas meninas não iam pra casa. Chegava final de semana as mães não vinham buscar. Às vezes passavam até meses sem encontrar com as mães. Eae ficava assim aquela criança totalmente dependente só das Irmãs. Não tinha o apoio da família, a mãe num dava atenção e muitas vezes essas meninas, elas tinham muito problema é... Assim de relacionamento com outras neh? Aí então o juizado de menor tirou esse trabalho de tempo integral e deixou só semiaberto. Então é o que a gente continua trabalhando até hoje. Elas ficam aqui meio período na parte da manhã. Atarde elas vão pra escola e depois as mães buscam na escola e depois vão pra casa. A gente trabalha justamente isso. Educação sócio educativo em meio aberto. Esse na verdade é nosso trabalho é um apoio sócio educativo em meio aberto.

2. O Instituto se configura como uma creche? Por quê?

Pras pessoas de fora é creche porque assim querendo ou não trabalha como uma creche, mas tem umas coisas diferentes. Por exemplo, em outras creches neh? Eu não tenho muito conhecimento do que trabalham as outras, mas assim pelo que as meninas mesmo

contam é mais assim aquele trabalho de cuidar das meninas. Mas ao meu ver num tem assim uma destinação, num tem assim uma finalidade como nós temos como congregação. Então nós temos a nossa finalidade de trabalhar com essas crianças com essas meninas pra promoção humana, não só promoção humana como também a promoção religiosa. Que aí no caso elas vão tá crescendo neh? Aprendendo a se relacionar umas com as outras, vão tá aprendendo a lidar consigo mesma. Porque às vezes lidando com a outra acaba vendo coisas que tem nelas que às vezes é diferente na outra. Então elas vão aprendendo a se conhecer. Vão aprendendo, por exemplo, tem os trabalhos manuais que elas fazem neh? Elas vão aprendendo a fazer isso. Isso pode ser uma fonte de renda futuramente pra elas. Tem também a questão da catequese que a gente procura dar. A gente procura ensinar valores pra vida não só cristã, mas como uma vida humana. A gente procura passar valores pra elas como respeitar os outros. Obedecer, neh? Ter o cuidado com as coisas delas e cuidado das outras. Então tudo isso ae faz parte em ter o respeito com os pais. Aprender a cuidar das coisas delas também em casa. Aprender também a criar o hábito de estudo não só aqui como também em casa.

3. Quais atividades são proposta no Instituto?

A primeira coisa que a gente dá prioridade, as primeiras, é a questão também do reforço escolar. Porque a maioria das mães a gente conversa, a gente tem sempre esse contato com as mães neh? Pelo menos eu procuro sempre ter o número de telefone de cada uma. Procuro sempre ter contato com a mãe. Qualquer coisa que precisa eu ligo, to entrando em contato pra num ter essa separação e pra ter mais como ajudar mais essas meninas. Então o que quê acontece? É... Na questão do estudo, quando não tem possibilidade delas fazerem em casa sozinhas, elas não tem como recorrer a mãe. Porque se não me engano acho que são quatro meninas que tem pai. As outras todas são só... Só moram com a mãe ou com mais um irmão ou uma irmã. Mas em geral é só a criança com a mãe e então tem mães que são analfabetas. Tem mães que agora tão procurando a escola. Tem eu acho que pelo menos três mães que já terminaram, já começaram a estudar anoite. Elas pegam as meninas levam pra casa e vão pra escola pertinho de casa. Outras até arrumam uma pessoa que fica com elas, por exemplo, quem tem irmã mais velha neh? Fica cuidando dessas meninas em casa enquanto as mães vão estudar. Então muitas estão procurando agora. Como é caso que uma aqui tava procurando escola, mas ela viu que tava saindo muito difícil, muito pesado pra ela aí ela desistiu. Eae justamente aqui que é a oportunidade que elas tem de fazer as tarefas. Só que aí também tem aquela parte da acomodação também da parte delas. Ah! Se tem as Irmãs pra me

ajudarem a fazer a tarefa então não me preocupo em estudar tabuada, não me preocupo pra fazer leitura em casa. Muitas deixam os trabalhos de escola, as tarefas só pra fazer aqui e muitas vezes querem fazer só na última hora.

Depois nós temos a questão dos trabalhos manuais neh? Que nós procuramos ensinar pra elas. Então agora elas tão trabalhando com macramê, com vagonite, bordado. Tão trabalhando com cachecol. Com o tricô no tear e também elas trabalham algumas vezes com pintura e algumas vezes com missanga, mas num é que seja sempre. Mas o trabalho que a gente usa mais com elas são esses neh? Os trabalhos manuais. E é assim porque elas fazem esses trabalhos e a gente tem esse armáriozinho aqui neh? Que fica aqui na portaria. Então a gente põe determinado valor pra vender neh? Então muitas pessoas às vezes ou então as pensionistas ou então as próprias mães ou então as pessoas de fora que veem neh? Então eles compram. Eae a metade fica com elas e a outra metade pra gente comprar mais material pra elas continuarem fazendo esses trabalhos. Então tem aquelas que se empenham ou então elas ficam bem contentes. Depois falam assim... Teve uma mesmo que a mãe depositou o dinheiro que ela ganhou. Ela conseguiu até uma quantia boa. Então ela depositou numa conta pra ela. Que ela tava abrindo uma poupança, então tá lá guardado. Enquanto que outras, elas pensam neh? Uma delas falou assim “Ah eu vou levar pra minha mãe pra ela comprar um litro de óleo e um pacote de arroz pra ela poder fazer a comida.” Neh? Então eu to ajudando a minha mãe a fazer isso. Então assim, a gente vê mais nesse sentido de... De... De tá promovendo neh? E até porque futuramente elas podem fazer isso em casa neh? Elas podem tá fazendo pra elas mesmas neh? Podem tá fazendo pra própria casa delas ou também podem tá fazendo pra vender como uma fonte de renda pra elas.

Depois tem também a educação física. Ae o caso da educação física neh? Que elas tem os estagiários daqui do Ceub eles fazem esse estágio aqui por um semestre neh? Cada grupo vem e faz por um semestre neh? Às vezes é dupla... Esse é o segundo ano que nós trabalhamos com o Ceub neh? Tem a coordenadora, acho que é de estágios ou é a coordenadora da... No caso da faculdade neh? Em si, toda neh? Então ela é conhecida da Irmã (I3), conhecida das Irmãs também há muito tempo e tudo. Então a gente entrou em contato pra perguntar se não teria possibilidade de fazer um trabalho que eles pudessem tá fazendo um estágio aqui e ajudando também as meninas. E então é um trabalho voluntário neh? Num tem nenhuma remuneração. É um trabalho voluntário também da parte deles. Então fica um

semestre cada grupo neh? Fazem as atividades. Aí vem um grupo maior. Vem um dia ou dois no semestre. Faz uma atividade com todas elas juntas. Aí já as que vêm sempre durante o semestre aí dividem sempre as turmas. As menores e as maiores neh? Porque as atividades das menores são diferentes porque as maiorzinhas já tão aprendendo mais vôlei, aprendendo handball, aprendendo basquete na escola. Porque também na escola tem o Safão, tem o Safinha que são os jogos internos no colégio. Então é um meio também delas estarem se preparando também. E até pra, como se diz neh? Pra desgastar as energias em excesso.

E depois também a gente tem a questão dos trabalhos neh? Os ofícios também que elas fazem neh? Porque tá no nosso... Como se diz?! Na documentação nossa neh? Que elas fazem esses trabalhos no caso de limpeza, de aprender a cuidar o ambiente que elas usam neh? Então elas cada uma é responsável por um ofício. Cada semana elas são destinadas a um ofício, a uma parte. Eae assim até como uma forma ela tarem aprendendo corretamente. Aí tem vezes que elas passam o pano seco assim sem nada. Querendo ou não a gente pra poder ensinar da maneira correta, a gente deixa na próxima semana naquele mesmo ofício neh? Porque senão elas depois vão chegar em casa ou em qualquer outro lugar, elas vão querer fazer de qualquer jeito neh?

E assim quando falta alguma menina neh? E tem uma outra que tá com o ofício menor, então eu procuro sempre incentivar que ela ajude aquela que tem menos a ajudar a outra que tem mais. Tá sempre uma ajudando a outra. To sempre dando material pra elas limparem, limpando junto com elas. To sempre... Por exemplo, na sexta feira que a gente joga água no chão. Então mais nesse sentido neh? De ensinar pra elas. Cada uma tem um lugar pra limpar todos os dias. Então, pra aprendendo a ter responsabilidade sobre as coisas que elas usam neh? E aprender também a cuidar porque se eu não limpar aquilo ali que é minha responsabilidade depois nem eu vou poder usar porque tá muito sujo, nem a outra vai tá podendo usar. E também pra elas aprenderem também em casa. Como elas praticamente ficam em casa com as mães só anoite e no final de semana, então é um meio também de tá ajudando as mães em casa. Então como algumas mães falam que algumas já têm essa iniciativa em casa neh?

Tem no caso assim, uma ou duas vezes no semestre a gente promove um passeio com

elas. Então esses passeios são passeios turísticos. Conhecendo a cidade. Então elas vão em lugares que elas nunca foram. Que não tiveram a oportunidade de ir. Então elas vão conhecer a Esplanada. Vão conhecer o memorial JK. Mais assim por fora neh? E a gente faz assim, não pra entrar lá no lugar neh? Mas pelo menos pra elas terem uma idéia do que é cada coisa. *Não chega a agendar?* Não nós agendamos, mas não pra... A gente até tentou fazer isso com o Memorial JK, mas ae tinha que preparar um ofício e tudo neh? E na época tava tendo várias atividades em Brasília neh? Ae num dava pra marcar. Mas elas o ano passado foram numa exposição que teve no Gilberto Salomão. Que foi o Santo Sudário. Que foi uma exposição que se chamava “O homem do sudário. Quem ele é?”. Então são feitas várias análises científicas falando, então fica a critério de cada pessoa que vai que acredita que tem a sua fé. E fala “Não É Jesus Cristo realmente!” Outros falam “Não foi um homem que passou por tudo isso.”. Então elas... Foi um conhecimento diferente que elas nunca tiveram neh? Essa exposição veio aqui pro Brasil e acho que ficou em dois lugares se não me engano. Que foi em Santa Catarina e depois veio aqui pra Brasília neh? Então a gente procurou leva-las pra também participar. Eae elas conheceram até também a igreja Dom Bosco. O santuário Dom Bosco. Também passaram pela Catedral. Passaram pela Ponte JK. Que algumas que moram, por exemplo, no Paranoá não passam por lá. Então pra elas também conhecerem também a cidade.

Tem duas pensionistas que ajudam também com o inglês com elas. Que também é um trabalho voluntário. Uma delas foi ela que se ofereceu neh? Que ela viu que ela teve essa dificuldade quando criança de ter o inglês na escola e era muito difícil pra ela. Então ela fazendo cursinho e tudo... E hoje ela faz concurso pra ser diplomata neh? Então agora ela já tem o inglês muito bom. Ela fala fluentemente o inglês. Então ela quis ajudar as meninas ensinando inglês. Então é também é um reforço que dá pro inglês e pro espanhol. Principalmente quando também tem prova. Pra tirar dúvidas neh? E também tem uma outra que fui eu mesma que procurei pra ajudar porque essa outra pensionista ela tava com alguns problemas pessoais neh? E não tava podendo ajudar agora. Então eu mesmo procurei pra ajudar porque essa outra pensionista que ela é muito disponível aí ela procurou ajudar também.

Nós temos também a festa das mães que acontece sempre no mês de maio neh? Então

a gente prepara com ela antes, sempre a gente prepara uma dança neh? De alguma música. Que tem uma mensagem que elas podem tá passando pras mães neh? Como uma forma de homenagear a mãe delas neh? Então sempre tem ou uma dança ou um poema ou uma mensagem neh? Às vezes a gente procura ver uma celebração diferente neh? No caso esse ano elas fizeram. Partiu delas mesmo, elas que praticamente organizaram tudo. Partiu da iniciativa delas. Porque nos outros anos a gente sempre tava ajudando neh? E nesse ano elas quiseram fazer alguma coisa pras mães. Então elas prepararam a coreografia, ensaiaram as menores. Depois elas quiseram ler uma mensagem pras mães.

Aí a gente, as Irmãs também ajudaram a procurar essas mensagens neh? Pra que elas também pudessem ler. Então assim sempre aparecia uma “Ai eu quero fazer alguma coisa pra minha mãe neh?”. Então surgiu delas. Nos outros anos a gente sempre procurava alguma coisa e fazia. Esse ano elas que fizeram, elas que escolheram a música. Elas que escolheram o que iam fazer pra mãe. Aí no caso a gente sempre procura fazer uma parte mais celebrativa na capela, rezando. Ou fazendo uma oração inicial ou com uma missa. Que a gente também prepara junto com elas pra elas fazerem a leitura. Pra elas cantarem na missa ou então as mães participarem também fazendo leitura. Mas ae depois dessa primeira parte celebrativa a gente vem pro nosso salão nobre que é aquele corredor. A gente prepara tudo põe as cadeiras neh? E depois lá na frente a gente faz como se fosse o palco principal delas neh? Então ali elas apresentam pras mães neh? Então a gente faz todas essas apresentações neh? Eae tem até um parabéns delas que ficou... Aquele é o parabéns das mães. Que elas gostam de cantar e quanto mais alto elas cantarem melhor. Tem dia que eu acho que a mãe fica até surda de tão alto que elas cantam. E elas gostaram demais desse parabéns.

Aí depois disso a gente prepara um lanche um bolo. Primeiro um bolo pra elas cantarem parabéns pras mães e depois tem um lanche que todo mundo neh? Pode participar. E também no finalzinho por iniciativa das mães elas procuram sempre ajudar a organizar tudo de volta no lugar assim neh? Num é que a gente chega falando vamo ajudar. Elas mesmas começam a guardar as cadeiras, às vezes elas começam a pegar na vassoura, começa a limpar e põe tudo no lugar neh? Os presentes a maioria das vezes são elas que preparam. Como tem, teve um ano que elas pintaram uma toalhinha pras mães. Escreveram mamãe eu te amo. Mãe você é a luz da minha vida. Então elas mesmas colocaram essas frases neh? E a gente ajudava neh? Com alguma coisa que elas queriam pintar. Pra organizar pra sair sempre direitinho pra dar pras mães neh?

E esse ano elas prepararam no caso as meninas maiores prepararam um vagonite, bordado na toalha, e o macramê que é um... Parece um crochê, mas é diferente. Ele é todo trançado com linha neh? Então faz essa barra de macramê e tem o vagonite. Então esse foi o das maiores. Das menores foram os tapetes que elas tinham uma linha de lã e elas iam costurando neh? Costurando na tela mesmo. Então elas prepararam esse tapete. No caso as Irmãs juntas reuniram e fizeram o acabamento neh? Dos trabalhos. Pra poderem entregar pras mães.

Uma mais específica também é a festa de Natal. E também é pra comemorar, pra festejar todo ano que passou. E também é parecida com a das mães. Só que a gente prepara mais lembrando a pessoa de Jesus neh? Também as meninas preparam sempre uma dança, prepara uma mensagem neh? Tem também o teatro que elas fazem. Tem também a missa que a gente sempre procura fazer. E às vezes ela mesmas perguntam, Irmã vai ter missa, elas às vezes perguntam. Que muitas falam que gostam muito da missa e tudo. E depois tem essa parte da confraternização. Que é feita com todas elas. Os presentes também que elas fazem. E também tem os presentes pra dar pra elas neh? No caso é um presente que possa servir. Teve um ano que a gente deu uma toalha pra cada uma. Que tinham meninas que não tinham toalha pra trazer pra cá pra ficar aqui durante a semana. Então a gente também já deu um pijama. Já deu uma xicarazinha. Que às vezes elas num tinham nem uma xícara em casa pra tomar um leite. Sempre é uma coisa assim mais de utilidade delas em casa.

E tem também a festa das crianças. Que elas esperam assim porque sabem que vai ter um pula-pula, sempre tem pipoca, sempre elas ficam na parte da manhã toda como elas neh? Fazendo o que quiser. Então esse dia das crianças a gente também faz nesse sentido, pra elas poderem divertir, aproveitar neh? Ano passado teve um carrinho de algodão doce, eae teve também sorvete. Então ae é um dia que elas acham que é uma maravilha neh?

Seu R. sempre trazia pra elas um pote de sorvete daqueles bem grandes e dividia entre elas. Elas tinham muito apego a ele neh? Então acho que era o pai delas neh? Era considerado o pai de cada uma porque a maioria num tem pai neh? Num tem essa figura do pai em casa neh? Então ele acabava se tornando uma referência de pai pra elas neh? Então elas tinham todo aquele cuidado, aquele carinho neh? Chegava e se jogava nos braços dele e chamava de tio R., era aquela festa toda neh? E inclusive acho que umas duas meninas foram afilhadas dele também neh? Então quando elas perderam, elas sentiram assim muito. Ficaram muito

abaladas assim mesmo. Elas choravam muito. Eu sei que elas sofreram bastante neh?

Ae a gente ia conversando com elas procurando falar que tudo isso faz parte da vida das pessoas neh? E que é necessário também a perda neh? Eae a gente procurava sempre tá rezando porque também a esposa dele tava muito mal neh? No hospital neh? Então elas procuravam sempre tá rezando por elas, tá pensando sempre neh? Tomara que ela fique boa, que ela possa voltar. É tanto que no dia que ele morreu elas pediram pra ver a Kombi neh? Porque como era ele que levava as meninas pra escola neh? Pediram pra ver a Kombi. Chegando lá na Kombi, na verdade elas num foram pra lá. Elas correram pra lá pra casa dele. Quando a gente foi procurar essas meninas cadê? Tá todo mundo lá na casa do seu R.. Mas ae depois a gente foi conversando com elas. A gente procurou tá fazendo esse processo com elas.

4. Como é a relação com as crianças?

(Em relação às meninas que saem e que entram).

No ano passado na verdade elas já tavam já ficando cientes neh? Até durante o ano a gente ia falando que era o último ano delas. E até na renovação, que todo ano faz renovação da matrícula das meninas neh? Então já com as mães a gente já tava falando. Oh elas tão indo pra oitava série então vai ser o último ano delas. Eae a gente ia preparando durante o ano pra que não fosse aquela saída assim de uma vez neh? Eae além de ir conversando com elas isso tinha também a questão própria das meninas que iam perguntando neh? “Irmã é o último ano delas?” E eu é porque também tem que dar o espaço pras outras também que estão precisando neh?

É tanto que as outras que saíram o ano passado mesmo ela já tá trabalhando naquele... Num me lembro agora o nome neh? Menor aprendiz! Então ela estuda de manhã e atarde tá trabalhando neh? Então elas já tavam ficando conscientes que já era o último ano delas neh? E é tanto que na festa de Natal do final do ano neh? Então foi como que assim uma despedida delas neh? Aí teve até uma música que elas gostavam muito durante o ano. Que elas gostaram. Fizeram até uma apresentação das mães com essa música neh? Então como uma maioria sabia neh? Aí eu até coloquei como uma forma de agradecimento das outras que passaram o tempo com elas neh? E também tá como se diz se despedindo, mas só que querendo ou não a gente tá sempre se encontrando neh?

Elas sentam ae volta e meia elas aparecem aqui e volta neh? Ae as vezes quando

precisa também falar com elas eu ligo elas vêm sempre com a aquela maior felicidade. E até assim além das mães elas mesmas já tão sendo preparadas pra passar por isso neh? E também tem as outras que às vezes por questão de horário de escola, por questão de trabalho da mãe que muda, querendo ou não tem que mudar neh? Ae elas acabam saindo. Então elas assim... Essas sentem um pouco mais a saída neh? Porque é mais assim de repente. Num prepara tanto neh? Mas essas que chega a idade certa pra sair neh? Então elas já vão sendo preparadas.

No caso das novatas a gente tem sempre, tem a ficha de espera neh? Então com aquela ficha de espera a gente pega os dados de cada uma e depois a gente faz uma visita. A gente conhece a realidade dela, da criança. A gente conhece a família. Eae a partir disso ae a gente vai ver daquelas meninas quem tá mais necessitada da vaga neh? Quem assim que realmente a mãe tá precisando. Porque já teve casos de mães virem fazer ficha e a mãe tinha duas três casas alugadas. A mãe não trabalhava. Ficava só dentro de casa e tudo neh? Então é assim complicado neh? Então a gente tem mesmo que visitar conhecer, porque às vezes esse ano teve um caso mesmo neh?

Que a gente foi visitar uma que a casa assim toda mobiliada, toda arrumada. Muito bonita e tudo e a mãe mentiu pra gente. E a gente acabou descobrindo. Falando que na verdade tinha sido a patroa que tinha emprestado um a dinheiro. Sendo que na verdade era um namorado dela eu era rico que mobiliou a casa toda pra ela neh? E a patroa também ajudava nos trabalhos, nas tarefas com as meninas e tudo. Então era uma menina que tava bem acolhida neh?

Enquanto uma outra que tava morando num lugar muito longe. A mãe trabalha aqui na 706 se não me engano. Sai muito cedo de casa. Mora muito longe da parada de ônibus. É um loteamento novo. Então num tem ainda água regularizada. Num tem luz regularizada. Então a gente olha tudo isso, a situação de cada uma pra poder ver neh? Que realmente aquela tá precisando. Eae Então é feita depois uma ficha delas e tudo de admissão neh? E depois as próprias meninas elas já tem aquilo natural delas de tá acolhendo as novatas neh? Até que elas ficam muito curiosas neh? Pra saber quem é qual é o nome. Quantos anos têm. Aonde mora, qual a escola. Então quando elas veem uma menina nova aqui na portaria vem corre todo mundo fica aqui na porta vendo querendo saber quem é essa menina e tudo. Então elas se enturmam muito rápido com as outras neh?

E o acontecimento com a Irmã L.? Assim as meninas que estavam aqui há algum

tempo, já sabia bem como era o jeito dela, *Irmã L.*, neh? Então as outras que chegaram depois, mais pela questão que elas se apegaram ao jeitinho dela neh? Porque ela querendo ou não cativava muito as meninas neh? Então assim essas que já estavam há mais tempo elas sentiram bastante neh? Mas as outras assim elas sempre falavam ah, mas a *Irmã L.* é muito boa e num sei o que... Mas num é porque elas conviveram neh? Porque foi em 2008 que ela adoeceu neh?

Então algumas entraram depois de 2008 neh? Então elas num passaram por toda aquela preocupação da *Irmã L.* aqui, de tá arrumando uma sacolinha de pão pra levar pra casa e tudo neh? Então no caso só as mais velhas passaram realmente por aquele baque maior neh? Aquelas que já sabiam como era o jeito dela neh? Mas a gente procurou conversar com elas. Até porque elas acompanharam a doença dela neh? Elas viam que ela ficava muito tempo no hospital depois voltava. Depois voltava pro hospital e tudo. Então elas querendo ou não sempre ia visitar a *Irmã L.* no quarto. Ela conversava. Como foi assim em forma de processo neh? Eu acho que num foi tão pesado neh? Foi passando por um processo.

5. Tendo em vista que essa ação prioriza crianças de camadas populares e possui também um aspecto assistencialista como se dá a perspectiva da relação dos valores cuidar e educar?

É porque assim a gente procura tá desenvolvendo com o nosso trabalho, colocar também o nosso carisma da congregação na naquilo que a gente trabalha neh? Que é justamente a gente tá promovendo principalmente a mulher. Então nesse nosso trabalho a gente procura tá ajudando essas meninas que as mães num tem muitas condições neh? Que a maioria recebe um salário mínimo. Então tem que dar conta de aluguel, tem que dar conta de alimentação dentro de casa, tem que dar conta de roupa, de tudo isso neh? Então a gente da prioridade pra essas pra que as meninas também tenham oportunidade de crescer também, de ter uma cultura. De realmente aprender algo a mais que pode ser que só em casa elas num vão poder aprender e também pra digamos ter assim aquela proteção com a criança. Que se elas ficam em casa elas podem correr vários riscos neh?

Então é no caso, a gente também procura tá cuidando dessas meninas pra que elas não fiquem expostas a perigos neh? Até porque quando elas vêm pra cá. Então a gente procura ensinar que elas não fiquem vindo com roupas decotadas, com roupas curtas neh? Pra elas também aprenderem a valorizar a si mesmas. Aprenderem a cuidar de si, a cuidar neh? Tá sempre limpinha num vim com roupa suja. E se tá suja a gente fala. Procura ensinar que isso

faz bem pra ela, ela tá limpa neh? Pra ela tá bem cuidadinha neh? Que é justamente pra quando elas tiverem em relação com as outras na escola, elas também tarem se sentindo bem neh? Porque se vai suja, por exemplo, pro colégio neh? Aí a professora reclama, os colegas reclamam neh? E num é bom pra elas. Então a gente procura tá desenvolvendo também o nosso trabalho da congregação do carisma, espiritualidade nossa no trabalho que a gente faz neh? Que também é o cuidado. Que também é tá promovendo essas meninas neh? Tá procurando ensinar pra elas o que talvez pode ser que elas não iriam tá aprendendo em casa. Ou então lá no trabalho da mãe delas que às vezes num tem a oportunidade de tirar uma dúvida de alguma questão da escola. Então a gente procura ver tudo isso neh?

6. Existem atividades que a família participa junto ao Instituto?

Atividades que envolve a família além das festas tem também a formação, um dia de formação pras mães neh? Que geralmente acontece duas vezes ao ano neh? Uma no primeiro semestre outra no segundo semestre. Dependendo das atividades que a gente tem durante o ano, às vezes dá pra fazer até três vezes neh? Eae em o dia de formação das mães. Que elas ficam se aprofundando e tudo, trocando experiências, aprendendo um pouco mais. Que esse também as mães ficam já... Começou há uns dois anos. Então a gente procura dar uma formação pras mães também. As meninas ficam em casa nesse dia. Só vêm as mães.

Eae como tem uma das meninas que não mora com a mãe mora só com o pai. E agora ela tem a namorada do pai também neh? Então antes ele era tudo pra ela o pai e a mãe neh? Então ele também vinha. Participava neh? Então entre elas num tem assim essa questão ah porque é pai tá com a gente aqui neh? Então... Mas eu vejo que em relação a outros pais elas já tem um certo receio neh? Porque com esse elas já se familiarizaram e tudo neh? Então a gente faz um dia só pra elas.

Então elas chegam por volta de oito e meia da manhã e a gente procura falar de um tema neh? Como, por exemplo, uma parte mais espiritual. Falando da questão da família, dos exemplos de como cuidar bem da filha. Também a gente procura fazer com que elas participem da missa neh? Eae tudo voltado nessa questão da família. Eae tem uma outra parte que a gente procura sempre alguma pessoa também que é relacionado com a psicologia e pode também tá tirando dúvidas neh? Que a maioria tem dúvidas de como lidar com a filha, de como dar uma boa educação, de como corrigir da maneira certa.

Então é uma oportunidade que ela tem também de fazer isso neh? E apesar de também nas reuniões a gente procura falar de algum tema assim de como trabalhar neh? Também nesses dias de formação pras mães é um caso, é um dia de formação realmente pra elas. Que as meninas tem aqui de segunda a sexta. Mas no caso as mães, elas tem procurado bastante isso.

No caso das reuniões na escola as mães participam das reuniões e elas tão sempre entrando em contato com a gente pra dizer o que tá acontecendo com as meninas na escola. No caso como elas estão se desenvolvendo, a questão das notas. Como elas estão lidando com certas matérias que elas têm mais dificuldades neh? Como foi o caso de uma das meninas neh? Que o ano passado ela reprovou. Então ela só tirava zero, um, no máximo dois ou três nas provas neh?

Então esse ano a gente falou que ia dar uma chance pra ela. Uma oportunidade pra ela continuar desde que ela se esforçasse pra ela continuar os estudos dela. Porque também a mãe dela tava se esforçando por ela e ela não tava dando uma resposta. Aí ela realmente não se interessava mesmo. Então esse ano a gente, não só as Irmãs como também na escola a mãe viu uma grande melhora nela. Então esse ano ela já chegou com um oito, já chegou com um sete. Teve uma matéria que ela já chegou com um quatro, mas mais por falta de atenção neh? Que ela tem a capacidade de ser melhor neh? Mas ela já chegou feliz da vida porque conseguiu tirar notas boas neh?

Tem também as reuniões que nós fazemos com elas neh? Nós procuramos fazer várias durante o ano pra tá tratando também de como as meninas estão no desenvolvimento, na questão do comportamento, de como tá sendo o desempenho escolar. Então a gente fala de tudo isso neh? E também alguns assuntos que relaciona elas também. Como as que querem que as filhas sejam batizadas. Então a gente pergunta quem quer. Eae depois a gente prepara elas neh? A gente faz esse curso de batizado com elas neh? No caso com as mães, com os padrinhos da criança que quer ser batizada neh?

E no caso também esses dois últimos anos, mas teve um outro ano anterior quando ainda era a Irmã Maria **José** que tava com as meninas. Ela tava dando computação pras mães das meninas. Aí depois infelizmente por causa dos horários, todo mundo estudando anoite num teve mais como fazer neh? Mas foi mais ou menos uns seis ou mais meses que ela começou esse trabalho com as mães pra tá... Como se diz? Pra aquelas que nunca tiveram

contato com o computador, elas falam que o único contato que tem é na hora que tão limpando a casa da patroa neh? Então pra ter uma noção de como ligar e tudo isso neh?

Depois tem também quando elas vêm na parte da manhã. Elas procuram a gente pra conversar, pra falar alguma coisa e às vezes até mesmo pra desabafar neh? Que às vezes elas sentem alguma dificuldade em relação às meninas ou a elas mesmas neh? Então elas procuram também a gente pra conversar neh?

7. Como o Instituto pode mudar a trajetória da educação dessas crianças?

Olha eu poderia tá respondendo essa questão citando o caso de três meninas que hoje estão aqui neh? Que se elas de repente tivessem saído daqui na época que elas poderiam ter saído junto com várias outras, elas com certeza teriam entrado por um caminho assim bem torto neh? Então não só eu que acompanhei essas meninas no ano que eu cheguei aqui. Que vi assim meninas que dava muito trabalho. Meninas que respondiam. Meninas que eram assim bem mal educadas. Meninas assim mesmo que davam trabalho. E então a gente procura ver aquelas que a gente via que mesmo sendo meninas que eram danadas, meninas que davam trabalho, a gente via que elas tinham alguma coisa que elas poderiam mudar. Que elas tinham a capacidade de mudar neh? Então tem três aqui que nós procuramos trabalha com elas durante esses anos todos e a gente vê uma melhora muito grande nessas meninas neh? Então quando a gente comenta alguma coisa que aconteceu com elas ou elas veem fotos de colegas daquela época, elas falam assim “Nossa! Mas eu era atentada demais. Eu era muito isso...” e elas mesmas se admiram neh? E elas reconhecem que elas mudaram neh? Mudaram pra melhor. Como a gente também deu a oportunidade de, por exemplo, que tão acima da quinta série neh? De tá aqui no Sagrada Família neh? Então são meninas que são muito estudiosas hoje em dia neh? Se empenham bastante pra poder aprender. Tiram notas boas e não só de tirar nota boa, mas de aprender realmente neh?

Então tem uma que no ano passado ela reprovou neh? Então tirava só zero, um, dois. Então ela ia sair daqui porque reprovou, mas ae ela veio e tudo. E pediu pra dar uma chance pra ela, que ela ia melhorar. Ela ia fazer um esforço e ia melhorar neh? Então hoje em dia a gente vê que realmente ela tá se esforçando neh? Também em casa a mãe já não reclama tanto. A mãe procurou uma ajuda especializada neh? Uma ajuda médica pra ela. Ela tá sendo acompanhada e aqui ela tem melhorado bastante nas tarefas. Que ela não fazia tarefa de casa. Então ela tá fazendo as tarefas. Faz os trabalhos manuais com capricho muito grande. Tudo

assim bem...

Então a gente vê que realmente com esses casos que a gente tem aqui, a gente vê que da pra mudar de situação neh? Se elas teriam a oportunidade de escolher um caminho diferente neh? Então pelo menos essas três neh? Elas conseguiram ver elas mesmas tiveram uma digamos assim, uma evolução neh? Aquilo que elas poderiam tá escolhendo, que elas mesmas comentam de outras colegas que eram da mesma época. Elas falam assim “Nossa Irmã ela tá fazendo regime, ela tá namorando escondido, ela tá fazendo isso, ela tá fazendo aquilo outro”, elas falam admiradas assim. Como se fosse assim, eu nunca faria uma coisa dessa neh?

Então pra dizer que elas se percebem que elas estão bem sendo elas mesmas neh? Sem tá sendo influenciada por uma outra amiga e tudo, mas por elas serem ela mesmas. Então das que a gente tem contato, elas sempre falam neh? Que isso foi importante pra elas neh? Muitas reconhecem que isso fez muito bem até pra questão da profissão. Porque elas tiveram a questão de se disciplinar. Porque tem o horário pra estudar, tem a questão que tem que ser responsável pelas coisas que elas fazem neh? Então eu penso que é um retorno bom pra vida delas depois neh?

8. O que você pensa de “ações afirmativas”. Você reconhece nas ações do Instituto *ações afirmativas*? Em quê?

Só me esclarece um pouco mais. Assim o que a gente faz, o nosso trabalho, é claro que o Estado tem sua obrigação e tudo neh? Mas o que a gente procura fazer é justamente colocando aquilo que é próprio da nossa congregação, o que é próprio da nossa espiritualidade, o que é próprio dos nossos trabalhos. A gente tá procurando ajudar pessoas pra que ela realmente tenha oportunidade de ser melhor neh? A gente procura fazer o bem. Como é da nossa congregação, fazer o bem por amor ao coração de Jesus. Então a gente procura passar isso nas nossas atividades neh? Como a gente tem escola. A gente tem pensionatos. A gente tem esse trabalho com essas meninas.

A gente tem, por exemplo, promoção humana, principalmente da mulher. Trabalhos que a gente ensina costura, pintura, manicure, culinária e varias outras atividades que tem também em outras casas nossas neh? Então a gente procura tá passando isso nesses nossos trabalhos neh? Então é algo que a gente herda da nossa congregação neh? Da nossa fundadora

e a gente procura passar hoje nas nossas atividades, no nosso dia a dia. E é aonde a gente procura passar pra essas meninas que na maioria são meninas carentes neh? E que assim a gente vê que claro, aqui em Brasília teria oportunidade de ter também lugares assim, só que a gente procura também passar algo a mais, não só atender essas meninas assim recebendo aqui, alimentando, dando cultura, mas a gente procura passar algo que é da nossa congregação pra elas também neh? Algo que é mais espiritual, algo que é mais valor humano. A gente procura passar de uma forma diferente que o Estado poderia tá passando neh? Com esse diferencial da congregação.

Além dos passeios, além das festas que elas fazem, dia das mães, de natal, porque querendo ou não uma tá respeitando a outra. Uma tá em contato com a outra. Isso também depois futuramente é bom pra elas num ambiente e trabalho, numa faculdade saber se relacionar. Aí também tem a questão do inglês que muitas delas estão na escola pública neh? Elas não tem a oportunidade de ter o inglês até a quarta série. Por exemplo, as que ganharam bolsa no Sagrada família, ela já desde as séries iniciais elas tem o inglês. Mesmo as que estão de quinta a oitava série de escola pública neh? Elas também tem a oportunidade de ter um pouco mais de reforço daquilo que elas não viram na escola. Pra tá também acompanhando o ritmo das outras que estão em escola diferente neh? Então tem a questão do inglês. Tem a questão da ajuda da família neh? Porque também é um forma de tá incluindo porque a gente procura também da uma ajuda psicológica pros pais, pras mães neh? Pras mães poderem tarem ajudando essas meninas. Então são várias coisas neh? Vários trabalhos.

Apêndice 09. Roteiro II – Entrevista Irmã (I2) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Formação: Curso Superior de Teologia incompleto.

1. Qual a proposta do Instituto?

A proposta do Instituto que me foi passado, eu cheguei aqui há pouco tempo também neh? Cheguei aqui no ano passado e eu também é a primeira vez que eu faço esse tipo de trabalho neh? Que eu trabalhava mais com pastorais, com meninas então é minha primeira vez neh? Então já tem uma não e pouco que eu to aqui e a proposta que eu... Que as Irmãs acolhem as meninas de idades de seis a quinze anos, eu fico com as menores de seis a nove anos com exceção de uma que tem quatro anos, pras mães poderem trabalhar, as mães trabalham fora neh? Então elas trazem elas cedinho deixam aqui. Elas tomam café e a gente começa fazer as atividades. Ensinar o dever da escola. Tem as estagiarias do CEUB que dão educação física. A gente ensina o trabalho manual, tem os momentos de oração, de catequese, de formação pra elas também. Acho que essa é a proposta neh? Elas ficarem aqui esse período em que as mães estão trabalhando e nesse período elas desenvolverem alguma coisa e também tá fazendo os trabalhos da escola.

A gente tá sempre acompanhando as notas, o desenvolvimento de cada uma na sala de aula. Não muito tempo pra cá que teve a divisão de duas pessoas cuidarem. Porque primeiro porque o espaço que a gente tem não é muito grande. Então se for colocar trinta meninas dentro de uma sala fica um pouco complicado, grande pequena. E trabalhar com as faixas etárias neh? Trabalhar com as pequenas. Por exemplo, com as de seis a oito anos, ensinar dever de casa essas coisas é mais fácil do que tá misturado com as maiores. Então a necessidade foi essa de dar mais atenção até pra elas neh? Porque se fica todo mundo junto e uma pessoa só cuidando acaba que num tem atenção suficiente pra fazer o que precisava ser

feito.

2. O Instituto se configura como uma creche? Por quê?

De certa forma sim neh? Porque as crianças vem pra cá cedo as mães confiam inteiramente na gente. Vem pra cá cedinho. Aqui elas tomam café. Tomam banho. Brinca. É... Eu acho que mais menos parece. Apesar de ser apenas de meninas neh? Elas até me questionam porque que aqui é só de meninas neh? Num é uma creche igual às outras neh? Aí a gente explica que num é de meninos porque a gente num tem um espaço suficiente. Se fosse de meninos também teria que construir mais salas, ter mais banheiros, ter mais espaço neh? E no momento a gente num pode atender isso neh?

3. Quais atividades são proposta no Instituto?

Assim a gente... A prioridade maior é também é o acompanhamento escolar eu acredito neh? Que a gente acompanha elas a fazer as pesquisas, ensina, acompanha as dificuldades. Temos esse ano a Irmã O. que ela é formada em matemática e as meninas tem muita dúvida em matemática neh? Então ela tá assistindo bastante as meninas neh? Na parte da matemática. Temos também as pensionistas, uma ou duas pensionistas que ajudam nas dúvidas de inglês que a gente num sabe muito neh? Nas outras coisas a gente ajuda. Pesquisa de computador também neh? A gente ajuda elas. Ajuda a fazer os cartazes e aquelas coisas todas. E também a parte do trabalho manual neh? Acho que tem essa idéia de ensinar pra elas alguma coisa pra aprenderem e no futuro quando não estiverem mais aqui, se interessarem elas ajudariam a mãe ou tarem aprendendo alguma coisa neh? Pro futuro, pra elas mesmas.

Outras atividades que a gente tem é a parte de educação física neh? Educação física. Temos as estagiárias do Ceub. Elas vêm, a gente explica como e que é. Então elas tão vindo segunda, terça, quarta e quinta. E fazem atividades físicas com as meninas neh? Então já conta pra elas neh? Como uma atividade maior, pra num ficar só na sala estudando ou só brincando assim de qualquer jeito. Então uma atividade mais orientada. Como tá tendo educação física então já toma a parte do espaço do recreio e como são atividades de brincadeiras então já inclui. Aí volta da educação física mais ou menos dez e meia então já é hora do banho. Aí lá na minha sala tem dois banheiros neh? Então eu... Quando mais tempo eu deixo cada uma tomar sozinha assim. Mas to sempre ali ajudando colocando o shampoo na mão. Ajudando a esfregar os cabelos. Aquela coisa toda. Cuidando pra num demorar, pra num

ficar com o chuveiro ligado demais e sempre falando neh? Algumas são mais enroladinhas tem que da um puxão de orelha. Mas ae... Vão tomando sempre banho. Depois eu ajudo a pentear os cabelos. Tem umas que tem uns cabelos muito difíceis e eu ajudo a pentear os cabelos. E falo você tem que cuidar mais do seu cabelo. Tem que se cuidar. Você tá ficando mocinha. Então elas vão pegando isso neh?

Na hora do almoço também é um caso sério neh? Porque a gente fala. As coisas que vocês tem aqui a gente ganha. Então a gente fala dessa importância de tá comendo o que é bom pra saúde. O que é bom pro corpo. E também a gente procura conscientiza elas que comida num é pra se jogar fora. Que tem crianças aí que tão passando fome. E até elas mesmas quando tem uma que num quer comer fora elas falam “Você num sabe que tem criança por ai que passa fome? Come!”. E tem umas que enrolam... “Aí num gosto disso, num gosto daquilo! Oh você num gosta, mas faz bem pra saúde. Então você faz assim você põe na boca, põe um pouquinho de arroz, põe na boca e engole rapidinho que você num vai nem sentir o gosto.”. Aí elas faz isso, mas tem umas que dão um trabalho danado pra comer. Eu falo só libero de você não comer se sua mãe vim e falar aqui que o médico falou que faz mal. Senão só porque você num gosta, eu também como coisa que num gosto. Aí elas vão comendo.

Tem a parte dos ofícios que a gente fala neh? Que lá na minha sala é varrer a sala, passar o pano e enxugar o banheiro... Puxar a água do banheiro e secar e limpar as mesas. Aí de uma ou duas semanas eu troco. Ah tem também lavar os copos e os pratinhos do café. São elas que fazem neh? Duas lava, duas seca. E depois do banho uma sobe as cadeiras, sobe e desce as cadeiras. As outras duas varrem. As outras duas secam o banheiro e mais duas jogam os papeis da sala fora neh. E eu to sempre junto com elas neh? Um dia eu ajudo uma, outro dia eu ajudo outra. Oh a sala você limpa assim começa pelos cantos, tem que varrer debaixo da mesa. Debaixo dos cantinhos. Aí sempre falando pra elas. Porque é importante você fazer isso bem pra você ajudar a sua mãe e também futuramente quando você tiver a sua casa ou você for ajudar alguém. Você saber fazer alguma coisa. E elas vão aprendendo. Tem umas que eu sempre elogio e elas procura fazer sempre cada vez melhor neh? Agora tem umas que são mais lerdinhas neh? A gente tem sempre que ficar fulano o ofício. Fulano vamo lá que eu te ajudo. Mas corre bem.

Nós temos as festas das mães que nos fazemos com elas neh? Elas fazem coreografias.

Elas fazem a gente ajuda. Canta musiquinha. Leem poesia. A gente da de presente pras mães os trabalhos manuais que elas fazem. As mães gostaram muito até agora dos trabalhos que a gente deu. Outra festa que a gente da uma ênfase maior é a festa dos Sagrados Corações que é da nossa congregação. A gente procura fazer uma missa. É chamar um padre falar um pouquinho. Tá falando também dessa espiritualidade pra elas neh? Sobre Madre Eugênia neh? Que a nossa fundadora. Elas sabem já bastante.

E depois a festa das crianças. É a festa das crianças. A gente então... A Irmã sempre faz uma festa pra elas. Tem uma pensionista Maristela, que sempre gosta de trazer um pular-pula, um algodão doce. Ano passado elas gostaram muito. Que a gente fez isso. E a Irmã fez a comida que elas gostavam, aí depois ainda fizemos banho de mangueira. E elas gostaram e ficaram... Gente, mas foi festa demais. É a Irmã sempre da um presentinho. A Irmã conseguiu uma doação de bonecas Barbie. Então cada uma ganhou uma. Pra elas foram o máximo neh? Aí depois temos... Acho que é a festa de Natal do final do ano. A gente já tenta fazer com elas também. A festa junina como tem a festa do Sagrada Família e cada uma faz na sua escola. Páscoa também. Então a gente não faz aqui neh? É mais esses pontos assim.

E sempre nessas comemorações maiores a gente procura tá falando com elas. Oh gente é dia disso. Vamo falar sobre isso, faz um desenho, faz alguma coisa. Pra tá se inteirando disso.

4. Como é a relação com as crianças?

A relação com elas é que assim elas gostam, eu vejo que elas gostam muito de tá aqui. E elas gostam de fazer essas coisas. Quando fala que vai ter festa das mães elas já se animam. Ah vamo dançar isso, vamo dançar aquilo. A Irmã da idéia. Agora mesmo nós fizemos a festa das mães. Então tava um pouquinho em cima neh? A nossa programação... Então foi uma das meninas e falou Irmã eu quero fazer. Aí pegou uma música e criou uma coreografia e criou os passos. E as outras aceitaram e ficou muito bunitinho neh? Então...

Também esse cuidado que a gente tem com as crianças neh? A gente fala assim que a gente num é mãe biológica, mas de certa forma a gente se torna. Fica com mãe. Por exemplo, eu fico com ela de manhã, aí depois tem que levar na escola, tem que acompanhar. Aí tem algum problema na escola as coordenadoras ligam pra cá, falam com a gente. Perguntam como é que tá. Se tá passando mal na escola a gente tem que buscar. Vê que que é. Põe

termômetro, da um remedinho. Liga pra mãe. Fala oh fulano tá com febre, depois passa pra buscar. Então a gente tem que tá cuidando. Então é essa a relação também assim. Boa relação.

E com a Irmã L. também principalmente essas que saíram, esse último grupo que saiu acho que de seis neh? Que saiu agora, que elas tinham conhecido a Irmã e tinham convivido de certa forma foi bem difícil pra elas neh? Tanto que quando a Irmã L. tava internada no hospital a gente tava sempre rezando com elas, pedindo por ela. E elas rezavam... Elas que pediam pra ir na capela. Elas pediam pra rezar. Elas pediam pra fazer oração neh? Então quando a Irmã L. faleceu elas vieram no velório da Irmã. No enterro. Então sofreram muito neh? Então assim cria esse laço afetivo neh? Porque a Irmã já tava aqui há muito tempo neh? Então elas conheceram ela bem. Essas d'agora até que, principalmente as menores, num conheceram. Algumas maiorzinhas ainda conheceram, mas as que saíram foi a que tinha mais esse vínculo. E eu vejo assim as que saíram quando encontra elas “Ai que saudade Irmã!” Vem almoça aí. E fica um tempão conversando até que vai embora e aquela hora elas sentem muita falta neh?

5. Tendo em vista que essa ação prioriza crianças de camadas populares e possui também um aspecto assistencialista como se dá a perspectiva da relação dos valores cuidar e educar?

É eu vejo assim que... Vejo e penso ne como hoje em dia é difícil pros pais cuidar e educar os filhos. Porque a gente fala eu não sou mãe, mas eu to aqui tenho que cuidar. E a gente tem que cuidar e educar de certa forma. Por quê? A gente coloca elas na sala pra brincar. Aí uma “Ah fulano tá fazendo isso, fulano tá brigando, fulano tá me batendo...” então você tem que cuidar pra que elas não se machuque, pra que tudo corra bem. Mas ao mesmo tempo você tem que tá orientando pra elas serem amigas, dividirem tudo. Dividir as coisas, respeitar uma a outra. Num gosto que coloque apelidinho. Eu falo cada uma aqui tem um nome. Então vamo chamar pelo nome. O zelo pelas coisas. Então eu acho que aí a gente também tá cuidando e também tá educando. Principalmente no cuidado com elas, com os colegas e com as coisas que elas tem neh?

6. Existem atividades que a família participa junto ao Instituto?

Sim. As atividades que a gente faz fora as datas comemorativas, a gente tem... A gente fala que é o dia de formação pras mães neh? Agora dia vinte e nove mesmo nós vamos ter o sábado de formação. As mães vêm pra cá de manhã. Aí nós conseguimos uma pessoa

consagrada pra falar do dom de ser mulher, de ser mãe. E também uma psicóloga pra falar também sobre problemas, esses problemas corriqueiros do dia a dia. E depois temos... A gente faz atividades. Fazemos dinâmicas, colocamos elas pra brincar. Pra se diverti, se distrair e isso a menina preparou o almoço. Elas se sentem bem. Elas não precisam lavar os pratos. Que lá elas dizem “A gente tem um dia de princesa. Porque a gente vem pra cá, escuta coisa boa, aprende coisa boa. Descansa e nem precisa lavar os pratos.”. Então a gente procura sempre tá procurando assuntos assim que elas possam se informar neh? Falar sobre a Bíblia, sobre a educação dos filhos, sobre ser mulher, como ser. Então é... No final sempre encerrar com uma missa que a gente vê como a gente é uma instituição religiosa tá também incentivando elas pra procurar Deus. Procurar uma religião. Porque neh? Então tem esses momentos de formação. A gente procura fazer frequentemente.

7. Como o Instituto pode mudar a trajetória da educação dessas crianças?

Eu acredito que a permanência e a estada delas aqui na nossa instituição vai acrescentar pra elas, não que elas não tenham, mas valores morais. Valores religiosos. A importância de buscar Deus. Porque muitas vezes lá fora a gente pergunta “Você foi à missa? Não!”, Ah minha mãe foi na casa de fulano, foi fazer isso, foi fazer isso num deu pra ir à missa. Então aqui a gente tá sempre incentivando elas buscarem Deus. Assim tá certo que aqui o estudo e as outras coisas também são importantes. Mas a gente procura colocar e acho que o mandamento em prática neh? Amar a Deus sobre todas as coisas. Então eu acho que isso é que o que a gente oferece neh? Valores morais religiosos.

Procura incentivar elas nessa parte. E acredito que além desses valores a gente procura mostrar pra elas a importância dos estudos pra conseguir um bom trabalho futuramente. De ser uma pessoa íntegra. Pra conseguir viver nessa sociedade hoje. Porque se a pessoa num tem estudos, num é bem formada ela num consegue nada neh?

8. O que você pensa de “ações afirmativas”. Você reconhece nas ações do Instituto *ações afirmativas*? Em quê?

Como assim ações afirmativas? Sim eu acho que sim. Porque se é dever do Estado oferecer educação, saúde e tudo isso. Mas muitas vezes fica um pouco falho neh? Por exemplo, as meninas que estudam na escola pública elas têm direito a psicólogo neh? E parece que eu num sei bem, mas parece que tem um lugar que marca isso. Mas as mães

mesmo coloca a dificuldade que tem “Eu vou pra marcar e diz que num tem vaga, que tem uma fila enorme.” Então aqueles direitos que elas têm às vezes ficam restritos a poucos. Num são todos que tem. Então eu acho que tudo que a gente faz aqui, se precisa de algo a mais. Se a Irmã vê se esforça de vê alguém que possa conseguir pra ajuda-las. De tá sempre fazendo o melhor pra ajudar e eu acho que essas ações são afirmativas neh?

Apêndice 10. Roteiro II – Entrevista Irmã (I3) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Formação:

1. Qual a proposta do Instituto?

A proposta aqui seria sempre ajudar, promover. Ajudar as pessoas crescerem. Então a criança... Fazer com que a criança cresça, desenvolva e tenha assim todos os aspectos assim da pessoa integral. Como dizia a fundadora. A promoção da mulher, que a fundadora já fazia isso em mil e oitocentos. Promoção da mulher. Fazer com que a mulher se desenvolva, seja capaz de também gerar rendas. Não ficar dependendo simplesmente do marido.

Depois o acolhimento da família, crescimento da família. Estabilidade da família. Objetivos que chama. Tem o estatuto que vale no Brasil, pra todas as obras que fazemos no Brasil. O estatuto da congregação, da sociedade. A congregação se chama “Congregação das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria”. Ali nós temos as constituições que são as regras pras todas as Irmãs do mundo inteiro, depois cada nação. No Brasil nós temos o Instituto que vai entrar de acordo com essas constituições e com a constituição do Brasil. Nós temos que fazer neh? De acordo com as regras, com as constituições, as leis do Brasil. Então nós temos o estatuto. Pois cada instituição tem seu regimento interno. As escolas seu tem regimento interno que é baseado justamente na lei. Nas constituições que nós temos, da do Brasil, estatuto que nós temos e depois seguir as regras para educação.

Pra nós aqui nas crianças, a gente falava mais em assistência social. Segundo a nova lei, a nova lei... Nós temos assistência social e educação. Eles não separaram. A lei do mês de novembro de 2009. É doze mil, mas eu não me lembro o resto neh? Que a lei dividiu que antigamente tudo dependia de CNAS. A partir dali foi dividido, separado. O Ministério da

educação ia cuidar também das obras beneficentes referentes à educação. A saúde as obras beneficentes à saúde. Ambulatório, hospitais. E assistência social ia pro MDS, Ministério do Desenvolvimento Social, que seria o nosso caso neh? Aqui em específico. Como a congregação tem várias obras. Tem escola, assistência social e tem obras... Como diz? Independentes como a casa de Banabuiú, Ipagiú. Que não tem uma obra específica, que as Irmãs tão a serviço da educação daquele povo, então eles acharam... Puseram primeiro no Ministério do Desenvolvimento Social.

Quando eu comecei a acompanhar o processo, como estava... Eles já tinham transferido para o MEC. Pra educação porque o Lar querendo ou não faz parte da educação também. Se você, por exemplo, tá aqui é porque eu fui teimososa.

2. O Instituto se configura como uma creche? Por quê?

Creche eu não classificaria como uma creche, porque creche na nossa mentalidade creche é criança quando ainda é pequena e nós pegamos aquela fase que é a que Brasília mais precisa. Que eles ainda não consideraram. Colocaram nome. Eles colocam nome assim é obra contra turno. Um turno a criança tá na escola outro turno está aqui. E não considero uma creche, mas uma ajuda uma proteção. Porque se muitas crianças não estivessem aqui estariam aonde? Na rua. Porque muitas mães o pai, a mãe tão trabalhando. Os filhos ficam em casa às vezes sozinhos e acabam...

Tanto que o CDCA, que é o Conselho de Direito da Criança, quando veio aqui fazer neh? Inspeção, a cada três anos eles vem. Então ele falou “Irmã essa obra podia crescer, podia aumentar!” porque é isso que Brasília tá precisando. Então diverge da creche no que refere à idade. Só isso. Porque creche em geral considera menos de quatro anos neh? De quatro anos para baixo. Enquanto que nós pegamos na fase escolar, quer dizer que a creche já não pega mais é que nós pegamos. Que nós achamos a Madre Carla principalmente na época achou que era a fase que tava mais precisando na época e fundadora que quando começou a congregação ela foi procurar aquelas que na época estava precisando.

3. Quais atividades são proposta no Instituto?

Tem o acompanhamento escolar. Tem a parte de... Como diz de alimentação neh? Alimentação saudável, alimentação firme. E não só comer o que gosta que é uma luta que você acompanhou neh? Além do acompanhamento escolar e que elas tem esse

acompanhamento que vá progredindo. Que elas vejam o futuro, não só aquele momento. E depois desenvolvimento da mulher. Que a Mãe tinha muita preocupação com isso. Que a pessoa se desenvolva neh? Como mulher na sua atividade como mulher, na sua missão como mulher. Que é cuidar, é ser delicada, é ajudar, que é ver neh? ...À frente. Depois a aprendizagem de pequenas coisas que possa ajudar mais futuramente sua renda, com os artesanatos neh?

4. Como é a relação com as crianças?

Estamos ali diante... Aquela pessoa está ali diante de nós. Que Deus colocou na nossa mão para a gente ajudar a crescer e não ficar na parte assistencialismo que nós damos tudo que isso aí é contra o produtivo.

5. Tendo em vista que essa ação prioriza crianças de camadas populares e possui também um aspecto assistencialista como se dá a perspectiva da relação dos valores cuidar e educar?

Caminham junto. Todo momento da vida é educação e cada vez que você está tentando educar você está cuidando não é? Ajudar a ter valores. Ajudar a aceitar o que está tendo.

6. Existem atividades que a família participa junto ao Instituto?

Sim. Têm encontros, reuniões em que são participados neh? No conjunto pra todas. Depois o encontro individual com cada mãe. Porque cada criança é única. É diferente. Então não pode ser todos os problemas, todos os assuntos globais. Tem encontro que é só é individual, específico neh? Com a mãe. E fazemos também encontro de formação. Além das reuniões formativas neh? Que quando você estava já fazia neh? Encontro de psicólogas, encontro de médicas, de médicos que davam orientações e tudo. E nós continuamos a fazer esse trabalho. E além... Fazemos mais.

Então no domingo, pelo menos no semestre, elas passam o dia todo aqui. Então vem a formação neh? Que a gente prioriza certos aspectos. Então vem uma senhora e depois vem uma psicóloga pra orientar as mães como cuidar da sua filha. E depois a mãe pode entrar em contato com essa psicóloga, com essa pessoa que vai dar a palestra para ajudar na sua... Na formação de sua filha que às vezes tá tendo dificuldade. E para algumas mães como foi feito a primeira vez elas saíram gritando hoje tive um dia de princesa. Porque elas ficam neh? Elas

fazem... Participam de tudo e depois elas falam como é gostoso. E não cansam neh? Descansam. É um dia diferente. Um dia que eu orientei eu falei “Hoje nós não vamos falar nada de filho. Hoje não vamos falar nada, hoje você vai pensar em você. Quem é você.” Porque toda vez é aquele problema neh? É a criança e como tem que tratar a criança... Falei: não hoje vocês vão falar quem sou eu? Mas gostaram...

7. Como o Instituto pode mudar a trajetória da educação dessas crianças?

Trabalhando junto com a criança e com os pais, com a família. Se não tem contribuição da família, você não pode fazer nada. Tinham uma criança aqui que deu muito trabalho. Chamei psicólogo, chamava doutor, mas a mãe não cooperava. E a menina dava muito trabalho. Ela agredia as meninas, ela queria sair. E a psicóloga diz “Irmã não tem como fazer algo com essa criança, porque não tem ajuda da mãe.”. Eu creio que muda. Muitas meninas a gente viu mudando. Muitas meninas a gente viu mudando neh?

Mesmo essas que estão aqui a gente vê o progresso daquelas que vão melhorando, que vão tomando... Vão tomando consciência. Vão aprofundando no estudo. E a família também até financeiramente. Porque a Irmã da orientação. Não vai comprar caderno da Xuxa se aquele caderno simples você faz a mesma coisa. Então vai educa-la neh? Na economia. Então às vezes financeiramente crescem.

8. O que você pensa de “ações afirmativas”. Você reconhece nas ações do Instituto *ações afirmativas*?

No nosso trabalho mesmo que seja particular ele deve acompanhar a política pública. A gente acompanha. Nós estamos sempre fazendo... Cada ano a gente faz um projeto e sempre adaptando essas políticas públicas que governo está querendo. Naquilo que é possível também que não vai contra os nossos conceitos. É nós fazemos passeios neh? Que, por exemplo, muitas ano passado nunca tinham entrado na Catedral. Então a gente leva neh? Pra conhecer, pra explicar o que que é. Inclusive no ano passado fiz o projeto depois não deu certo neh? Que era pra levar elas lá no Memorial JK. As grandes neh? Que primeiro elas foram. Todas. Foram na Catedral, foram no Dom Bosco, passaram lá em cima, foi tudo mostrado, foram no palácio e tudo neh? Faz parte neh? Conhecer a própria cidade.

Depois a inclusão assim do que nos fazemos aqui. Então quando tem esses encontros neh? A gente faz festa mesmo. Como agora sempre traz a piscina de bolinhas, o pula-pula e

tudo. Então elas ficam a manhã toda na véspera do dia da criança, ae atarde elas participam a também na escola e tem o dia da criança que a mãe que leva neh?

Apêndice 11. Roteiro III – Entrevista Egressas do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade:

1. O Instituto contribuiu pro seu desenvolvimento integral?
2. Quais atividades marcaram sua vivência no Instituto?
3. Como era a relação com as crianças e com as freiras?
4. O Instituto possibilitou mudança na sua trajetória educacional, como?

Apêndice 12. Roteiro III – Egressa (E1) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 21 anos.

1. O Instituto contribuiu pro seu desenvolvimento integral?

Sim. Em questão de valores. Vê as pessoas como iguais, sem desigualdade. Aprender que todo mundo é igual. Aprender que preconceito é besteira que não existe isso. Como eu já disse todos nós somos iguais principalmente perante a Deus.

2. Quais atividades marcaram sua vivência no Instituto?

As atividades em grupo. Passeios e tal. É... Até a igreja. As amigas que a gente fazia. Até de trabalhos manuais. De trabalhos domésticos que a gente aprendia e tal. Basicamente isso. As apresentações que a gente fazia pra mães. Eu achava muito legal. Minha mãe ficava muito emocionada. Eu gostava.

3. Como era a relação com as crianças e com as freiras?

Era boa. Principalmente com as Irmãs. As Irmãs procuravam escutar se tinha algum problema em casa. Sentava e conversava. Procurava mesmo levar os pais. Saber como é que tá a situação em casa. Mais assim.

4. O Instituto possibilitou mudança na sua trajetória educacional, como?

Sim. Influenciou porque eu tive uma excelente alfabetização. E isso reflete na minha vida até hoje. Eles lá me deram a oportunidade de ter uma excelente alfabetização e isso reflete na minha vida até hoje. É culturalmente, alfabetização, alimentação, em relação à educação, em relação a tudo isso as Irmãs investiam na gente.

Apêndice 13. Roteiro III – Entrevista Egressa (E2) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 23 anos.

1. O Instituto contribuiu pro seu desenvolvimento integral?

Em absoluto. Não poderia fazer uma comparação com aquilo que nunca aconteceu, porém sempre me vejo questionando a respeito de um provável destino sem a creche. Acredito que muitas das oportunidades com as quais me deparei até este momento estão diretamente ligadas às experiências que tive nas Irmãs. Essas experiências cotejam desde a minha formação educacional, a educação alimentar, a vivência social e construção de caráter, minha atual relação com a religião, dentre tantos outros aspectos.

Fui uma das crianças que mais tempo estive lá na minha época – dos meus 07 anos até os 14. Levando em consideração esse fato e que sou filha única cujo contato familiar se restringe à minha mãe, a vivência em um ambiente com as características do Lar possibilitaram me desviar de um futuro mais ou menos definido pelas circunstâncias de meus contatos familiares – uma vida marcada pela individualidade, pelos vestígios positivos e negativos de uma relação materna que privilegia a concepção de dar ao filho o que nunca a genitora teve de maneira incondicional e de negar-lhe os obstáculos já percorridos. Em síntese, poderia ter sido mimada em demasia, com riscos de uma possível autocondenação à exclusão social.

No lar, até por suas intenções filantrópicas, havia um grande número de meninas em situações socioeconômicas das mais diversas, algumas em condições realmente complexas. Com elas pude vivenciar sob uma perspectiva muito infantil e inocente problemas de complexidade assustadora para um adulto, como por exemplo, abuso infantil, situações de quase abandono e, inclusive, de maltrato e violência contra crianças de minha idade e com as quais convivía no cotidiano.

Não tinha muita consciência de toda essa situação na época, porém a lembrança desses

fatos me faz refletir hoje em dia a respeito das injustiças sofridas por crianças e como elas as encaram. Não me recordo muito bem dos fatos em pormenores, pois o medo na época me afastava da procura por detalhes mesmo estando na minha frente. Me lembro sim da forma como as Irmãs lidavam com as crianças que estavam nessa situação, sempre de forma muito humana e em defesa dos direitos infantis. Dois casos que vêm a mente são os de uma menina esfaqueada pela mãe na cabeça e de uma que havia sido presa após o período em que estive com as Irmãs. Em ambas as ocasiões, as Irmãs, mesmo sem nenhum vínculo compulsório de responsabilidade como no último caso, foram à defesa das meninas. Infelizmente, não me recordo das circunstâncias e das formas de defesa das Irmãs, porém não me esqueço de seus semblantes preocupados.

No geral, foi muito importante ter contato com as meninas que lá estiveram. Contudo, o mais fantástico foi ter acesso a dois mundos completamente diferentes, quiza opostos, proporcionado pelo Lar. Como as Irmãs tinham um acordo com o colégio Sagrada Família, algumas meninas, por estarem na creche, eram matriculadas na escola particular, e eu fui uma dessas privilegiadas. E o mais intrigante nesse contexto todo é que, durante o dia, eu vivia em um ambiente completamente diferente, onde, dentre as meninas da creche, eu era vista como uma das que tinham melhor condição de vida, não porque minha mãe tivesse um bom emprego com um salário razoável, mas porque simplesmente minha mãe fazia de tudo para me oferecer os bens materiais que considerava necessários para o meu desenvolvimento.

Na creche, nós vivíamos intensamente, brincávamos, dividíamos as angústias de crianças que tinham uma rotina puxada se comparadas a de outras, como as do colégio. Enquanto isso, à tarde, na escola, eu era vista como a menina bolsista, não que eu tenha percebido algum tipo de preconceito social vindo por parte dos outros alunos, entretanto havia sim uma diferenciação de classe sutil. Para falar a verdade, percebi que, se havia alguma distinção por minhas origens, esta vinha dos próprios professores e da direção do colégio. Meus colegas eram muito compreensivos pela minha situação. Quando não tinha dinheiro para participar de alguma festa, eles facilitavam da forma que podiam para que eu estivesse junto deles, gentil e ingenuamente.

Então, foi nesse ambiente dicotômico, vivido diariamente, que fortaleci meu caráter e acredito que aumentei minha autoestima, por estar adaptada a ambientes diversos e saber sobrepor minhas idéias e minhas amizades a minha condição socioeconômica, seja ela qual fosse. Nas Irmãs, convivía com crianças em situação de risco e com um histórico muito mais

sofrido que o meu e, no colégio, me deparava com um estilo de vida completamente divergente do meu, em que não havia empecilhos financeiros para a educação e formação cultural das crianças.

Enquanto de manhã conversava a respeito da dificuldade de conviver sem um dos pais e do transtorno de pegar ônibus lotado todo dia, à tarde ouvia os relatos das férias na Disney, de viagens inesperadas, de brinquedos recebidos. Enquanto de manhã acompanhava as conversas das Irmãs sobre a situação de vida de algumas meninas que não tinham comida garantida na mesa e que não podiam entrar na creche por não haver vaga, à tarde conversava a respeito de algum ídolo infanto-juvenil e conversava furado a respeito de programas de televisão preferidos. Todo esse contexto, portanto, não foi só importante para mim, vou mais além e estou convencida de que serviu para uma análise mais aprofundada por parte de meus colegas do colégio, principalmente das amigas mais íntimas, de assuntos aos quais, como crianças, não estavam expostos, como a desigualdade social e suas implicações no futuro de crianças. Digo isso porque eu era conhecida como uma das alunas mais aplicadas das classes em que estive no Sagrada Família e, por muitas vezes, fui abordada pelo pai dos meus amigos que vinham me parabenizar pelo meu esforço e colocavam-me inclusive como um exemplo a ser seguido por seus filhos, mas isso é um assunto aparte – nunca creditei a mim um valor maior por ser diferente.

Outro assunto no qual me vejo atualmente ainda em pleno debate, mas que teve seu início despertado também no Lar é a questão da alimentação, o desenvolvimento de uma consciência alimentar. Nesse aspecto, admito que minha mãe tem grande parcela de influência, por me disponibilizar a melhor alimentação possível. Hoje, sou uma ovolactovegetariana em conscientização e em processos de aperfeiçoamento. Quero futuramente abdicar de alguns itens do meu cardápio que considero serem supérfluos, mas que psicologicamente não tenho condições atuais de abandoná-los para sempre.

Na creche, nossa alimentação era bastante balanceada, sempre com a inclusão de vegetais, alguns plantados na horta das Irmãs, e de frutas da estação retiradas do pomar por nós mesmas. Havia também o galinheiro, com galinhas e coelhos como futuras vítimas das cozinheiras da creche. Apesar de hoje não concordar com o consumo de carnes e, conseqüentemente, com a metodologia de abate, as Irmãs me ensinaram na força a degustar de alguns itens essenciais na alimentação e a comer regradamente, sem excessos e sem frescuras.

Também poderia acrescentar a influência do Lar na minha vida espiritual. Por muito tempo, fui obrigada a seguir a liturgia católica apostólica romana. Não tinha muito gosto pela religião, detestava as missas, sábado de catequese era quase uma tortura, mas como água mole em pedra dura tanto bate até que fura, me impregnei com o sentido moral da religião e com os ensinamentos macros. Não sou católica e considero que alguns pontos da Igreja Católica são bastante discutíveis, mas a austeridade espiritual, a crença em Deus e a redenção através do bem permaneceram impregnadas em meu espírito, de forma que hoje estou à procura da maneira que faça sentido para mim e que me realize espiritualmente.

Acredito que o desenvolvimento espiritual é um dos principais alicerces da busca pela felicidade. Bem, de uma forma sucinta, a maior contribuição da presença das Irmãs na minha vida foi a de um amadurecimento precoce, em que me foram oferecidas várias oportunidades de desenvolvimento educacional as quais, provavelmente, não teria acesso.

2. Quais atividades marcaram sua vivência no Instituto?

Outra influência positiva das Irmãs Ravasco foi a disciplina e o rigor com que encaravam as atividades do dia-a-dia. Não estava acostumada a este tipo de austeridade e compromisso com os deveres, mas, durante o período em que lá estive, me acostumei e consigo, agora, perceber as vantagens de se programar todas as atividades em horários rigorosamente definidos. Hoje, infelizmente, não consigo retransmitir esse valor para minha vida um tanto desorganizada, mas sei dos benefícios e como o fazer, o que já é de grande valia.

Resumidamente, poderia descrever nosso dia na semana da seguinte forma: chegava à creche por volta das 9h e ia direto para a sala de estudos. Lá, até às 11h, fazia os deveres da escola e estudava. Tínhamos sempre a companhia de uma freira, que estava à disposição para nos ajudar. Para falar a verdade, não recorria muito frequentemente a esta ajuda, de forma que resta prejudicado qualquer juízo de valor a respeito de sua influência no meu desenvolvimento educacional restritamente formal. Mas só a sua presença já dava um apoio a todas e sempre via a Irmã auxiliando as outras meninas, com especial atenção sempre àquelas que tinham maior dificuldade.

Tínhamos um intervalo de uns 30 minutos, depois do estudo, para recreação. De longe, esta era a atividade que mais gostava. Uma das grandes vantagens de estar nas Irmãs era o espaço físico que tínhamos para brincar, correr, explorar. Era muito grande, tinha um parque com espiroball, balanço, playground, mesa de tênis de mesa, gangorra, roda, muitas árvores,

uma quadra de esportes, com equipamentos para vôlei, uma rampa, dentre outros. Esse era o espaço destinado às crianças, mas havia outros que costumávamos ir mesmo sem permissão, como a horta, o galinheiro, a casa do Seu R. (espécie de zelador geral do Lar), a capela, o pensionato, dentro outros também.

Todo dia, praticávamos esportes e atividades físicas. Pode-se imaginar a diferença desse mundo disponível para você livremente vagar e de um espaço como minha casa, uma quitinete em cima de um comércio, que deveria ter uns 15m², praticamente um confinamento para uma criança. Posso dizer que aproveitei muito dos espaço para brincar e me machucar também. Após esse breve relaxamento, íamos para os trabalhos manuais.

Havia um espaço, onde aprendíamos várias técnicas de trabalhos artesanais, desde crochê, tricô, pintura, montagem de bonecas de porcelanas, etc. Eram tantas as atividades desenvolvidas que reconheço minha incapacidade de lembrar ao menos metade dos trabalhos aprendidos. Poderia ter desenvolvido mais essa aptidão, mas hoje abandonei completamente a prática. De vez em quando, ainda compro algumas linhas e agulhas, mas a falta de tempo torna simplesmente impossível terminar qualquer que seja o trabalho. Mas, mesmo sem praticar, é um dos meus orgulhos dizer que sei fazer uma bolsa de crochê por exemplo. Me considerava realmente boa nos trabalhos manuais, mas eram muito cansativos e o fato de serem obrigatórios em uma fase complicada como a puberdade, não ajudava muito na minha afeição pela atividade.

Mas hoje considero de grande valia para mim esse conhecimento e creio na necessidade de acrescentar na educação integral das crianças técnicas de trabalhos manuais e ensinamentos culinários também (nem em casa nem na creche aprendi a cozinhar, mas sinto falta desse conhecimento imensamente na minha vida). Bem, após o trabalho manual, íamos almoçar no refeitório. Conforme já descrevi, tínhamos à disposição uma variedade de alimentos e um prato na maioria das vezes bastante nutritivo e colorido. Eu não era das que davam muito trabalho para comer, mas muitas das meninas não podem dizer o mesmo.

Terminado o almoço, as mais novas tomavam banho e íam para a sala de estar assistir TV enquanto aguardavam o momento de ir para a aula e as mais velhas, a partir de uns 09 anos, ajudavam na limpeza da creche antes de se banharem e irem para o colégio. Não me lembro de estar no grupo das mais novas. Desde que cheguei na creche, sempre ajudei na faxina, às vezes de maneira mais leve, às vezes mais pesada. De tempos em tempos, havia a divisão das duplas que ficavam responsáveis de limpar um determinado lugar em que

estávamos. Passei por todos: o refeitório, a área pequena, a área grande, os banheiros, os corredores, a sala de estar, a sala de estudos. Os mais temidos eram sempre os banheiros e o refeitório.

Após a limpeza, fazíamos fila para tomar banho e assim seguíamos para o colégio. As Irmãs levavam de van as meninas que estudavam em colégio público, mas como sempre estudei no Sagrada, enquanto lá estive, seguia a pé e bem depois de todo mundo, já que era realmente ao lado do Lar, levava uns 2 minutos de distância. A vivência na escola é um caso à parte. Ir para um colégio particular como bolsista te propicia coisas muito boas, mas também outras constrangedoras. Entretanto, o balanço é ótimo. Acabadas as aulas, retornávamos às Irmãs para jantar e esperar nossas mães chegarem. Como minha mãe trabalhava em ritmo de cumprimento de cota em uma loja de beleza e cosméticos, era uma das últimas a irem embora. Isso normalmente às oito ou nove da noite.

Além dessa rotina, tínhamos periodicamente festejos organizados pelas Irmãs, sejam reuniões de pais ou comemoração de alguma data festiva nacional, como dia das mães, natal, entre outros. Nessas reuniões, a maioria dos pais na verdade eram mães. Aproveitávamos para aproveitar a presença de todas para brincarmos mais ainda. Porém, como essas reuniões eram noturnas, as brincadeiras mudavam de cor e tornavam-se mais macabras. Utilizávamos do espaço externo muito extenso para dar asas à imaginação e inventar desde estórias de carochinha a de terror.

Fui a única menina que podia ficar aos sábados nas Irmãs, por um acordo entre elas e minha mãe. Durante esse tempo que ficava sozinha, aproveitei para ler alguns livros da biblioteca particular das Irmãs, para assistir alguns filmes. Como precisava me manter entretida e não dar trabalho, as freiras me disponibilizavam acesso a esses itens culturais (literatura e entretenimento), fator pelo qual estou eternamente agradecida.

Eram reservados também momentos propícios para orações, missas, ensino religioso, cânticos litúrgicos e meditações.

Por fim, às vezes, acontecia algum passeio em grupo nas semanas ou sozinha aos sábados. Como eram raros, contudo, tenho pouco armazenamento na memória para discorrer a respeito deles. Fui desde passeios à exposições culturais até a monumentos ou ponto turísticos de Brasília, como o catetinho, a Catedral, entre outros.

Essas atividades favoreciam a imaginação e desenvolviam aptidões físicas e sociais, que consigo dar valor agora que estou mais velha. Fazendo o retrospecto de toda a divisão de

tempo e das atividades que era praticada na creche, percebo que é de uma coerência e de um aproveitamento temporal que poucas pessoas podem se orgulhar de terem gozados em suas infâncias.

3. Como era a relação com as crianças e com as freiras?

A relação era muito boa tanto com as crianças quanto com as freiras. Com as crianças, a interação era de coleguismo, brincávamos, brigávamos, ríamos, chorávamos, com algumas alimentava uma amizade mais forte, com outras apenas travava conversas rápidas. Com as mais amigas, tinha uma relação mais íntima e afetuosa, o que é normal, em que compartilhávamos as angústias e os desejos. Um dos assuntos mais recorrentes era a vergonha de sermos mais pobres do que os nossos colegas do Sagrada Família e do receio de que eles soubessem que nós estávamos em uma creche, com a idade que tínhamos. Havia a concepção que creche é coisa de criança. E as Irmãs Ravasco tratavam ainda de crianças carentes. O que piorava a situação, segundo nossos olhos na época. Então, por um tempo perdurou essa agonia de tentar esconder dos colegas do Sagrada nossa condição. Em vão.

Já quanto às freiras, a relação era conflituosa e ao mesmo tempo afetiva. Explico-me. Devido à falta de maturidade, não entendia a importância dos deveres e achava que tudo o que era compulsório era prejudicial a minha livre iniciativa. Assim, houve alguns atritos com as freiras, por personificarem essa imagem de austeridade, porém nunca fui desrespeitosa. Mas o que prevalecia era um carinho muito grande, principalmente da parte delas para mim e todas as meninas, principalmente para as mais travessas. Irmã (I3) era um anjo, não me lembro de ter a visto sem um sorriso no rosto. Irmã L., guerreira, seis vezes mais velha que nós. Tinha mais energia do que todas as meninas juntas. A Irmã M. era a tia. Tava lá de bedel, de professora, de corretora e de parceira na brincadeira. Havia também várias outras pessoas que ajudavam na manutenção da casa e que eram muito especiais com as meninas que ali estavam.

4. O Instituto possibilitou mudança na sua trajetória educacional, como?

Certamente. Depois de todo o exposto, acredito ter desenvolvido um pouco a respeito do papel decisivo do Lar na inserção de crianças carentes em um sistema educacional restrito a crianças de maior poder aquisitivo. O fato de ser uma das contempladas com certeza tem seu fator de influência pelo fato de eu ter, do ponto de vista canônico, um percurso educacional bem sucedido até o momento.

Hoje, aos vinte e três anos, estou completando meu curso de graduação na Universidade de Brasília e já vou completar quatro anos no serviço público, tendo ingressado

como concursada. Entretanto, além da perspectiva óbvia de estímulo à formação educacional e inserção em um mercado de trabalho altamente competitivo, essa experiência me possibilitou experimentações muito mais complexas, pois as pessoas com as quais convivi durante tanto tempo contribuíram para meu desenvolvimento pessoal e espiritual.

O Instituto, sustentado pelas Irmãs Ravasco, sem dúvidas, modificou a vida de muitas das meninas, garantindo alguns serviços essenciais a famílias carentes e proporcionando oportunidades de superação de dificuldades com a disponibilização do acesso à educação, ao lazer, à alimentação e à cultura que algumas famílias não tinham condições de dar a seus filhos.

Apêndice 14. Roteiro III – Entrevista Egressa (E3) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade: 21 anos.

1. O Instituto contribuiu pro seu desenvolvimento integral?

O Instituto Lar Madre Eugênia Ravasco teve uma contribuição bastante importante e significativa no meu desenvolvimento como pessoa. Contribuindo assim, com a educação social e religiosa, necessária para o crescimento e preparação de uma menina como uma futura cidadã.

2. Quais atividades marcaram sua vivência no Instituto?

Atividades como: educação, bordado, pintura, instruções de limpeza, recreação, preparação de datas comemorativas e ensinamentos religiosos. Todas essas atividades que tinham como propósito preparar meninas de baixa renda a integrar-se na sociedade de maneira igualitária, oferecendo o desenvolvimento de habilidades que seriam fundamentais para a formação do caráter.

3. Como era a relação com as crianças e com as freiras?

A relação que eu tinha com outras era uma relação normal de qualquer criança com outra. De maneira geral, um ambiente onde pude desenvolver grandes amizades, onde claro houve brigas recorrentes das diferenças. Aprendi o valor de compartilhar, da convivência, e os valores que cada ser humano possui, dentro da sociedade, concedidos por Deus.

4. O Instituto possibilitou mudança na sua trajetória educacional, como?

Eu poderia dizer que sim. Estudei no Instituto durante um grande período da minha infância (mais de 05 anos), uma fase onde a contribuição dos educadores é tão importante quanto a atuação da família na formação do caráter não só do indivíduo como aluno, mas como pessoa, dessa forma a atuação dos profissionais do Instituto ocupou um papel de suma importância na minha trajetória educacional e inclusive pessoal.

Apêndice 15. Roteiro III – Entrevista Egressa (E4) do Instituto

Caro (a):

Meu nome é Andreza Laleska Xavier de Carvalho. Sou formanda do Curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esta entrevista tem por objetivo obter algumas informações, as quais auxiliarão meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, cujo tema é a Ação Afirmativa, a instituição de educação, como instrumento da Pedagogia Inclusiva. Informo-lhe que por um compromisso ético essa entrevista não será identificada.

Idade:

1. O Instituto contribuiu pro seu desenvolvimento integral?

Sim. Lá aprendi vários valores como, por exemplo, a benevolência, devido ao fato de conviver com outras pessoas. Aprendi a desenvolver a criatividade desenvolvendo artes manuais, o respeito por estar em contato com as diferenças advindas de pessoas aparentemente iguais, a religiosidade que claro não podia ficar de fora já que se trata de uma instituição cristã, a organização e o respeito a prazos por ter horários para cumprir determinadas tarefas além de cumprir com os compromissos escolares. Sem dúvida, o Instituto contribuiu para a minha formação pessoal, até porque lá era minha segunda casa, e vale ressaltar que passei vários anos da minha vida lá, e em época importante, pois quando muito jovens tudo contribui para a formação de nosso caráter, acho que houve grande contribuição e com certeza positiva.

2. Quais atividades marcaram sua vivência no Instituto?

Desenvolvi várias atividades as quais gostei e levo até hoje, mas o que mais marcou foi o meu batizado em 1997. Sempre fui católica, porém quando entrei no Instituto eu ainda não era batizada, e por meio das "Irmãs" fui batizada no meu aniversário de sete anos. Gostava muito também das artes manuais, gostava de fazer pinturas em objetos de madeira, criar enfeites com biscuit, montar bijuterias, etc.

3. Como era a relação com as crianças e com as freiras?

Sempre tive boa relação com todos, tanto as freiras, as outras meninas e também outras pessoas que trabalhavam e moravam no Instituto. Lembro-me da **V.**, da **A.** e do Sr. **R.**

(que Deus o tenha), os funcionários do Lar.

4. O Instituto possibilitou mudança na sua trajetória educacional, como?

Bom, eu acredito que tenha me auxiliado, ou melhor, o Instituto me incentivou a dar prioridade ao cumprimento de minhas tarefas e ao estudo, no sentido de que eu tinha lá horários específicos para dedicar-me aos estudos e caso fosse preciso fazer algum trabalho escolar, tinha o auxílio das "Irmãs".